



VAMOS CONVERSAR SOBRE A MORTE NA EDUCAÇÃO?



**Instituto Federal do Rio Grande do Sul
-IFRS- Campus Porto Alegre
Mestrado Profissional em Informática na Educação**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

VAMOS CONVERSAR SOBRE A MORTE NA EDUCAÇÃO?

IVETE IARA GOIS DE MORAES

Orientadora Prof.^a Dr.^a MÁRCIA AMARAL CORRÊA UGHINI VILLARROEL.

**PORTO ALEGRE
2024**

VAMOS CONVERSAR SOBRE A MORTE NA EDUCAÇÃO?

Dissertação apresentada ao Instituto Federal do Rio Grande do Sul -IFRS- Campus Porto Alegre, junto ao Programa de Pós-graduação do Mestrado Profissional em Informática na Educação, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Márcia Amaral Corrêa Ughini Villarroel.

Orientanda: Ivete Iara Gois de Moraes

PORTO ALEGRE
2024

VAMOS CONVERSAR SOBRE A MORTE NA EDUCAÇÃO?

Dissertação apresentada ao Instituto Federal do Rio Grande do Sul -IFRS- Campus Porto Alegre, junto ao Programa de Pós-graduação do Mestrado Profissional em Informática na Educação, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Márcia Amaral Corrêa Ughini Villarroel.

Orientanda: Ivete Iara Gois de Moraes

Banca Examinadora:

Orientadora:

Prof.^a Dr.^a Márcia Amaral Corrêa Ughini Villarroel.
Instituto Federal do Rio Grande do Sul -IFRS-

Titular Interno 1:

Prof. Dr. Fabio Yoshimitsu Okuyama
Instituto Federal do Rio Grande do Sul -IFRS-

Titular Interno 2:

Prof.^a Dr.^a Josiane Carolina Soares Ramos
Instituto Federal do Rio Grande do Sul - IFRS-

Titular Externo:

Prof.^a Dr.^a Cristianne Maria Famer Rocha
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
PPGEDU- PPGENF/UFRGS-

Data de Qualificação: Realizada em 26 de Junho de 2023, às 08h30minh via remota.

Defesa da Dissertação: 08 de Julho de 2024 às 13h via remota.

M828 Moraes, Ivete lara Gois de
Vamos conversar sobre a morte na educação? / Ivete lara Gois de Moraes
– Porto Alegre, 2024.
146 f. : il., color.

Orientadora: Dra. Márcia Amaral Corrêa Ughini Villarroel

Dissertação (mestrado) – Instituto Federal do Rio Grande do Sul Campus
Porto Alegre, Mestrado Profissional em Informática na Educação, Porto
Alegre, 2024.

1. Informática na educação. 2. Morte. 3. COVID-19. 4. Violência na escola.
I. Villarroel, Márcia Amaral Corrêa Ughini. II. Título.

CDU: 004:37

Esta dissertação é dedicada especialmente aos professores, a cada uma das Vidas destes profissionais perdidas ou afetadas em consequências decorridas da Pandemia causada pela COVID-19 e, também às vítimas fatais da violência extrema ocorrida dentro do espaço escolar até o presente momento em que você estiver lendo estas palavras. As imagens da capa e contracapa tiveram a intenção de sinalizar um memorial respeitoso às vítimas e manter viva a necessidade de uma Educação para a Morte.

Além disso, espero que cada leitor perceba nesta escrita as angústias de uma profissão de excelência que está fragilizada, mas, que contribui ativa e significativamente para a construção de mundo, instruindo para além da escola, salvaguardando ensinamentos para a vida. Dedico cada palavra a estas pessoas que, mesmo desamparadas pelo sistema diante da pandemia e da violência escolar, não desistiram, persistem para além de uma relação laboral na docência, insistem por vocação, dando algo de si (de sua vida) para a edificação da Educação Humana e de consciência de/no mundo.

Sou muito grata a cada professor próximo ou distante que trilhou comigo o caminho desta escrita, especialmente aos três participantes que dedicaram seu tempo, sua fala, para dividir comigo “trechos” de suas Vidas. Contudo, meu agradecimento também é um singelo pedido de desculpas, por me aproximar de suas complexidades sem de fato ter subsídios para ampará-las de imediato com o adequado suporte, que exigiria uma reestruturação de todo um sistema, onde deveria haver um sustentáculo psicoemocional e multiprofissional para o amparo de fragilidades profissionais, humanas e sociais no mundo educacional, algo imediato, que foge à minha humilde intenção de pesquisa. Agradeço à minha mãe, Suely Terezinha Gois de Moraes, que apenas com o ensino Fundamental me ensinou o verdadeiro valor da Educação e a maior lição da Vida: devemos nos educar para a morte. Agradeço às minhas irmãs e irmãos e, à minha irmã de coração Neusa, especialmente ao meu sobrinho/filho Gabriel e minhas sobrinhas, pelos diálogos sobre a morte. Agradeço à Cláudia, pela paciência e amor ao trilhar este caminho ao meu lado, pela insistência em despertar um sorriso em meio a tantas exigências sérias e, pelos momentos de desconexão em meio ao (A)mar.

Agradeço às vivências em situações onde a Morte se fez presente em minha vida como Enfermeira, aos colegas de trabalho que estiveram presentes em toda minha história profissional junto ao enfrentamento assistencial em emergências. Agradeço à Psicóloga Ciomara Benincá, que me ensinou a ter amor pela escrita acadêmica e paixão pelas temáticas da Morte; à Sheila Stolz do Direito e Ana Meira da Psicologia com quem dividi o olhar sobre a questão paliativa, a todos os Professores da Enfermagem e da Psicologia, por estarem ao meu lado nos diálogos sobre a morte e o morrer. Muitíssimo grata à ilustre Prof.^a Dr.^a Cristianne Maria Famer Rocha da Educação e Saúde, que é um ser humano ímpar e, também ao seu Grupo Aberto de Orientação -GAO- onde os egos ficam de lado e se constrói o verdadeiro conhecimento científico da vida para o mundo. Agradeço aos professores e aos meus colegas do Mestrado Profissional em Informática na Educação -IFRS- por me ensinarem sobre os saberes e fazeres na Educação e, pelos diálogos sobre a morte o morrer e seus processos. Por fim, nesta busca e encontro do Mestrado, sou e serei imensamente grata a um ser humano tão sensível à Vida, que contribui para uma possível Educação para a Morte: minha orientadora: Prof.^a Dr.^a Márcia Amaral Corrêa Ughini Villarroel. Gratidão!

RESUMO

O texto desta pesquisa foi estruturado inicialmente pela relevância desta pesquisa para a vida que habita o mundo onde se ensina e se aprende no universo escolar do ensino médio em meio pós-pandêmico e, permeado pela invasão da violência social no ambiente escolar, por intempéries climáticas nos locais habitados pela escola, em lugares que põem em evidência um profissional em específico: o professor. Este é o sujeito que orienta nossa escrita, nossos objetivos e a problemática evidenciada nesta pesquisa onde, de acordo com este intuito, estruturamos todo o embasamento teórico de revisão sistemática direcionada pela temática da morte e do morrer. É importante salientarmos que todo o percurso metodológico foi pautado pela linha qualitativa e por um olhar fenomenológico de investigação, através da análise, reflexão e interpretação de diálogos realizados em entrevistas junto aos professores participantes. O objetivo principal foi de verificar, do ponto de vista de professores do ensino médio de duas escolas da rede pública de Porto Alegre a relevância de incluir a morte e suas temáticas, inclusive da violência escolar, nas diferentes disciplinas do currículo escolar de forma transversal, humanizada, natural e que promova um conhecimento útil para a vida. Além disso, nossa proposta final e devolutiva de pesquisa foi construir como produto final do Mestrado um e-book intitulado Thanatos no intuito de disponibilizar, com livre acesso e de alimentação constante, um material reflexivo e de diálogos construtivos em educação sobre a morte e o morrer, em diálogos que incluíram a educação e a Violência escolar, de forma reflexiva, sensível, crítica e humanizadora.

Palavras-Chave: Educação, Morte, COVID-19 e Violência Escolar.

ABSTRACT

The text of this research was initially structured by the relevance of this research to the life that inhabits the world where we teach and learn in the high school universe in a post-pandemic environment and, permeated by the invasion of social violence in the school environment, due to adverse weather conditions. In places where the school lives, in places that highlight a specific professional: the teacher. This is the subject who guides our writing, our objectives and the problem highlighted in this research where, in accordance with this intention, we structure the entire theoretical basis of a systematic review focused on the theme of death and dying. It is important to highlight that the entire methodological path was guided by a qualitative line and a phenomenological perspective of investigation, through the analysis, reflection and interpretation of dialogues carried out in interviews with the participating teachers. The main objective was to verify, from the point of view of high school teachers from two public schools in Porto Alegre, the relevance of including death and its themes, including school violence, in the different subjects of the school curriculum in a transversal way, humanized, natural and that promotes useful knowledge for life. Furthermore, our final and devolutionary research proposal was to construct, as the final product of the Master's Degree, an e-book entitled Thanatos with the aim of providing, with free access and constant access, reflective material and constructive dialogues in education about death and death. die, in dialogues that included education and school violence, in a reflective, sensitive, critical and humanizing way.

Keywords: Education; Death; COVID-19; School Violence.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|-------|
| Figura 1. Delineamento da Pesquisa | 27 |
| Figuras 2 Óbitos COVID-19 em 2024 | 47 |
| Figuras 3 Alguns exemplos de disciplinas que inseriram a morte em suas vivências e Conteúdos | 60 |
| Figuras 4, 5, 6, 7. Ilustração de Artigos Científicos com os descritores: Morte e Educação no Título: | 62-64 |
| Figura 8. Ataques às Escolas do Brasil | 66 |
| Figura 9. Registros de Porte de Arma no Brasil: | 67 |
| Figura 10. Sistemática do Processo Metodológico | 72 |
| Figura 11. Público Participante da Pesquisa | 76 |
| Figura 12.. Descrição dos participantes | 80 |
| Figura 13, 14 Idade, Gênero e Formação | 85-86 |
| Figura 15 Formulários | 87-88 |
| Figura 16 Ataques de violência extrema em escolas | 92 |
| Figura 17 Dados registrados pela FIOCRUZ (Fundação Oswaldo Cruz) | 98 |
| Figura 18 QrCode do E-book ThaNAThos: | 113 |
| Figura 19 Instagram ThaNAThos | 114 |
| Figura 20. Descrição de Storyboard do E-book ThaNAThos: | 115 |
| Figura 21 Representação do E-book ThaNAThos | 135 |
| CAPA: | 1 |
| CONTRA CAPA: | 145 |

***OBS:** Ambas (capa e contracapa) foram construídas com imagens públicas, obtidas online através da Ferramenta Google Imagens.

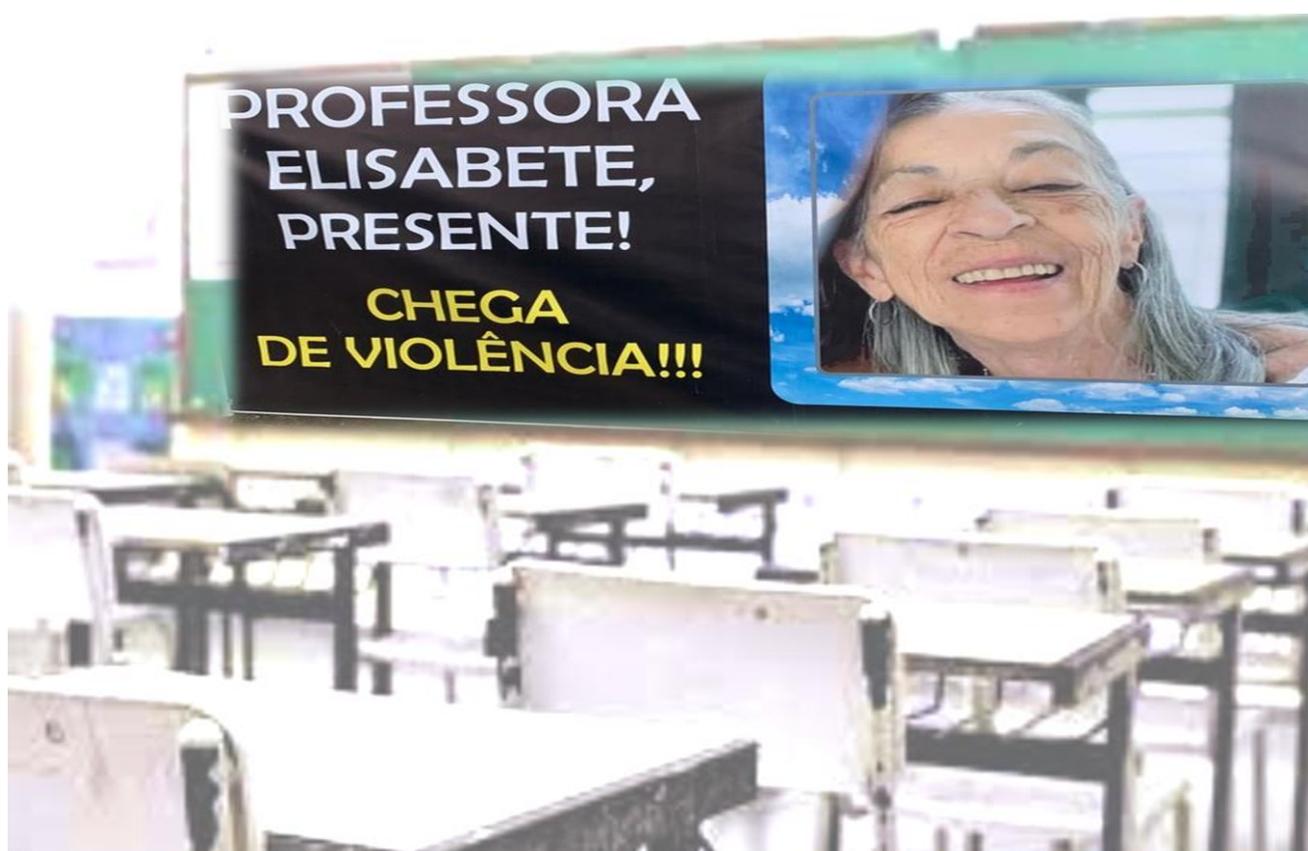
LISTA DE ABREVIATURAS

- IFRS- Instituto Federal do Rio Grande do Sul
- UFRGS-Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- CoVs - Coronavírus
- SARS-CoV-2- Vírus da família dos coronavírus que, ao infectar humanos, causa uma doença chamada COVID-19
- COVID-19- Doença infecciosa causada pelo coronavírus subtipo SARS-CoV-2
- E-BOOK- *Electronic book*, ou livro digital
- BNCC- Base Nacional Comum Curricular
- PPP's- Projetos Políticos Pedagógicos -PPP's-
- G1- Portal de Notícias da rede Globo
- OMS- Organização Mundial da Saúde
- ESPII- Emergências de Saúde Pública de Importância Internacional

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| 1. A morte e suas temáticas na vida..... | 14 |
| 1.1. Diálogos sobre a morte e seus processos..... | 16 |
| 1.2. Indagação principal e Objetivos da Pesquisa..... | 26 |
| 2. O tema interdito: A morte e o morrer..... | 30 |
| 2.1. Mantendo um diálogo com o referencial teórico de base | 35 |
| 2.2. Fundamentos Teóricos da Pesquisa | 41 |
| 3. Competências relativas à BNCC (Base Nacional Comum Curricular) diante da vida pandêmica | 51 |
| 3.1. Revisão sistemática de Pesquisa | 60 |
| 3.2 A violência que ceifa vidas na escola | 64 |
| 4. Delineamento Metodológico de Pesquisa..... | 71 |
| 4.1. Campo de Pesquisa | 73 |
| 4.2. Participantes da Pesquisa | 74 |
| 4.3. Procedimentos para coleta e Análise dos Dados | 76 |
| 5. A Morte na Vida, a Vida na Morte..... | 79 |
| 5.1. Produto da Pesquisa | 111 |
| 6. (in)Concluindo o Diálogo | 117 |
| REFERÊNCIAS..... | 125 |
| APÊNDICE..... | 134 |
| ANEXO | 145 |

1. A Morte e suas temáticas na vida



*Fonte: Google Imagens

(In Memoriam: Professora Elisabeth Tenreiro, de 71 anos. Presente!).

1. A MORTE E SUAS TEMÁTICAS NA VIDA

A vida, naturalmente, se resume do nascimento à morte. Ao nascer iniciamos nossa contagem regressiva rumo ao dia fatídico do fim de nossa existência material, esta é uma certeza universal. A partir disso, as incógnitas só podem se dissipar no campo do filosófico, do existencial e na esfera da espiritualidade. Nós nos damos conta deste fato em algum momento de nossas vidas, alguns antes, outros mais tarde e alguns, nem percebem esta constatação, vivem a vida como se a morte não existisse (não é o meu caso!). Aprendi a me dar por conta da possibilidade de morte aos cinco anos de idade, quando minha mãe, em plena data de 25 de dezembro me levou em visita ao meu pai, o qual estava em uma internação hospitalar paliativa (“doentes terminais ou desenganados” como denominavam no final da década de 70). Eu iniciei minha vivência consciente sobre a existência da morte, dias depois quando o ano novo principiava com novas promessas de vida e, a vida finalizava para meu pai. Momento em que minha mãe, mesmo sem saber, teve a noção de suporte psicoemocional ao luto e, me expôs à vivência de um “velório”, fato que lembro em detalhes, como se tivesse acontecido ontem e não há 46 anos. Hoje, agradeço a oportunidade deste ritual de despedida que contribuiu significativamente em minhas vivências e pesquisas sobre a morte e o morrer.

Algumas pessoas de outra geração, ao lerem este relato, devem imaginar que foi insensível da parte de minha mãe, expor a minha inocente infância a esta experiência que na maioria das vezes é vivenciada através da dor e do sofrimento. De minha parte, interpreto como algo que uma mulher sem nenhuma instrução superior de Graduação, teve o conhecimento da vida para me ensinar a lição mais humana que podemos vivenciar: a morte faz parte do ciclo vital. Viver o luto é necessário, não podemos negligenciar a dor que uma morte causa, é preciso sentir e chorar a morte, seja ela humana ou de outra ordem, de outro modo, só assim se faz possível celebrar o final de uma existência. Esta aprendizagem se iniciou naquele momento de minha infância e persistiu, persiste até hoje, se transforma, molda-se, evolui e será objeto de aprendizagem até a minha morte. Este panorama definiu minha inserção na enfermagem em 1991, minha primeira graduação em Enfermagem há 20 anos e minha recente Graduação em Psicologia, me colocando diante da morte, em suas mais diversas manifestações, constantemente.

Você consegue imaginar quantas vezes estive presente enquanto outros

seres humanos sentiam a última pulsação, a última expiração em seus pulmões, das mais variadas formas e em diferentes fases do ciclo vital? Eu, nunca contei vidas ou mortes, eu as sentia e sinto ainda, cada uma delas. De todas estas vivências com a morte, de alguma forma, as que mais me impactaram e ainda repercutem em meu interior são as vidas que desistiram pelo suicídio, as que mais me comoveram foram as despedidas paliativas que findaram olhando em meus olhos ou segurando minhas mãos, por não haver nenhum familiar presente. As que me causaram sofrimento foram às mortes violentas ou inesperadas, as que desafiaram a minha compreensão, foram aquelas vidas que jaziam nos braços de mães ou pais, indefesos, impotentes, as que despertaram meu desamparo foram aquelas que tiveram as vidas ceifadas em espaços humanos sagrados, que deveriam ser salvaguardados da maldade humana, como no ambiente escolar.

Todas as mortes que vivenciei, sem exceção, me fizeram e fazem respeitá-las, sentindo sua presença em algum lugar de minhas memórias. Em respeito a cada uma destas vidas, a cada uma destas mortes, que eu escolhi a morte como meu objeto de leitura e de escrita, como uma maneira de honrar a lição aprendida com minha mãe e, que pude ter a honra de aprimorar desde a Graduação até agora, lendo, vivenciando e escrevendo sobre a morte, dando sentido a cada diálogo, a cada vida, a cada despedida com a qual convivi direta ou indiretamente. Cada escrita que compartilhei, não fiz sozinha, cada palavra minha é (re)partida com e por todos com quem cruzei em meu caminho em algum momento, na Enfermagem, na Psicologia e, na minha história de Vida.

Esta escrita tem palavras das vidas de outras pessoas que compreendem, sob diferentes perspectivas e, com o mesmo sentimento humanizador, as questões advindas da morte e do morrer. Tenho enorme respeito e gratidão a cada uma destas pessoas, colegas da Enfermagem ou da Psicologia, familiares, amigos ou desconhecidos, professores, orientadores, pesquisadores ou autores, com os quais mantive diálogos e leituras sobre a morte e seus processos, pessoas com as quais referenciei e referencio minha escrita científica e, que tinham algo a dizer sobre a morte e o morrer, pessoas que não deixaram com que me sentisse sozinha nesta ou em outras escritas. Pessoas que compreenderam e compreendem a importância de falarmos, de escrevermos sobre a morte e suas temáticas, assumindo o compromisso de mantermos um diálogo naturalmente, onde a morte nos ensina lições para a vida. Algumas pessoas talvez se perguntem: - O que teria eu (Ivete) a

ver com o diálogo que relaciona a educação à morte, principalmente não sendo professora por profissão? Talvez, após a leitura desta dissertação, possamos em conjunto, refletir sobre possíveis análises e respostas a este questionamento. Compreender minhas intenções de escrita é fundamental para um diálogo humanizado, para o entendimento de que meu papel não é o de professora, mas de um ser humano que na condição atual de investigadora da temática da morte, divide reflexões sobre a morte humana como um acontecimento da vida e que habita o mundo escolar, colocando os professores em evidência neste processo de diálogo.

1.1 diálogos sobre a morte e seus processos

Quando você escuta a palavra “diálogo”, **qual o seu significado** para esta palavra? Observe que, para além de um componente linguístico há um significado internalizado, cheio de sentidos na assimilação do locutor e impregnado de culturalidade e percepções da interpretação receptiva das diferentes expressões e impressões para cada um que recebe e processa mentalmente esta palavra. Diante deste ato, ao dialogar e interagir, “o diálogo e a problematização não adormecem a ninguém. Conscientizam” (Freire, 1983, p. 36). Nesta conexão, a mensagem de conscientização implícita e explícita pode ou não ter interesses definidos nas informações compartilhadas, assim como a decodificação da mensagem depende da identificação entre ambos, locutor e receptor, dos elementos de captação, do tipo de linguagem utilizada, de fatores conscientes e inconscientes e suas significações culturais, sendo conectada a um terceiro significado, a interpretação individual e coletiva ou a interligação de ambas, como resultados.

O diálogo neste emaranhado complexo é atravessado por sentidos, constrói-se através das figuras que envolvem e se envolvem na comunicação, se interligando por certa tensão, que é necessária e crucial em relação ao potencial da essência dialógica, impregnando a conversação pelo contexto onde ela se materializa ou idealiza. Esta tensão é o que propõe a singularidade interpretativa do diálogo, explicitando a noção de concordância, discordância ou aceitação dos fatores contraditórios envolvidos, das particularidades consumadas em perspectivas de argumentação e retóricas de harmonização pelo sentido coletivo da concepção contextualizada. Neste contexto, a conversação na visão Freiriana propõe a interpretação de que,

o diálogo não é um produto histórico, é a própria historicização. É ele, pois, o movimento constitutivo da consciência que, abrindo-se para a infinitude, vence intencionalmente as fronteiras da finitude e, incessantemente, busca reencontrar-se além de si mesma. Consciência do mundo, busca-se ela a si mesma num mundo que é comum; porque é comum esse mundo, buscar-se a si mesma é comunicar-se com o outro. O isolamento não personaliza porque não socializa. Intersubjetivando-se mais, mais densidade subjetiva ganha o sujeito (Freire, 1987, p. 9).

Esta compreensão é necessária para contemplarmos a importância do que o diálogo representa na construção de um conhecimento validado por vivências de mundo na contemporaneidade impregnada pelas singularidades causadas pela COVID-19¹ e por situações onde a violência extrema invadiu o ambiente escolar evidenciando a morte de forma imprevisível, de maneira impactante, causando um sofrimento ainda “silenciado”, objeto de uma dor não elaborada. As temáticas da morte atravessaram os muros da escola, não só através da possibilidade de contaminação causada pela COVID-19, mas por inúmeras perdas humanas de alunos, professores e familiares que se somam ao crescente número de pessoas que abruptamente perderam ou tiveram suas vidas interrompidas, abreviadas de forma imprevisível e/ou violenta dentro da escola.

É pertinente ressaltar o massacrante número de perdas e sequelas desencadeadas às vidas humanas dos sobreviventes desta pandemia e da própria violência escolar. São números e estatísticas que ainda estão sendo contabilizadas diariamente, as quais (re)produzem atravessamentos desta problemática na vida de cada envolvido e seu entorno, inclusive dentro da escola e internalizados na vida de todos os professores. Produzindo e reproduzindo uma complexidade inegável, um sentimento de medo que revela toda a fragilidade diante da realidade do mundo, a impotência individual sobre questões coletivas de segurança, um emaranhado constante onde os professores sentem-se angustiados e impotentes.

Em relação à pandemia, é possível concordar que o coronavírus produziu uma contaminação que se alastrou “viajando” por terra, ar e mar e, conseqüentemente constituiu Emergências de Saúde Pública de Importância

¹ A situação, que se julga originada no mercado em Wuhan na China em finais de 2019, foi paradigmática de como as doenças zoonóticas podem facilmente emergir e propagar-se muito rapidamente. Como referido anteriormente, o contacto próximo entre o Homem e espécies animais exóticas, o confinamento destes e sua manutenção fora do habitat natural e em locais com elevadas densidades populacionais, a ausência de controle sanitário dos animais de consumo e a ausência de implementação de medidas de biossegurança e de bem-estar animal, propiciam os eventos de transmissão inter-espécie cujas conseqüências podem ser potencialmente catastróficas, como estamos a experienciar desde novembro 2019. Esta é uma oportunidade real para alterar a relação do Homem com a Natureza e mitigar o risco de futuras pandemias. (DUARTE et al, 2020).

Internacional (ESPII) desde 30 de janeiro de 2020², quando a OMS declarou haver um risco para a Saúde Pública internacional devido à rápida dispersão da doença através de pessoas contaminadas pelo vírus. As mortes ocorridas e contabilizadas desde então modificaram toda a “normalidade humana”, produzindo outra configuração e comunicação que, predominantemente, esteve atrelada à inserção das tecnologias em todas as instâncias, desde comunicação pessoal via internet, até novas tecnologias que pudessem ser de uso diagnóstico e de fácil manipulação pelo público leigo, como por exemplo, em métodos de testagens que passaram a ser comercializadas popularmente (exame para detectar a doença causada pela COVID-19 de modo autoinduzido). Além disso, é inegável a disseminação de tecnologias biológicas de vacinas sob o controle da Organização Mundial da Saúde (OMS), que indiscutivelmente desaceleraram o número de óbitos causados pela COVID-19, salvando vidas humanas.

Os diferentes cenários mundiais ilustraram mortes televisionadas, desespero em meio a hospitais, um caos pandêmico onde todos puderam observar a importância elementar do oxigênio para a vida humana. Onde as lágrimas causadas pelo sofrimento da incapacidade em respirar afetaram a todos nós, não havendo quem não estivesse diante de um panorama caótico onde a fragilidade da vida se deparou e se depara com as possibilidades de morte ante a inspiração e a expiração caótica do mundo na coletividade. Você se lembra das imagens do auge da pandemia? Das filas de ambulâncias em Emergências do mundo todo ou dos enterros coletivos? Do caos mundial onde quem morria era obrigado a estar em isolamento sob paredes brancas e rodeado por desconhecidos paramentados que sequer podiam dar um aperto de mãos sem luvas de proteção? Certamente, todos nós perdemos algo ou alguém quando tantas vidas contabilizaram e produziram estatísticas de perdas humanas nesta pandemia e nestes tempos onde a violência social invade espaços do coletivo de formação educacional, não só no Brasil, mas no mundo.

Não se iluda, ninguém saiu ileso desde dezembro de 2019, estas cicatrizes foram coletivas, não há como nos olharmos no espelho sem enxergar o reflexo destas dores, sem observarmos a solidão de ausências inesperadas. Sobrevivemos, mas a morte passou a ser parte de nosso cotidiano, não como algo banalizado, mas

² OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde. **Histórico da pandemia de COVID-19**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19> Acesso em 28 de Out. 2022.

como uma potência que nos fez perceber nossa própria finitude, este é um sentimento em escala global e, com toda sua intensidade de um estranho arrebate. Basta fazer uma pesquisa rápida na internet, para constatar o quanto estas mortes são significativas, porque elas têm múltiplos sentidos, são tragédias marcantes em nossas vidas. Esta é uma constatação que propõe a urgência de que um verdadeiro diálogo esteja atrelado à ética com a vida, para que possamos vislumbrar a possibilidade de sermos “educados para a morte e seus processos diante da vida”, para que a morte seja incluída nas teorias do ciclo vital, sensível e definitivamente, desde a Educação Básica até a formação acadêmica e profissional.

Sob outro ângulo que impacta na educação, simultaneamente ao impacto pandêmico, não podemos deixar de olhar para a violência social que invadiu o espaço escolar vitimando a vida e a integridade física das pessoas, tanto dos estudantes quanto dos professores e colaboradores escolares, nem para questões como o suicídio que é uma realidade enfrentada na educação. Obviamente, nesta escrita não nos deteremos na violência social, na sua transgressão da ordem moral e ética pela vida civilizada, contudo, é necessário reconhecermos que o confronto entre a violência social e os espaços que deveriam proteger os inocentes, revela um atentado à integridade física, psicológica e social, em que a ação de alguns (agressores) se sobrepõe ao direito e à liberdade de outros no espaço escolar. Neste sentido, é preciso que nos posicionemos diante de fatos, confrontando perspectivas sociais, políticas, psicológicas, religiosas e espirituais, econômicas, onde estamos inseridos e onde a escola se faz objeto de convívio. Revendo nosso posicionamento, nossas convicções, a partir do reconhecimento de que

Ressentimento, complexo de culpa e disseminação do ódio se espalharam de tal modo que hoje, se assiste o espelhamento das palavras de muitos apologistas da violência de outrora que espalharam afetos de medo e de ódio e fomentaram/provocaram atos de violência juvenil gratuitos, o que endereçou pânico aos pais e temor ao espaço escolar de acordo com uma ideia que precisa urgentemente se discutir (Silva, 2023, p. 10).

Neste cenário, seja no seio social ou na formação acadêmica, teoricamente a escola compõe um centro de formação intelectual, de desenvolvimento e aprendizagem, um espaço basicamente constituído por segurança e proteção, um ambiente de integridade à vida, sob todas as circunstâncias, tempos e espaços dentro dos muros escolares, sob diferentes perspectivas, de forma ideal. Todavia, não é possível afirmarmos que este tempo e espaço escolar está salvaguardado das

atribuições do mundo real, pois, nos preocupa reconhecer que “a violência é um fenômeno que está presente na sociedade há muito tempo, em nosso dia a dia ouvimos relatos em vários locais, seja na mídia, no ambiente familiar, no trânsito, na internet, no entorno e dentro das escolas” (Graupe; Silva; Maurenre, 2022, p. 2). De fato, a violência está imbricada na natureza humana, de forma que reconhecemos que nunca será erradicada por completo, contudo, quando a violência estrutural repercute no cotidiano escolar, eclodindo em um efeito borboleta em professores, alunos, na comunidade escolar, todos os limites sociais sofrem um impacto, sinal de que ultrapassaram limites que deveriam ser salvaguardados, legalmente ilibados.

As diferentes formas de violência, seus atributos diretos e indiretos, seus subterfúgios banalizados pela contemporaneidade de conflitos sociais, reproduzem na escola a violência que se tornou cotidiana nas mídias, nas redes sociais, nos espaços de convivência, na sociedade. É como se estivéssemos à mercê de uma violência que nos encarcera, cerceando-nos da segurança à vida, do direito a uma educação que deveria estar resguardada, não deveria ser atacada em seu exercício de convívio saudável, em seu processo de constituição humana e promoção de cidadania. A violência da sociedade invade o espaço escolar e, a violência que pode existir no espaço escolar, repercute na coletividade, portanto,

compreender as violências educacionais torna-se fundamental, pois o que ocorre na escola reflete na sociedade e as consequências são decisivas para a vida de todas as pessoas, por isso é necessário pesquisar e estudar sobre a prevenção e o enfrentamento das violências. Atitudes autoritárias são frequentes, regras rígidas para manter a disciplina, intimidação, coação, constrangimento de crianças e adolescentes precisam ser substituídas por outras regras de convivências, propiciando espaços de diálogo e acolhimento, para que as crianças e os adolescentes tenham condições de identificar situações que desencadeiam ações violentas no contexto educacional (Graupe; Silva; Maurenre, 2022, p. 2).

Assim como a violência, a morte é uma questão da própria vida humana. Violência e morte, não estão à margem da vida escolar no plano real, manifestam-se em diferentes contextos, com diversas consequências em vários níveis dentro do ambiente escolar, portanto não pode estar a margem do plano teórico de conhecimento. O cenário pandêmico somou-se a estes eventos e teve como agravante da violência social, comprometendo o sagrado³ espaço escolar, exigindo

³ Entendemos no contexto deste texto, “sagrado”, não com um vínculo religioso ou espiritual. Compreendemos a escola enquanto espaço digno de respeito por se tratar de um local e de um tempo de formação para o ser humano, em toda a sua complexidade individual e coletiva, que

que nos voltemos para estas demandas urgentes. Após todo o sofrimento causado pelas mais de 700 mil mortes decorridas na pandemia causada pela COVID-19, em abril de 2023, foi necessário lembrarmos momentos onde a dor foi vivenciada no coletivo da escola e na sociedade, após ataques violentos arquitetados no cenário nacional⁴, onde a violência sem limites materializou-se e ceifou vidas inocentes. É urgente que vislumbremos estes cenários, para sairmos da passividade e banalização destas realidades! Não entraremos no mérito de descrever aqui fatos notórios de violências disseminadas nas escolas, visto que estes foram e são descritos e digitalizados nas mídias nacionais e internacionais. Contudo, é impossível não nos atermos às suas consequências e implicações relacionadas às questões sobre a morte e a manifestação da violência como forma de agressão física e à vida de professores dentro de seu ambiente laboral. Esta é uma realidade noticiada, vivenciada, que aterroriza o público escolar, que evidencia a fragilidade da vida de um professor no exercício de sua profissão. Há exemplos concretos de pesquisas de cunho científico que denotam esta realidade e, neste sentido, é urgente ressaltarmos que,

quando olhamos para a progressão dos ataques a escolas, vemos um crescimento muito acelerado, com 10 dos 22 ataques que pudemos identificar desde 2002 acontecendo nos últimos 13 meses. Se incluíssemos na lista as tentativas frustradas, o número subiria assombrosamente (Prado, 2023, p. 3).

Este crescimento acelerado onde o “monstro” da violência tem apavorado dentro do ambiente da escola nos últimos anos, arrebatando vidas humanas por força de violência, sem pedir licença, ultrapassou os muros escolares, de forma brutal. A escola, neste contexto de violência, passou a ser reconhecida como ambiente de temor pela vida e de medo da morte, disseminando entre professores, colaboradores, alunos, familiares e comunidade, a fragilidade que expõe os cenários escolares à mercê das consequências do cenário político, econômico, social e cultural da contemporaneidade. Ninguém se sente seguro, dentro ou fora dos muros escolares. A insegurança e o medo espreitam o cotidiano de professores, alunos, da equipe multiescolar, todos acuados pelo medo de um atentado à integridade da vida e risco de morte iminente, pelo pânico de uma invasão violenta no espaço escolar.

repercute individual e coletivamente no presente e no futuro. Neste sentido, reverenciamos os professores enquanto formadores dentro deste fenômeno.

⁴PRADO, Michele. **Extremismo violento em ambiente escolar**. Ver informação e dados científicos disponíveis em: <https://www.monitordigital.org/2022/08/12/nota-tecnica-15-estimativa-de-publico-na-manifestacao-pela-democracia-11-08-22/> Acesso em 23 de Abr. 2023.

A violência à qual nos referimos, não é somente natural da escola, mas é impactada por modelos sociais dentro do ambiente escolar de modo significativo, agregando sequelas físicas, psicoemocionais, sociais, espirituais, econômicas e, principalmente, trazendo implicações ao processo de ensino e de aprendizagem na vida individual ou e no coletivo da escola que irão perdurar pela existência. Esta é uma constatação, da qual pesquisadores da educação estão cientes, pois, conforme constatado por Oliveira e Becker (2023, p. 259), “a violência escolar é um motivo de preocupação social, pois, pode estar associada a problemas emocionais e de aprendizado, além de dificultar o processo de formação para a vida social do indivíduo”. Esta vida social exige que estejamos preparados para com a possibilidade da morte a partir do ciclo vital, igualmente nos obriga a enfrentar a morte como um ato inesperado, conseqüente destes tempos onde a violência assumiu uma proporção de alcance nos espaços onde deveria haver absoluta seguridade e respeito à vida. Este objeto que se impõe entre a vida e a morte, é notório na relação espacial de acréscimo na relação estatística entre o índice de violência urbana em comparação ao equivalente índice de violência escolar (Oliveira; Becker, 2023, p. 274). Comparativamente, a violência social de espaços urbanos invade os espaços escolares em uma proporção que fragiliza as possibilidades de proteção dentro do ambiente escolar. Esta é uma complexidade para a qual se faz pertinente compreendermos que

a escola é um ambiente de socialização e de aprendizagem que, na contemporaneidade, tem se deparado com questões relacionadas à violência, presentes na sociedade como um todo e que tem reflexos na escola. A violência contra a escola, da escola e na escola são exemplos de manifestação deste fenômeno (Duvernoy; Souza, 2023, p. 240).

Este fenômeno onde a violência arrebatava o espaço escolar através de agressor(res) e seus atos violentos, culminam por levar sua(s) vítima(s) à morte, é observável, passível de ser analisado atualmente, para que possamos nos conscientizar da necessidade urgente de uma futura transformação social que promova uma educação que respeite e preserve vidas. Assim, remodelando a questão social a partir de um olhar acadêmico e científico, compreendido sob uma visão coletiva, com vistas a transformações de atitude política e educacional, para que tenhamos a possibilidade de proteger o espaço escolar, seja público ou privado, precisamos olhar de frente para estas mortes, **não podemos nos esquivar**, não

podemos banalizar a violência e seguir nossas vidas como se não fosse urgente uma tomada de consciência que valorize a vida, sob todos os ângulos.

Assim como **não podemos negligenciar as vítimas da pandemia causada pelo COVID-19** no Brasil, onde se somam mais de 709.765 (setecentos e nove mil e setecentos e sessenta e cinco) pessoas mortas até a presente data de hoje, 20 de Fevereiro de 2024⁵. Não podemos deixar de relatar que, desde o ano de 2.000 até 2023, o número de professores e alunos mortos devido à violência, é de 41 (quarenta e uma) pessoas mortas, além de 71 (setenta e uma) pessoas com sequelas devido a ataques violentos ocorridos dentro do ambiente escolar⁶. Todos estes números, na verdade são vidas, estas vidas interrompidas, independente do fenômeno de causa, são mortes que impactaram significativamente no ambiente escolar, na vida acadêmica, no mundo em que vivemos, direta ou indiretamente. Ressaltamos que: -Pensar que as mortes ocorridas na pandemia dariam outro sentido à vida e à morte foi uma utopia! A violência e o atentado contra a vida não foram minimizados, nunca estiveram tão evidentes nas escolas Brasileiras. A valorização à vida, às vidas no coletivo, não teve um impacto significativo no que tange à concepção do que compreendemos como passível de nos aproximarmos de um mundo mais coerente, justo, igualitário, consciente de uma humanização social após o impacto das consequências pandêmicas causadas pela COVID-19.

Reiteramos que, estas **mortes são uma questão da própria vida**, da própria sociedade que segue vivendo, da própria escola que continua a existir, a ensinar e aprender neste tempo e espaço em que estamos momentaneamente inseridos, todos nós, impossibilitados de combater neste confronto individualmente, implorando por soluções definitivas na coletividade, esperando soluções locais que impactem globalmente de forma a preservar a vida. Para além da pandemia causada pela COVID-19 e da violência que invadiu as escolas, trazendo consigo a morte de colegas, professores, de pessoas que deixaram lacunas, devemos compreender a necessidade de um entendimento amplo sobre o ciclo de vida, incluindo a morte como um objeto de ensino, de estudo, análise, reflexão para uma aprendizagem significativa do processo vital. Sendo a morte uma questão da própria vida, a vida

⁵ CONASS- Conselho Nacional de Secretários de Saúde. Disponível em: <https://cieges.conass.org.br/paineis/listagem/situacao-de-saude-da-populacao/casos-e-obitos-covid-19> Acesso em 20 de Fevereiro de 2024.

⁶ ESTADÃO, Jornal. Ataques em Escolas do Brasil mataram 41 alunos e professores desde o início de 2001. Jornal o Estadão, Estado de São Paulo, online. Disponível: <https://www.estadao.com.br/brasil/ataques-escolas-vitimas-brasil-nprm/> Acesso em 24 de Abr. 2023.

não pode marginalizar a morte, nem a morte pode ser uma questão obrigatoriamente naturalizada para a vida. Sob o risco de banalizarmos o tema, a morte deve ser dialogada de forma natural, não naturalizada. Tratar sobre a morte é tratar sobre a vida, escrever sobre a vida é reconhecer a ligação entre ambos os extremos, nascimento e morte, como um fenômeno constantemente presente.

Não há um método único de ensino para dar conta dessa temática, este é um processo multicultural, em que cada um dá um sentido ao que ensina e ao que aprende, onde todos são aprendizes e mestres e, nesse contexto, sentir, sofrer diante deste diálogo, é simplesmente natural. Tal sentimento não pode ser evitado, por ser um diálogo vivencial que irá repercutir além de uma disciplina, estará atrelado àquilo que aprenderemos e que será significativo até nossa própria morte. Este diálogo necessita acontecer de forma harmoniosa, contudo, “essa mudança reside na desbarbarização da humanidade, mas, para isso, é preciso que a sociedade e a escola se conscientizem disto” (Almeida, 2023, p. 183). Estas são transformações urgentes na escola, na vida, no mundo. Não podemos mais nos omitir de contribuir com a nossa parcela desse diálogo. O que você tem a dizer é tão significativo quanto o que a outra pessoa terá a falar sobre a morte para que você escute, não há nenhum roteiro, nenhuma resposta pronta, para esta ou qualquer questão a respeito destas temáticas existenciais. O fato é que só precisamos ter a consciência de que somos humanos, para tratarmos sobre a morte e a violência de forma ética, consciente e globalizada.

Tais construções dialógicas são interações de conhecimentos com conteúdos imprescindíveis na vida do mundo e no mundo da escola. Contribuem significativamente para o desenvolvimento humano relativo e relacional à existência como forma de expressão e de impressão do ser humano em sua constituição da realidade percebida e vivenciada existencialmente, exigindo um olhar qualitativo para captar as singularidades do proposto. Assim sendo, salientamos que **o texto desta pesquisa foi estruturado** inicialmente pela relevância desta pesquisa para a vida que habita o mundo onde se ensina e se aprende no universo escolar do ensino médio em meio pós-pandêmico e, permeado pela invasão da violência social no ambiente escolar, por intempéries climáticas nos locais habitados pela escola, em lugares que põem em evidência um profissional em específico: **o professor**. Este é o sujeito que orienta nossa escrita, nossos objetivos e a problemática evidenciada

nesta pesquisa onde, de acordo com este intuito, estruturamos todo o embasamento teórico de revisão sistemática direcionada pela temática da morte e do morrer.

Acreditamos que, partir da morte inserida na vida, o ser humano “temporaliza-se”, de maneira especial, no tempo e espaço pós-pandêmico, refletindo a partir das problemáticas impostas, ações humanizadoras de uma educação para a morte inserida no ciclo vital (Freire, 1999, p. 48). A partir deste conhecimento reflexivo, quem ensina (o professor) estaria construindo um instrumento emancipador para a liberdade de quem aprende (o aluno), moldando conhecimentos às necessidades da vida e da morte, promovendo uma ação reflexiva dos seres humanos sobre o mundo para transformá-lo sob uma perspectiva de introspecção, dando sentido para a inserção da morte na vida e dando vida ao sentido da morte na educação (Freire, 1987). Esta escrita contém um olhar múltiplo sobre a temática desenvolvida na esperança de que não apresentamos um estudo exclusivo ou uma pesquisa idealizada, partimos do princípio de que já existem várias publicações de experiências junto a diferentes disciplinas da educação que trabalharam a morte e a violência de forma específica no mundo escolar e na literatura científica, as quais estão dispostas em publicações disponíveis em vários mecanismos científicos impressos ou online.

1.2 Indagação principal e objetivos da pesquisa

Diante de todas as reflexões realizadas anteriormente, o presente projeto de pesquisa teve como indagação principal o seguinte questionamento: - Os professores do ensino médio de escolas públicas de Porto Alegre consideram válido e relevante incluir a morte e suas temáticas, inclusive a violência escolar, nas diferentes disciplinas do currículo escolar de forma transversal, humanizada, natural e que promova um conhecimento útil para a vida?

É importante salientarmos que todo **o percurso metodológico foi pautado pela linha qualitativa e por um olhar fenomenológico de investigação**, através da análise, reflexão e interpretação de diálogos realizados em entrevistas junto aos professores participantes. É importante esclarecermos que inicialmente estes “diálogos” tiveram apenas um caráter investigativo, não havendo um caráter de resolutividade ou de respostas somente a partir das pesquisadoras, pois os próprios entrevistados fazem parte da interrogação e de possíveis respostas. De forma

prática, a organização deste texto de projeto de dissertação está de acordo com o ilustrado a seguir:

Figura 1. Delineamento da pesquisa



Fonte: Construção da autora, 2024.

Objetivo geral

Ressaltamos que, a presente pesquisa foi desenvolvida por meio de uma metodologia qualitativa, cujo detalhamento será realizado em capítulo específico para tal finalidade. Nosso objetivo geral pretende:

✓ Verificar, do ponto de vista de professores do ensino médio de duas escolas da rede pública de Porto Alegre a relevância de incluir a morte e suas temáticas, inclusive da violência escolar, nas diferentes disciplinas do currículo escolar de forma transversal, humanizada, natural e que promova um conhecimento útil para a vida.

Objetivos específicos

- ✓ Constatar a presença ou problematizar a ausência de temáticas que envolvem a Morte e a violência escolar nos currículos e conteúdos do ensino médio de duas escolas da rede pública de Porto Alegre, na perspectiva de um diálogo entre a teoria e práxis transversal e humanizada;
- ✓ Construir uma ferramenta digitalizada (e-book intitulado Thanathos) que sensibilize e promova uma educação para a morte como práxis humanizada e humanizadora, de forma colaborativa.

A partir destes objetivos, é oportuno esclarecer que compreendemos a **prática humanizada e humanizadora** de educação como sendo aquela que reflete e se reflete no mundo, possibilitando transformações onde os sujeitos têm ações críticas e reflexivas sobre o ensino e a aprendizagem, evoluindo e considerando as experiências de mundo no coletivo social e no mundo da sala de aula, um adjetivo ao mundo particular. Este é um **letramento necessário: apreender a morte com um sentido de vida a partir da escola**, onde é essencial a perspectiva Freiriana de que “a partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a” (Freire, 1999, p. 50). Nesta construção não poderemos limitar a questão da finitude, pois, a morte invoca questões elementares ao ser humano, propondo um enfrentamento junto aos instintos de vida, promovendo uma observação de si, do outro e de mundo conectado a um enredo composto por questões humanas complexas que são vivenciadas tanto no panorama acadêmico quanto no mundo laboral, atuando na vida do cotidiano de cada um de nós e na existência da morte.

É necessário salientar que quando os participantes se utilizaram dos momentos de coleta de dados para dialogarem, foi conservado o devido respeito da pesquisadora como ouvinte e observadora, acolhendo as reflexões sem intervenções diretas, de forma a contribuir futuramente com um objeto colaborativo de devolução da pesquisa, ou seja, através do produto a ser desenvolvido como resultado do mestrado. Além disso, é um compromisso das pesquisadoras realizarem futuramente a devolução dos resultados para as Instituições participantes de alguma forma, podendo ser compartilhada com os participantes da pesquisa (professores, psicopedagogos e equipe administrativa das Instituições escolares

envolvidas) de forma direta ou indireta. Esta é uma forma de responder aos possíveis questionamentos, além de fornecer um suporte aos sentimentos despontados com a pesquisa, encaminhando possíveis articulações. Contudo, reiteramos que não houve nenhuma problemática que exigiu intervenção e encaminhamento imediato durante a pesquisa, ou possíveis danos observáveis ou perceptíveis durante os processos das entrevistas realizadas.

Por fim, reiteramos que a educação humanizada e humanizadora, conectada a uma teoria e práxis transversal, na nossa perspectiva é um meio para que as diferentes disciplinas do conhecimento estejam articuladas, onde saberes e fazeres se complementem, dando sentido ao todo e valorizando as partes de uma mesma aprendizagem. Contextualizando, na visão do sujeito do ensino e da aprendizagem, esta seria uma “educação que o colocasse em diálogo constante com o outro. Que o predispuesse a constantes revisões. À análise crítica de seus achados”. Onde a educação tradicional seria acrescida de transformações que contemplassem a renovação de práticas e desse sentido e vida a suas teorias (Freire, 1999, p. 97). Para além da teoria, a práxis deste contexto seria pautada por uma conscientização da finitude humana, enquanto o ato de ensinar pulsa, vibra e está próximo dos sentidos e sentimentos de alunos e professores, onde a aprendizagem seria a inspiração, o coração e pulmões, ambos sustentariam um conhecimento vivo, onde a morte teria seu espaço de ensino e aprendizagem, dando sentido ao processo como um todo. Esta é uma possibilidade real, onde acreditamos que os professores são sujeitos ativos e com propósitos definidos para uma educação que contemple a complexidade humana, não só de onde a violência e a morte são oriundas, mas de onde há elucubrações possíveis para soluções humanitárias que perpassam pela própria educação e, em prol da própria educação, promovendo a qualidade de vida e a dignidade diante da morte, especialmente a partir de um ciclo vital natural, permeado por uma educação humanizada e humanizadora, nunca negligenciando possíveis pandemias ou catástrofes naturais ou de violência que se tornaram uma realidade a nível local ou mundialmente e, que potencializam a necessidade de uma educação para a morte e o morrer como proteção à vida.

2. O tema interdito: A morte e o morrer.



Fonte: Google Imagens

(In Memoriam: Professor Júlio Cesar Barroso de Sousa, 41 anos. Presente!)

2. O TEMA INTERDITO: A MORTE E O MORRER

De uma maneira simples, quando falamos no termo “interditar”, remetemos o pensamento a impossibilidade de uma pessoa em administrar sua vida, seus bens, sua individualidade, tendo que reportar esta possibilidade a outrem, conforme a maioria dos dicionários define. “Neste sentido, ao (não) falarmos na morte, “terceirizamos” este tema ao divino, ao místico, ao mistério do qual nos questionamos desde a adolescência e que “comanda” nossos medos mais primitivos, evitamos ter esta conscientização, naturalmente, como seres finitos. Culturalmente, a morte é um tema relegado ao interdito, como constatou Rocha (2023) ao discorrer sobre a temática. Concordamos. Este tema “interdito” se dá desta forma pelo fato de ser dependente do sentido, da interpretação e da vivência humana singular e plural, projetando-se na interpretação construída culturalmente através de nossa explanação de mundo e, no mudo onde a morte habita a vida, onde a vida dá sentido à morte, a morte onde estamos todos expostos enquanto uma condição humana singular.

A partir deste momento, em uma árvore aleatória de conceituação simplificada, teceremos esta escrita com retalhos de conceitos relativos à temática da morte sob diferentes perspectivas de crenças e culturas globais, a partir de artigos publicados online, em diferentes periódicos, durante o período de 2019 a 2023. Faz-se importante salientar que, serão apenas olhares singulares, porém significativos, talvez unilaterais e, portanto, não podem ser compreendidos como verdades absolutas ao se avaliar posicionamentos culturais limitantes ou limitados, são ângulos que contemplam a morte em diferentes aspectos culturais, sem nenhuma intenção de generalizar conceitos, mas com o intuito de lançar um viés de entendimento singular sobre o mundo contemporâneo e a questão da morte. Utilizaremos negrito para destacar o local proveniente da publicação, ressaltamos que o encontro de autores foi ocasional, sem nenhuma intenção ou demarcação além da procura pelos descritores: morte e o nome de cada país pesquisado.

Iniciamos pelo estudo de Pribadi (2023), ao abordar a temática da morte junto à pacientes **muçulmanos indonésios** com câncer de pulmão, chegando à conclusão de que o entendimento sobre a “boa morte” requer que possamos compreender que a morte não é uma questão individual somente, é um processo que envolve familiares, amigos e suas próprias crenças, que despontam para

prioridades individuais em consonância com os coletivos individualizados. Este emaranhado de crenças, construídas no decorrer de toda a vida do indivíduo que morre e daqueles que presenciam sua morte, eclode em um mar de memórias, de sentimentos e de vivências no momento de encontro com a morte, seja de si ou de outrem. A morte está para além do próprio indivíduo e sua finitude.

Ao nos aproximarmos da morte na perspectiva do **Japão** nos debruçamos sobre a questão do ciclo vital relacionado a longevidade, pois, como constata Higo (2022), o país está com uma população idosa atingiu uma grande parcela da atual população, fator devido inclusive ao rigoroso controle de natalidade ligado às políticas de saúde e questões culturais, econômicas envolvidas, evidenciando o envelhecimento e a morte como conteúdo social. Neste sentido, o país se tornou o que o autor define como “uma sociedade carregada de morte” onde há uma preocupação atual e justificada em desenvolver uma estrutura nacional que impliquem em decisões de fim de vida na perspectiva da Saúde Pública em uma sociedade japonesa hiperenvelhecida. Notoriamente, o Japão, que sempre encarou a questão da morte em sua história e cultura, defronta-se com uma nova faceta que exigirá uma transformação de políticas de enfrentamento não só da morte no contexto individual, mas primordialmente a partir de um contexto coletivo de sustentabilidade.

Em um contexto para além do envelhecimento, é preciso associarmos a morte no contexto paliativo chinês, onde Fu e Glasdam (2022) analisaram publicações em diferentes periódicos relacionados ao conceito da “boa morte” impactado pelas diferenças culturais entre a concepção chinesa tradicional e seus rituais individuais relacionados a morte. Concluíram que houve uma importação de conhecimentos, técnicas e tecnologias de políticas dos cuidados paliativos que influenciam uma ocidentalização da assistência a pessoas que estão em medidas paliativas na **China contemporânea**. Além disso, os autores evidenciaram que a Comissão Nacional de Saúde da República Popular da China preocupou-se com o encorajamento e engajamento de pessoas em situação paliativa na tomada de decisões junto à suas equipes assistenciais de saúde paliativa. Em contrapartida, o morrer e a morte eram confrontados sob um olhar à luz de interpretações arraigadas culturalmente pelo budismo, confucionismo e o taoísmo onde há um silenciamento sobre a morte e morrer, onde este acontecimento seria uma transição para outra vida, não considerado um fim absoluto. Um momento que é consagrado por rituais e

crenças velados e, onde a perspectiva da morte e do morrer são avaliados como socialmente dependentes e conflituosos entre a lógica médica e os saberes tradicionais.

Fazendo um parêntese existencial nesta escrita, note-se a questão da morte a partir da visão filosófica e cultural **Indiana**, onde o corpo é apenas um invólucro que é consumido pela terra, água ou mar, pois o espírito ou alma está destinado ao renascimento (Singh, 2020). Este é um entendimento pertinente, que nos coloca diante do fato de que Singaram e Saradaprabhananda (2021) observaram em sua pesquisa sobre aspectos religiosos, espirituais e existenciais diante da morte, que pessoas nesta situação (de morte iminente) expressaram um conforto espiritual diante de construções prévias em crenças e costumes religiosos, enquanto pessoas libertas de crenças religiosas apresentaram um enfrentamento disfuncional que repercutiu em distúrbios psicológicos devido à falta de significação para a própria morte, despertando para uma “angústia espiritual” neste embate, segundo concluem os autores, no decorrer de seu texto publicado.

Em relação aos **Estados Unidos (EUA)**, Corpora (2022) nos relata que há um entendimento de que, todo ser humano deveria ter uma equidade em relação ao momento de vivenciar uma boa morte em sua finitude. Isso se traduziria sob um acesso facilitado e igualitário para cuidados e serviços paliativos, indistintamente. Contudo, esta ainda não é uma realidade contemporânea neste país, pois, indivíduos à margem da sociedade, com um maior grau de vulnerabilidade econômica e social, têm maiores dificuldades ao acesso a cuidados paliativos e dignidade diante da morte. As disparidades para populações marginalizadas que necessitam de um suporte de cuidados ao fim da vida amparados pelo poder público em detrimento do privilégio de outros que estão em situação econômica e social diferenciada em condições de Saúde privada, corrobora para a compreensão de que a morte, neste contexto requer uma intersecção para uma adequada compreensão social e científica desta realidade, para além de uma diferenciação cultural da concepção ligada a morte e ao morrer.

Enquanto no Ocidente a morte é um tema reservado e familiar, na África os rituais de pós-morte são uma passagem central no ciclo de vida social para os familiares da pessoa que morreu. Em relação à questão da culturalidade que envolve a morte na crença **Africana**, é importante salientar o entendimento que os vivos não se isolam de seus mortos, havendo uma relação constante com o mundo

dos mortos, através de seus ancestrais e a questão de proteção. Além disso, a crença matrimonial que no ocidente considera os laços de matrimônio “até que a morte separe”, para o luto africano permanece com a demonstração social de luto ligado à cor preta nas vestimentas por períodos prolongados, de modo especial a cônjuges do gênero feminino, reafirmando a disparidade de direitos e deveres em relação ao patriarcado, tornando notório que as tradições africanas relativas à morte são mais rigorosas para as mulheres do que para os homens. (Khosa-Nkatini, 2022).

Em outro extremo, Rungduin; Acopio e Rungduin-Cruz (2022) abordaram em sua pesquisa nas **Filipinas**, junto ao público de crianças de seis a nove anos de idade, acerca da compreensão sobre a morte na avaliação de perspectivas cognitivas, culturais e sociais, concluíram que as crianças usaram fatores de coerência social ao atribuírem valores espirituais e religiosos como base para explicações relativas a morte biológica, com o acréscimo de relacionar diferentes aspectos de morte a conceitos de bondade ou seu antônimo. Os entrevistados também revelaram sentimentos e memórias, descrevendo a morte de familiares ou conhecidos, com detalhes objetivos, definindo que ao morrer a pessoa de fato, “fecha dos olhos e cessa a respiração”, conforme o relato de suas vivências.

Aspectos relativos ao final do ciclo de vida na **Alemanha** estão sendo observados sob a perspectiva de Saúde pública, contudo há uma preocupação sobre a morte e o morrer relacionado às pessoas em geral, sendo que houve uma necessidade de investigar sobre a morte, o morrer e o luto, a qual levou ao entendimento de que seria possível e necessária uma educação para a morte, inclusive na perspectiva de crianças e adolescentes (Strupp et al. 2021). A pesquisa inclusive abordou a necessidade de que deveria haver uma humanização em prol de uma adequada comunicação com pessoas que estão morrendo ou, no diálogo sobre a morte e o morrer.

Não há um único entendimento, uma única maneira de observarmos a questão, mas, podemos observar o *Día de los Muertos* no **México**, o qual demonstra a forma colorida, festiva e religiosa com a qual os mexicanos lidam a morte de vidas memoráveis, onde há uma celebração anual onde os indivíduos comemoram o retorno de seus entes queridos, que já partiram deste mundo e retornar neste dia específico, apenas para uma visita. O evento é globalmente reconhecido pela culturalidade envolvida, destacando o místico, a intenção de que haja uma comunicação entre vivos e mortos, possibilitando, através de uma festividade regada

a música, fé, comidas e memórias, lembranças e celebração do tempo compartilhado com os entes que já partiram desta vida (Botelho; Darcie; Gobbi, 2019). Para tal compreensão é necessário estar ciente de que esta é uma perspectiva que emociona e promove um sentimento sobre esta escrita, de forma a celebrar o sentido de vida que há na morte.

No **Brasil**, há a comemoração de “Dia de Finados”, contudo, sem festividades. Este dia é mais um ato religioso, de reverência à memórias através de rituais que levam os vivos aos cemitérios e aos templos religiosos. Maria Júlia Kovács (2022) é uma Psicóloga que se destaca em relação a educação para a morte, especialmente no que concerne à formação de profissionais da Saúde, ela aborda os diferentes aspectos ligados à morte e ao morrer (eutanásia, distanásia, mistanásia, ortotanásia, suicídio, luto). A autora acredita que é importantíssimo acolher e legitimar o sofrimento, cada pessoa tem um tempo e uma forma de expressar seu luto, contudo, os rituais ligados à morte são importantes, pois, o processo de luto envolve um rompimento de vínculo físico, presencial, mas não acarreta a quebra de vínculo sentimental, a pessoa morta segue tendo um significado ao enlutado, que necessita expressar seus sentimentos, que nunca vão cessar, apenas serão ressignificados pela pessoa que segue sua vida, individual ou coletivamente (Kovács, 2021). Além disso, destacamos que, no Brasil a temática de uma “educação para a morte” é objeto de estudo e pesquisa de vários autores no contexto nacional de longa data, este é um tema amplamente debatido há vários anos (Pires, 1973; Torres, 1978, Kovács, 1992, 2005, 2012; De Lima, 2017; Escudeiro, 2021; Leal, 2023; Pereira, 2023; Oliva, 2024).

Por fim, após esta breve exemplificação, queremos ter a consciência despertada por Hillman (1993, p. 23) ao definir que “ninguém realmente pode dizer que se defrontou com a vida se não estiver disposto a se atracar sobre a morte”. Em nosso entendimento é necessário nos debruçarmos sobre a temática da morte e do morrer, não só academicamente, mas em diálogos construídos no cotidiano, onde **a morte vive em vários contextos**, espreitando a nossa existência. Portanto, acreditamos ser urgente lançarmos um olhar sob diferentes perspectivas desta temática, é inadiável, na consciência desta escrita, falarmos sobre a morte e o morrer de forma coletiva, simples, natural, dialogando, sem medo de nos expormos à nossa própria existência e sua finitude. Nesta direção, compreendermos possíveis tensões diante da morte na vida foi o que nos moveu ao nos debruçarmos sobre

todos estes artigos de diferentes autores, publicados com a temática da morte a partir de 2019 até 2023, assim sendo, obtivemos uma resposta: a morte já está escrita e inscrita cientificamente, impressa no mundo contemporâneo em sua plenitude, só nos resta admitir a urgência de uma educação para a morte legitimada nos currículos e na vida, aceitando as tensões deste processo como uma possibilidade humana. Compreendermos que a morte é algo natural na vida é o primeiro passo.

Diante da incognoscibilidade da morte, das controvérsias, da complexidade (apesar de não adentrarmos em todas as diferentes culturas mundiais de modo aprofundado e caracterizando peculiaridades territoriais), é possível observarmos algo em comum em todas estas colocações: o ser humano, a morte relegada ao interdito, ao proibido, ao incógnito requer um enfrentamento, não um embate, não podemos fugir disso. A partir desta tomada de consciência, cada um construirá seu entendimento, seus significados, sua análise sobre este fenômeno (a morte) que completa o ciclo da vida. **Independente da fase em que este ciclo é interrompido, a morte jamais invalida a vida.** A vida e a morte se iniciam na primeira inspiração do ser humano, juntas. Cessam ao mesmo instante na última inspiração de um modo característico, na última batida da pulsação. No coletivo, no individual, as memórias não findam, seguem com a celebração de uma vida que foi significativa, que continua a existir mesmo depois da morte física, dialogar com esta ausência que se faz presente na vida dos enlutados, é uma questão humana, uma questão de nos educarmos para esta conversa. As tecnologias eternizam as memórias, mesmo após nossa morte. Celebrar a vida de quem morreu em diálogos, memórias, sentimentos, é tocar a vida de quem partiu e nos aproximarmos de lembranças que viverão até nossa própria morte. Observe: globalmente há uma necessidade de diálogos onde a morte se encontra com a vida, onde a vida implora por uma educação para a morte!

2.1 Mantendo um diálogo com o referencial teórico de base

Diante deste cenário, é pertinente apresentarmos (singularmente) a percepção do fenômeno do ensino e da aprendizagem sob o viés Piagetiano onde o sujeito (ser humano) procura desvendar o objeto (vida, morte) trazendo-o para dentro de referenciais singulares, apropriando-se culturalmente destes componentes complexos através de seus esquemas cognitivos que permitem a estruturação do

pensamento em prol do conhecimento pertinente à vida. Estas construções revelam possibilidades para que possamos refletir sobre diálogos entre as teorias e práticas onde a morte é parte integrante da própria vida, estando ligada a todas as fases de desenvolvimento, sendo um componente crucial do ciclo vital, pois ao evoluirmos adquirimos meios para apreender a concepção do significado da morte, de forma culturalmente ativa, construindo este “conceito” com significados internos e externos através de símbolos e suas conexões (Piaget, 1973).

Esta determinante não tem um viés condicionante, mas propõe de forma natural a perspectiva onde o ser humano estaria apto a dialogar sobre as questões da vida e da morte dentro de sua própria perspectiva humana no ciclo vital. A partir de diferentes graus de complexidade e de acordo com o seu desenvolvimento global em relação ao mundo (seu mundo) e para com o mundo, diante de sua capacidade de interação e de enfrentamento com situações onde a morte se faz presente, através de suas vivências junto ao sofrimento implícito que implica a morte e seus processos enquanto objeto evolutivo, de aprendizagem e de diálogos emergentes na vida e no arcabouço psicoemocional de cada ser vivo. Não consideramos que a morte é um mero conceito de aprendizagem, acreditamos que este é um processo natural de elaboração do sujeito humano junto às suas vivências e transformações. Educar para a morte nesta perspectiva é moldar conceitos e conteúdos relevantes à temática, de acordo com o desenvolvimento e a partir da vida de todos os envolvidos, suas experiências, suas bagagens humanas.

Além disso, a proposta de uma **educação para a morte** não é uma inovação do presente texto, não somos pioneiras no domínio do assunto. Na medicina, quem elaborou esta possibilidade foi a médica Elisabeth Kübler-Ross, associando suas teorias e práticas sobre a morte e o morrer, na compreensão de que “a morte é parte da vida, a parte mais importante da vida” (Kübler-Ross, 1998, p.142). No Brasil, Wilma da Costa Torres, na Psicologia foi a primeira pesquisadora a iniciar abordagens ligadas à morte no mundo acadêmico ao abordar em sua tese o conceito de diferentes níveis de desenvolvimento cognitivo e a compreensão do conceito de morte, promovendo uma “evolução do conceito de morte” (Torres, 1978). Em concordância, posteriormente, a nível nacional, um nome relacionado a temática da Educação para a morte é o da psicóloga e educadora, Maria Júlia Kovács, a qual concluiu que falar sobre a morte é colocar em discussão as temáticas da própria vida humana, reconhecendo a necessidade de que “o tema da morte não está presente

nas escolas” e, nos compete pleitear esta elaboração dentro de uma transversalidade inter, multi e transdisciplinar (Kovács, 2005, p. 488).

As diferentes ciências que procuram decifrar o que ainda está oculto entre teorias que se complementam, se contradizem, edificam novos conhecimentos e despontam para uma realidade pós-pandêmica, despertaram a humanidade para novas tecnologias funcionais inseridas no ambiente laboral onde a morte habita e se mostra intrusiva e explícita, conectada à realidade (ORTEGA; ROCHA, 2022). A utilização contemporânea de tecnologias como recurso para mitigar o sofrimento no plano teórico e prático surgiu como uma resposta às práticas multiprofissionais na Saúde e na Educação, tornando-se uma ferramenta com inúmeras possibilidades. Contribuindo significativamente durante o auge da pandemia, durante um massivo número de mortes ocorridas no isolamento social, para aproximar os agonizantes que estavam isolados de seus entes queridos, mas que podiam manifestar seu último adeus por smartphones, tablets, etc. Esta mesma tecnologia, trouxe para o convívio social a morte televisionada em uma escala sem precedentes, de maneira traumática e trágica, nos deparamos com a potência da morte inesperada, que nos confrontou com perdas irreparáveis, indistintamente.

Esta foi a morte que nos fez visitas inesperadas, abruptas, levando inúmeros familiares e amigos, sem tempo para despedidas, apagando histórias de vidas que foram caladas e que não puderam se manifestar em despedidas, impedindo a elaboração do luto pelos sobreviventes que em meio a pandemia acabaram emitindo cartas de adeus que não tinham respostas ou remetentes para a devida leitura, impôs signos e significados diferentes nas emergências hospitalares e, despontando a tecnologia como aliada aos novos modelos de rituais de despedida. Este cenário de perdas foi e é um impacto que merece ser objeto de nossa pesquisa, aliás, de muitas pesquisas. A realidade da morte pandêmica evocou necessidades, direitos, deveres ligados aos mais diversos segmentos, que para além da saúde, invadiram a educação, percebemos que a cultura está diretamente ligada ao modo como as pessoas enfrentam o adoecimento e a própria morte em sua manifestação coletiva. Neste embate, a educação revelou sua potência, sua capacidade diante da vida e da morte, pois nem diante da morte em grande escala a educação pode ser deixada de lado, ela demonstrou sua importância social, política e econômica diante de um cenário caótico, ela evidenciou que a Saúde deve ser sua aliada para educar as pessoas para a vida, para impedir que um vírus dizime uma

população que não consegue ter a educação como propulsora de cuidados para com a vida de uma sociedade. A educação tem poderes, especialmente no cenário Brasileiro, poderes para que a população tenha consciência de tudo que pode ser usado como prática de proteção e promoção da qualidade de vida ou, de reconhecer a absoluta ignorância que pode ser usada como uma arma que potencializa a virulência de doenças em um infortúnio capaz de dizimar centenas de vidas.

A pandemia causada pela COVID-19 nos serviu de alerta e, criou a consciência de que devemos nos adaptar à historicidade contemporânea com seus fatos, devemos manter o controle sobre todas as formas de manipulação passíveis de interesses escusos, nos mantendo alertas em um espaço que é capaz de transformar a vida sem negligenciar a existência da possibilidade de morte, protegendo o conhecimento de interesses que nos levem a alienação do que pode ou não salvar vidas, promovendo cidadãos à luz da necessidade de nos educarmos para futuras pandemias, estas são demandas que põe em evidência a magnitude da educação e sua responsabilidade política. Para além de um mecanismo socializador, a educação está atrelada às questões espirituais, econômicas, culturais, tecnológicas, em todos os âmbitos, ela não acontece isolada do mundo, não se desenvolve para além da sociedade, a educação é o próprio mundo e sua representação social da vida humana. Desta maneira, a educação em meio a pandemia não ficou isolada, a margem de tudo o que aconteceu, a educação teve que adaptar-se e, inclusive fez parte do enfrentamento coletivo às consequências pandêmicas de maneira efetiva, mesmo que às custas de sacrifícios para os professores e para a equipe escolar. As discussões que envolveram a retomada da Educação despontaram complexidades que incluíram tecnologias e sua manipulação, além da interação midiática necessária para o ensino e a aprendizagem, pois,

no contexto da pandemia, a escola também precisou se adaptar e encontrou no mundo virtual a forma de exercer seu papel de educar, embora estejamos seriamente preocupados em relação às limitações que o ensino remoto impõe à formação dos estudantes e ao trabalho dos professores (Araújo; Martins, 2020, p. 11).

Estas adaptações tecnológicas transformaram o conhecimento informatizado, as configurações de ensino e aprendizagem multiplicaram-se, moldaram-se às demandas emergentes deste novo cenário pedagógico. Produzindo novos contextos educacionais, demandas extraordinárias que se transformaram,

transformando “todas as questões muito ricas e também muito instigantes, como deve ser a educação” (UNICEF, 2020, p. 6). Esta educação, inovadora, que transforma, se transformou também, renovando seus objetos de ensino durante a pandemia aonde “as alternativas iam desde aquelas que envolvem alta tecnologia, a gravação de vídeo aulas em tempo real e sua disponibilização em plataformas online, a produção de programas educativos para serem veiculados em emissoras de rádio e televisão” (Magalhães, 2021, p. 1264). Estas alternativas se encaixaram onde havia a necessidade de períodos de distanciamento e isolamento social na pandemia, era um momento onde preservar a vida exigia o distanciamento. Este marco temporal incitou para transformações pedagógicas e de comportamento social que preservaram a vida,

como forma profilática de propagação e transmissão do vírus, as atividades presenciais acadêmicas foram interrompidas e a continuidade do ensino foi alicerçada no uso das TICs, pautadas pela inovação e flexibilidade, com maior alcance geográfico e temporal (Santos; Silva; Belmonte, 2021, P. 5247).

Estas adaptações revelaram que crianças, adolescentes, jovens e até adultos estavam sensibilizados pela dor da perda, pelo sofrimento diante da irreversibilidade da morte, mas, além disso, também tiveram que trabalhar com questões de inserção tecnológica para se adaptarem a novos meios de comunicar-se com a escola. Houve um esforço coletivo para todos permanecerem ligados ao ensino escolar, assim como a consequência deste empenho, presenciamos uma angustia por parte de muitos que se sentiram oprimidos pela falta de acesso a meios tecnológicos e/ou pela ausência de conectividade para se comunicarem adequadamente online. O maior indicativo deste enfrentamento espelhou-se pela diversidade econômica e social deste cenário, a qual denotou que

a Covid-19 expôs as profundas linhas divisórias da sociedade brasileira, pois se uniu às diferentes formas e expressões da desigualdade racial, econômica e social, gerando uma distribuição desigual do sofrimento e da exposição ao vírus e aos impactos econômicos e sociais da crise. Nesse sentido, crianças e adolescentes com deficiência, indígenas, quilombolas, em situação de rua, acolhimento institucional ou privados de liberdade no sistema socioeducativo representam uma população especialmente vulnerável aos impactos diretos e indiretos da disseminação da Covid-19 no país, tanto no que diz respeito à contaminação como no que se refere ao acesso a direitos, já desiguais antes da pandemia (Cifali et al., 2022, p. 105).

Nas mais diversas realidades, as perdas humanas, econômicas, sociais sofreram um acréscimo inimaginável devido à dor e ao sofrimento deste período

pandêmico, a escola não foi uma exceção neste período. Esta aflição que envolveu professores, alunos, seus familiares e amigos, além da equipe escolar, se refletiu no sofrimento que adentrou/invadiu a construção escolar, física e humana. Educadores, equipe multiprofissional e de apoio escolar partilharam das mesmas dores, das mesmas perdas, em maior ou menor grau de sofrimento, mas com a mesma percepção psicoemocional onde a perda e o enlutamento são uma realidade irreparável. A educação teve perdas diretas e indiretas de professores, alunos, trabalhadores, perdas indiretas de familiares, amigos, de todo um coletivo social com o qual a pandemia causada pela COVID-19 foi impiedosa. Portanto,

para além dos desafios no âmbito pedagógico, é importante mencionar os impactos emocionais em alunos e profissionais da educação. Como referido, crises como essa geram múltiplos efeitos adversos nas pessoas, tais como impactos emocionais, físicos e cognitivos, que, inclusive, costumam se prolongar por um longo período (Cifali et al., 2022, p.94).

É urgente concluirmos que estamos ainda em processo pandêmico, a COVID-19 é uma realidade que ainda é atual, as consequências históricas iniciadas em dezembro de 2019, ainda estão em trânsito, as estatísticas atuais confirmam este apontamento, apesar de não estarem sendo notificadas de maneira clara ao público leigo. Nos hospitais ainda há pessoas hospitalizadas e, nas ruas o risco de contaminação pela COVID-19 ainda nos espreita, apesar de estarmos protegidos por tecnologias através de vacinas e outros cuidados de Saúde. Os números de contaminação e de pessoas mortas nesta pandemia diminuíram gradativa e significativamente, contudo, enquanto uma vida sequer for perdida em virtude da pandemia, não podemos nos acomodar. O princípio de base para acreditarmos em uma possível educação para a morte de forma transversal é a intenção humana de ressignificar a morte no ciclo vital. Compreendendo assim que,

o contexto atual exige estabelecer, ainda que momentaneamente, uma nova relação com os estudantes e suas famílias, uma nova relação com os profissionais da educação e uma nova relação com o conhecimento, bem como construir novas práticas frente aos desafios do presente (UNICEF, 2020, p. 24).

Estas novas práticas de ensino pós-pandêmicas exigem uma educação contextualizada à vida, que se traduz pela vida comprometida com a dignidade humana, embasada por produções e reproduções culturais, desenvolvendo identidade(s) e (re)construindo-se a partir de sua contemporaneidade, sendo que “uma vez que o sujeito moderno emergiu num momento particular (seu

"nascimento") e tem uma história, segue-se que ele também pode mudar e, de fato, sob certas circunstâncias, podemos mesmo contemplar sua "morte" (Hall, 2006, p. 24). Esta contemplação, do ponto de vista do processo educativo, pode significar, inclusive, uma possibilidade de nos educarmos, enquanto seres humanos, para a morte, seja nossa ou de outrem, seja de um ser humano ou de qualquer ser vivo, seja do planeta que habitamos.

2.2 Fundamentos teóricos da pesquisa

Você se lembra o que estava fazendo, onde e com quem estava em 31 de dezembro de 2019? Se você pudesse recriar mentalmente este cenário, as pessoas que estavam ao seu lado naquele dia, permanecem ao seu lado agora ou há uma lacuna devido ao adoecimento e/ou morte de alguém que você ama e perdeu durante a pandemia? Se você perdeu alguém devido a COVID-19, talvez esta escrita tenha um sentido diferente para você, na compreensão de que podemos e devemos falar sobre a morte de maneira ampla, profunda e solidária (aceitando o sofrimento como parte do diálogo), falar sobre a morte pode doer, e se doer, está tudo bem, o diálogo ativo tem sentido ao diluir e dividir o sofrimento, ao compartilhar aquilo que nos faz ser humanos. Não somos constituídos somente por nossas conquistas, também somos nossas perdas e nosso sofrimento, nossas alegrias e nosso entristecimento, é disto que mantemos nosso equilíbrio saudável na vida. Falar em pandemia causada pela COVID-19 é considerar que todos nós, toda nossa geração foi e ainda é afetada por todas as consequências decorrentes a partir do fato de que:

Era 31 de dezembro de 2019. Os ponteiros do relógio marcavam exatamente 23 horas, 59 minutos e 50 segundos. Unidos em comunhão de desígnios, ao lado de familiares, amigos, conhecidos e até mesmo desconhecidos, contávamos regressivamente os 10 segundos faltantes que marcariam a chegada de um novo ano, na esperança de que tudo seria melhor. A espreita, um inimigo em comum e incomum, ainda sem nome, preparava-se para mudar radicalmente nossas vidas. Poucas semanas se passaram e agora, mais exposto do que nunca, ele é apresentado ao mundo como COVID-19, ou "novo coronavírus" como passou a ser chamado, ocasionando a maior crise mundial da história recente (Melegaro, 2020, p. 29).

Em todas as esferas mundiais, houve o impacto humano e social que nos colocou à mercê do Coronavírus e de todas as suas variantes, de todas as decorrências trágicas desta contaminação. Por terra, por mar ou pelo ar, os meios de transportes nos expuseram a pessoas infectadas, sintomáticas ou não,

disseminando a contaminação rapidamente aos “quatro cantos do mundo” (como se a terra fosse plana?!), ou melhor, em todo o globo terrestre, em ambientes rurais ou urbanos, sem distinção de raças, classes sociais, níveis de escolaridade, em todas as fases do ciclo vital. Inicialmente, foi notório que,

a rápida propagação da covid-19 para todas as regiões do planeta e a inexistência inicial de uma vacina ou de qualquer medicamento antiviral específico e cientificamente comprovado capazes de, respectivamente, prevenir e tratar a doença levaram à implementação de quarentenas e *lockdowns* em vários países. Essas medidas extremas visavam garantir o distanciamento social e assim reduzir os níveis de contágio. A principal preocupação de governos do mundo inteiro era evitar o colapso dos sistemas de saúde de seus países, que poderia ocorrer se o número de doentes necessitando de internação fosse maior que o de leitos disponíveis nas unidades hospitalares (Magalhães, 2021, p. 1264).

Relembrando este cenário caótico é impossível “deletarmos” de nossa memória as inúmeras imagens de Centros de Tratamentos Intensivo onde pessoas do mundo todo estavam agonizando em leitos, envoltos por profissionais protegidos em seus mantos impermeáveis, com máscaras que lhes resguardavam da contaminação iminente pela COVID-19 que se espreitava dentro e fora do hospital. Ninguém que enxergou, poderá “desver” todo sofrimento impregnado em calçadas de ruas com pessoas adoecidas ou morrendo, em emergências superlotadas e com óbitos em massa, rituais de enterros em covas coletivas, de despedidas somente por tecnologias online por smartphones, tablets, notebooks. Pessoas se despediam na falta de possibilidade do contato humano, onde a conexão tecnológica serviu como suporte para despedidas solitárias, que não puderam ser compartilhadas pessoalmente, muitos morreram em seu isolamento, apenas com a proximidade de profissionais da Saúde.

As lacunas deixadas por vidas humanas que perderam a batalha para esta doença, são imensuráveis e se tornaram um sofrimento que acompanhará a todos pelo resto de nossas vidas. Os sentimentos despertados e vivenciados neste período deixarão cicatrizes emocionais indiscriminadamente, a cada um que sobreviveu a estes tempos, espaços e realidades marcadas por políticas e culturas diversas e divergentes, pelo sofrimento disseminado e um luto que foi elaborado de diferentes formas ou que ainda não está elaborado. Diante destes fatos, é possível sinalizarmos que,

entretanto, de todos os desafios enfrentados, o que causa maior incômodo é certo sentimento de impotência diante dos cenários observados nas diversas instituições brasileiras, o que demanda refletir para além das práticas psicológicas, questionando a própria psicologia como ciência e os

necessários avanços a serem empreendidos no que concerne à compreensão e construção de conhecimentos que sustentem uma ação política frente às demandas sociais resultantes das desigualdades históricas deste país, mas escancaradas pela pandemia do SARS-CoV-2 (Guzzo; Souza; Ferreira, 2022, p. 6).

Assim como os profissionais das áreas da saúde que estavam na linha de frente ou ligaram-se ao enfrentamento da pandemia em alguma esfera do sistema de saúde, a saúde psicológica passou a ser vista em sua plenitude, como um argumento necessário ao enfrentamento de adoecimento, sequelas ou mortes em decorrência da COVID-19. A saúde mental se tornou objeto de atenção multiprofissional e socialmente, promovendo uma valorização multifocal de todos os recursos humanos que possam causar reequilíbrio psicoemocional e espiritual diante do sofrimento em massa. Tornou-se imperioso, urgente, inadiável falarmos sobre o que provocou este sofrimento em massa, pois,

a pandemia tornou-se cenário de muitas perdas, sejam elas ligadas as mudanças e restrições à vida em sociedade, a perda de emprego ou perda por morte. Quando as aulas presenciais voltaram a acontecer, em meados de junho de 2021, os profissionais da Educação se depararam com um cenário de luto infantil e não se sentiram preparados para lidar com tal realidade (Michel et al, 2021, p. 113).

Neste cenário, o confronto trágico entre a escola e as consequências da pandemia nos defrontou com perdas humanas irreparáveis nestes tempos onde a COVID-19 nos paralisou e, ao mesmo tempo nos arremessou em cenários diversos, com diferentes recursos ou ainda, nos impactou com a ausência de recursos no meio escolar para o devido suporte de preservação da Saúde por uma equipe multiprofissional. É fato: morte invadiu os muros escolares, não escolhendo horário ou disciplina para se tornar uma temática a ser debatida, contudo, muitos não se permitiram esta discussão, calaram-se diante desta realidade. Uma realidade à qual todos nós fomos (a)sujeitados a reconhecer que crianças e adolescentes, além de estarem suscetíveis a adoecerem, também tiveram suas vidas interrompidas abruptamente, morreram sem ter tido a chance de uma vida longa. É necessário termos a noção de que 3.562 crianças e adolescentes morreram por conta da COVID-19 desde o início da pandemia até a data de 10 de janeiro de 2023 (Rodrigues, 2023)⁷. Há outra situação relacionada a perdas que não pode ser

⁷ RODRIGUES, Paloma. 850 crianças e adolescentes morreram de Covid no Brasil em 2022, aponta Ministério da Saúde. Reportagem exibida online em: **G1 – Portal de Notícias da rede Globo**. Disponível em: <https://g1.globo.com> Acesso em 12 de Jan. 2023.

negligenciada, calada, legada ao silêncio e ao esquecimento coletivo. É imprescindível tornar-se de amplo conhecimento o óbvio de que,

crianças e adolescentes tornam-se as principais vítimas indiretas das mortes provocadas pela pandemia. Com mais de 600 mil mortes no Brasil causadas pelo novo coronavírus, milhares deles perderam suas mães, pais, outros parentes e responsáveis legais. Muitos crescerão sem a presença da figura paterna ou materna e, nos casos de perda de ambos os pais, ficarão sob a guarda de familiares próximos ou sob a tutela do Estado. Crianças e Adolescentes nessa situação enfrentam, entre outros efeitos, o luto, os impactos na saúde mental, a insegurança financeira e em suas condições de sobrevivência, assim como incertezas quanto à sua guarda e ao recebimento de proteção e cuidados cotidianos (Cifali et al., 2022, p. 106).

Você já se perguntou quanto aos órfãos da pandemia? Quantos filhos órfãos de um dos pais ou de ambos, quantos ficaram órfãos de famílias inteiras ou ainda, quantos pais ficaram órfãos de seus filhos até este momento? **Onde estarão todos os órfãos da COVID-19?** Eu não perdi familiares durante a pandemia, mas compartilho deste sentimento de orfandade, onde as perdas extrapolaram o seio familiar e se tornaram parte da coletividade social. Além disso, entendemos que “apesar de não haver números oficiais a respeito das orfandades decorrentes da pandemia, a realidade sugere um impacto em massa sobre crianças e adolescentes que perderam pai, mãe ou cuidadores nesse período” (Cifali et al., 2022, p. 41). De outro modo, é de nos perguntarmos o quanto as vacinas e as medidas de segurança em saúde (máscaras, medidas básicas de higiene, álcool gel, medidas educativas de informação e conhecimento) salvaram vidas, evitando a morte? Pense. Este exercício, de pensar, pode nos capacitar para questões humanitárias, nos educando para nos posicionarmos diante do sofrimento alheio. De qualquer forma, é

certo é que a pandemia de Covid-19 impôs sobre as crianças, adolescentes e seus pais, mães e responsáveis uma carga imensa que ainda é difícil de mensurar. Já bastante confinados antes da pandemia, as crianças e adolescentes ficaram ainda mais sedentários e perderam as poucas oportunidades que tinham de brincar, praticar atividades físicas e conviver entre si, do lado de fora, vinculando-se com a natureza e com a vida. Só o tempo dirá com mais precisão as consequências de meses de isolamento social, afastados do outro, da comunidade escolar, dos serviços de proteção social e da fruição dos espaços abertos. Serão necessários muitos esforços a fim de mitigar os impactos da pandemia e fortalecer essa geração que irá enfrentar tantos desafios, incluindo os impactos das alterações climáticas, as desigualdades social e econômica, e as consequências das rápidas mudanças tecnológicas (Cifali et al., 2022, p. 65).

Estes desafios são impregnados de fatores psicoemocionais que, no caso de um luto saudável, aquele que prevê a mortalidade como um fator da possibilidade humana, necessita de um espaço de manifestação, de fala e de escuta sensível à

dor, ao sofrimento e, à ausência, transformado em palavras os sentimentos envolvidos ou, em alguns casos, acolhendo o sofrimento pela lágrima, pelo abraço, pelo cuidado e pelo conforto humano. Em se tratando de crianças e adolescentes, a situação de luto não pode ser negligenciada, sequer afastada dos rituais de despedida, necessários para a adequada elaboração de memórias que persistirão pela vida toda. A tentativa de evitar que crianças e adolescentes estivessem à margem, alienados dos espaços de morte, nesta geração foi frustrada pelo impacto da pandemia online, pelas imagens que invadiram todos os meios de comunicação, sob todas as formas, desde a hospitalização até as cenas de enterros coletivos em cemitérios. Não há como negar que todos vivenciaram este confronto com o adoecimento e, a morte. Assim sendo, devemos ter a consciência de que,

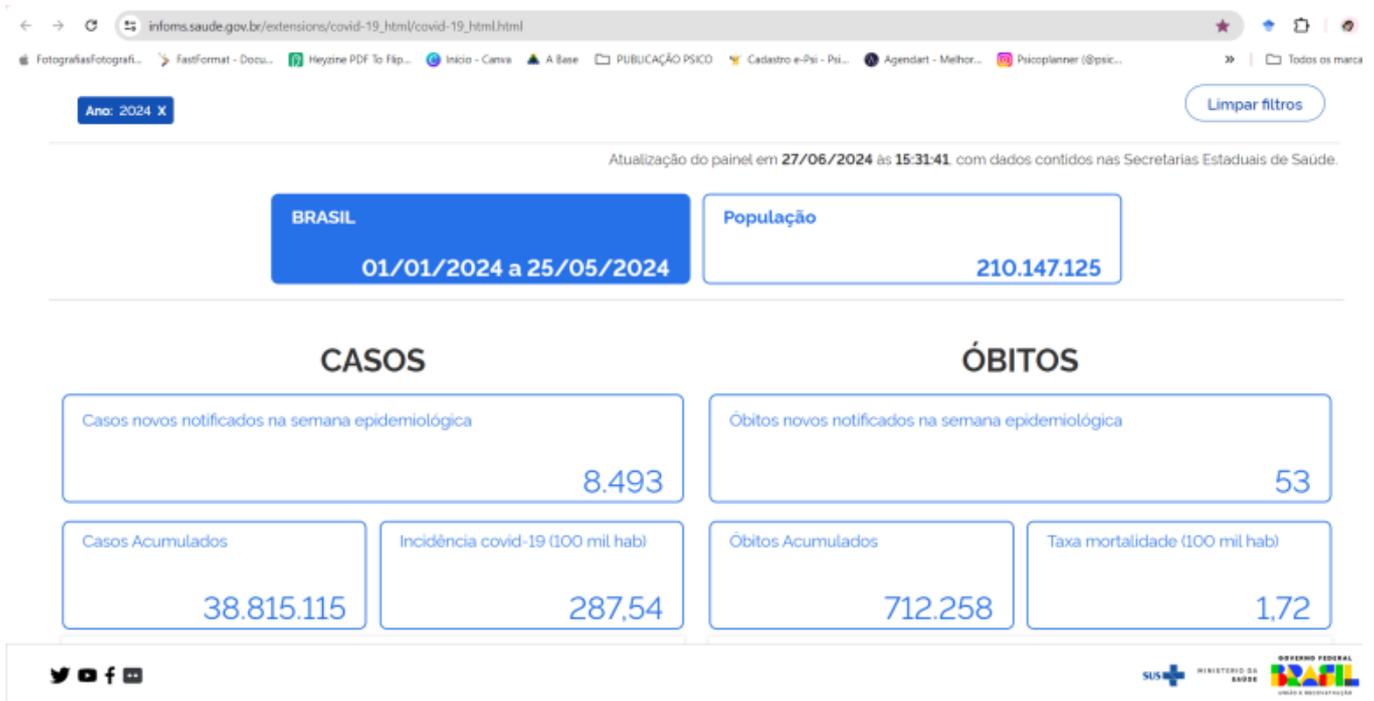
quando se trata da infância, o luto é, em geral, negligenciado e pouco validado socialmente, pois as crianças muitas vezes são vistas como incapazes de se enlutar. Acredita-se que são pequenas e incapazes de entender os fatos, o que revela uma visão errônea acerca das experiências infantis e as formas de expressá-las (Michel, 2021, p. 114).

Falar sobre morte e luto é estar consciente de que no mundo infantil, na construção adolescente, esta situação se traduz por um processo de reconstrução cultural diante da perda de um ente amado através da morte, este é um desafio psicoemocional, social, religioso e espiritual com o qual a criança ou adolescente tem de lidar, muitas vezes sozinho, sem ter os adequados subsídios de suporte para tal enfrentamento. De modo singular, neste período pandêmico, houve uma angústia silenciada por diálogos que não existiram, mas que se manifesta agora por adoecimentos físicos e/ou psicoemocionais, dos quais ainda não nos tornamos conscientes. Calando a voz de sofrimentos individuais e coletivos, mitigando a dor em meio a tantas mortes, especialmente afligindo crianças e adolescentes que não puderam expressar a perda de familiares, colegas, professores, somos uma geração fragilizada. Se por um lado, “o diálogo é uma estratégia importante no enfrentamento e na prevenção das violências escolares”, de outro, silenciar o diálogo relacionado a morte e suas temáticas, pode se tornar um empecilho ao desenvolvimento saudável necessário para um processo de ensino e de aprendizagem construtivo e constitutivo de toda uma geração saudável (Graupe; Silva; Maurenente, 2022, p. 11).

É de indagarmos se, diante do sofrimento, seria possível um comportamento natural, não naturalizado, para que vivenciássemos o sofrimento e, a partir desta experiência construíssemos uma educação para a morte com um suporte de

acolhimento e amorosidade em possíveis enfrentamentos endêmicos, epidêmicos, pandêmicos no futuro?! Se sim, para além de reconhecermos esta necessidade, se faz importante a compreensão de que para esta efetivarmos esta ação, é preciso ter em vista que, “à medida que os dados mais recentes são divulgados, tornam-se cada vez mais evidentes os efeitos da pandemia da COVID-19, que vem impactando a Educação pública brasileira desde 2020” (Brasil, 2022, p. 2). Nesta perspectiva, de efeitos pós-pandêmicos e suas consequências, acreditamos que, “dito de outro modo, a pandemia trouxe como efeito na educação o descortinamento dos modos de subjetivação do sujeito moderno que está fortemente vinculado a relações exteriores a si e altamente dependente de normas, prescrições e condução” (Porto; Pereira, 2020, p. 297). Não podemos negligenciar estatísticas que revelam as consequências da COVID-19 que repercutem em nossos dias atuais:

Figuras 2. Óbitos covid-19 em 2024



Fonte: Brasil, 2024.

São 53 vidas, perdidas em decorrência das consequências da COVID-19 no ano de 2024. Será que alguma destas mortes repercutiu em ausência nas escolas? É fato, redescobrimos **que o que ocorre a um, afeta a todos**, seja de modo

doloroso, seja de modo educativo, seja socialmente ou globalmente, todos **somos afetados por consequências à vida da coletividade** decorrentes de comportamentos individuais. O que ocorre no micro ambiente, se reflete e é refletido universalmente. Sendo assim, “acredita-se que, daqui para frente, a educação escolar passará por muitas transformações e ressignificações”, não há como negligenciar as consequências reais ou a urgência de transformação na educação em virtude das demandas emergentes (Cipriani; Moreira; Carius, 2021, p. 21). Reconectar vida, morte, educação, é uma das implicações presentes e futuras destes tempos pandêmicos, destas decorrências coletivas da agressividade individual sobre a coletividade, nestes espaços onde a educação habita e que se expandem para fora da escola. A historicidade teórica e prática contemporânea impõem o surgimento de uma cultura que nos faz crer que podemos e devemos falar sobre a morte. Falar sobre a morte é manter um discurso coerente e inclusivo à própria vida,

assim, ao abordar o tema das implicações da Covid-19 na saúde de crianças e adolescentes, é possível verificar que seus impactos vão muito além da saúde física e da contaminação pelo vírus, atingindo o acesso a serviços de saúde e, inclusive, a proteção contra outras doenças, oferecendo ameaças de estagnação e de reversão dos avanços recentes alcançados para a saúde e vida de crianças e adolescentes (Cifali et al., 2022, p. 32).

Compreendendo o processo educacional dentro da culturalidade múltipla do ser humano e suas interconexões sociais, é possível percebermos que a educação que insere a morte em seus currículos é significativa para a vida, “ela dá significado e importância à nossa monótona existência, conectando nossas vidas cotidianas com um destino nacional que preexiste a nós e continua existindo após nossa morte”, construindo-se através de uma presença póstuma por memórias, lembranças e sentimentos que dão significado à nossa identidade de vida (Hall, 2006, p. 52). Sob este viés, a identidade de um indivíduo pode ser objeto de celebração pela identidade de uma vida, nos conectando as possibilidades após sua finitude consumada, uma história de vida pode ser a base para a compreensão identitária de nosso recurso existencial. Como seres coletivos ao nos educarmos para a morte em sua plenitude, compreenderemos nossas próprias vidas, poderemos dar sentido às vidas que nos rodeiam explorando as conexões entre vida e morte na educação. A educação tem este poder de transformar a vida, de fazer do mundo um lugar humanizado, onde

as aprendizagens de conhecimentos locais e universais, procedimentos, valores e atitudes expressos nos currículos têm o propósito de que todos usufruam do direito à educação, possibilitando, individual e coletivamente, a resolução de demandas cada vez mais complexas da vida cotidiana, para que os educandos possam exercer a cidadania e participar do mundo do trabalho (Brasil, 2022, p. 4).

Os efeitos pandêmicos do local no global nos fizeram reinventar conceitos, reformular práticas, remodelar nossas culturalidades dentro da própria educação. A educação, o público docente e discente, a população que habita a escola, sofreram consequências diretas, pandêmicas e não pandêmicas, da violência direcionada à escola, onde a morte foi uma implicação presente. Não há como fugirmos de uma ampla reflexão, questionando se as consequências e os efeitos resultarão em mudanças, de conteúdos, de posturas, de culturas. Além disso, cabe refletir se estes acontecimentos impactarão em um possível processo de ensino e de aprendizagem desta geração que se encontra em tempos onde a educação está condicionada a inúmeros fatores existentes na sociedade atual. Ao falarmos em social, devemos ter a consciência de que há alguns signos e significados que devem ser norteados por um azimute, por uma representação que priorize uma educação individual com a perspectiva global. Este cenário, de uma educação com perspectivas de um olhar globalizado para com a individualidade, é conectada a uma singularidade materializada por protocolos político sociais de cidadania, vinculados a todas as etapas do ensino e da aprendizagem, de forma multi, inter e transdisciplinar. No território brasileiro, este processo ocorre embasado por referências de ordem obrigatória no que tange à elaboração dos currículos e propostas pedagógicas, através de um processo normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais em todos os níveis escolares, ao longo das etapas e modalidades de ensino. Esta referência constitui-se através da

Base Curricular Nacional -BNCC- que é um documento que apresenta o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os bebês, crianças e jovens devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, visando contribuir para seu desenvolvimento. Trata-se de um importante passo para a política curricular brasileira, que dialoga com outras políticas educacionais, como a de avaliação, a de formação, a de livro didático, entre outras (Brasil, 2022, p. 8).

Este é um diagnóstico que exige uma análise dos objetivos da aprendizagem, com profundas reflexões sobre planejamento de ensino de acordo com as etapas de aprendizagem, estas são ponderações necessárias para

equiparar diferenças regionais, políticas, econômicas e sociais. As competências e habilidades que devem ser desenvolvidas ao longo da escolaridade são exigências que deveriam ter um amparo das três esferas - Federal, Estadual e Municipal – construindo de forma sólida a garantia de acesso e equidade no ensino, respeitando as diferenças. Estas diferenças, atualmente, além de aspectos territoriais são atravessadas por tensões, conflitos, emoções e sentimentos de tempos pandêmicos que estão atrelados não só na forma de ensinar, mas têm um significado sensível àqueles que estão dispostos a aprender e se encontram com a mente e o coração encarcerados pelas perdas humanas e pelo sofrimento dos últimos anos.

3. Competências relativas à BNCC (Base Nacional Comum Curricular) diante da vida pandêmica:



Fonte: Google Imagens

(In Memoriam: Professora Marilena Ferreira Vieira Umezo, 59 anos, Presente!)

3. COMPETÊNCIAS RELATIVAS À BNCC (BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR) DIANTE DA VIDA PANDÊMICA

Educar em um contexto pós-pandêmico complexo necessita de uma reflexão sobre as competências relativas à BNCC (Base Nacional Comum Curricular), baseadas neste documento normativo, definidas por um conjunto de aprendizagens fundamentais no desenvolvimento para a construção do conhecimento de todos os alunos, devendo ser desenvolvidas ao longo das etapas e modalidades no período educacional de todas as conjunturas. Desta forma, é importante considerar que há competências gerais que os alunos devem apresentar no período de desenvolvimento de todas as etapas da Educação Básica e, também há competências específicas de cada área do conhecimento e dos componentes curriculares a partir de componentes do conhecimento através dos quais os alunos devem ampliar desde a Educação Básica até o Ensino Médio. Nesta compreensão de que a Base Nacional Comum Curricular define os parâmetros para os diferentes ensinamentos e aprendizagens de todos os alunos do Brasil a partir de conhecimentos e as habilidades essenciais para todos aqueles ligados à educação, nos diferentes níveis de aprendizagem, independente de origem sócio econômica, de localização geográfica, deve haver o mesmo embasamento sob a égide do Plano Nacional da Educação.

Esta configuração destaca que “os instrumentos que temos para desenhar e efetivar uma proposta de transformação da vida dos educandos são: o currículo, pautado pelas competências estabelecidas na BNCC, e os Projetos Político-Pedagógicos (PPP’s) de cada escola” (Brasil, 2022, p. 4-5). O senso comum do que é pertinente à educação norteia-se por uma legislação comum, por delineadores que respeitam direitos e deveres para com uma formação integral, que preserve padrões socioculturais e econômicos, com cidadãos críticos, participativos e comprometidos com princípios de uma sociedade democrática. Neste aspecto, as competências devem ser integradas ao seu lócus, mantendo a identidade de cada espaço e tempo, ligados às necessidades humanas e sociais, em consonância com um alinhamento dos currículos e das propostas pedagógicas, sob a fundamentação da Base curricular, impulsionando a educação na qualificação e humanizando o processo educacional de forma integral, individual e coletiva.

Compreender estas competências é essencial para que estas habilidades se tornem eficientes no mundo, contextualizadas a partir de fatores únicos a cada ser humano. O entendimento de competência como algo intrínseco e o desenvolvimento de habilidades como algo extrínseco e, destes fatores interligados ao contexto, que preserve a integralidade humana, nos aspectos físicos, cognitivos, psicoemocionais, sociais, políticos, culturais. Desenvolvendo conhecimentos, habilidades e atitudes, com aplicabilidade no cotidiano, conectando-se às necessidades de escuta, de argumentação, de posturas conscientes diante da problemática contemporânea. Basicamente, os currículos e conteúdos deveriam ter noções que contemplem conhecimentos e atitudes baseadas em 10 (dez) pilares que se conectam aos componentes curriculares que desenvolvem os componentes humanos para desenvolver um repertório de acordo com as necessidades do mundo tecnológico, científico e humano. Desenvolvendo um pensamento crítico e de problematização por ângulos de uma criatividade como forma de expressividade e contribuição múltipla para com a qualidade de vida a partir de um atributo ético, legítimo e construtivo.

Este embasamento de refere à produção de **competência** como um elemento do conhecimento humano que reproduz e produz informações reconhecidas e integradas com o mundo, com a vida, que são viabilizadas e repercutem sobre sob um julgamento ou comportamento conectado a saberes e fazeres que repercutirão por todo o ciclo vital, pois, “em geral, a competência é considerada algo maior, um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes que, quando mobilizados, atuam e modificam determinada situação” (Costa, 2023, p. 1168). Reconhecer as demandas pandêmicas é um passo necessário para promovermos ações preventivas no futuro. Conduzir o conhecimento para estes temas como a morte e fatalidades causadas por diferentes tipos de violência, entre outros aspectos, é relevante para que sejamos responsáveis e aptos a construir ambientes seguros à liberdade, à cidadania e a própria vida.

A **competência do Conhecimento** deve avaliar a pertinência e confiabilidade da construção dos saberes na ordem educacional e científica, reproduzindo informações e transformando-as em conhecimento útil para a vida, permeado por conexões, atribuindo significado individual e coletivo, de acordo com o grau de complexidade e o nível escolar, desenvolvendo autonomia e promovendo o comportamento ético, estimulando estratégias cognitivas e criativas contextualizadas

ao contexto sócio cultural e às problemáticas que exigem além da abstração e do pensamento sistêmico, uma sistematização do próprio conhecimento. Dentro desta concepção, é possível compreendermos que,

ao tomar os conflitos em torno do nome “conhecimento” como parte de uma busca por plenitude dessa subjetivação política, argumentamos que tal plenitude é supostamente alcançada pela afirmação da possibilidade de construção de um conhecimento básico, como em uma projeção de um dado que falta ao currículo, um sujeito projetado como faltoso na produção curricular, na subjetivação em que o currículo se constitui. Tal sujeito genérico tende a ser pensado como aquele que o currículo precisa ser capaz de constituir via um conhecimento adequado à vida. Nessa perspectiva, mundo e vida são pensados como horizontes para os quais o currículo deve formar sujeitos hábeis; mundo e vida são assumidos como coisas a serem solucionadas pela definição de um conhecimento (Costa; Lopes, 2022, p. 4).

Para além desta construção de conhecimento, é pertinente que haja o embasamento da **competência do pensamento científico, crítico e criativo**, possibilitando que o ensino e a aprendizagem possam convergir na garantia de que os estudantes as desenvolvam e, de que professores se comprometam no compromisso de fornecer um suporte pedagógico adequado às exigências deste desenvolvimento físico, intelectual, cognitivo e humano e, de que os alunos se proponham a desenvolver suas habilidades de forma responsável. O propósito de um pensamento pautado pelo saber científico, pelo senso crítico do que se aprende, para qual propósito e o modo criativo que está implícito se traduz pela certeza de que “decidir racionalmente o que fazer implica a mobilização de capacidades de pensamento, sendo que, subjacente a tal está o uso de disposições para o fazer, ou seja, para atuar de forma crítica e criativa (Tenreiro-Vieira; Vieira, 2022, p. 148). Esta reflexo imprescindível para que comportamentos de violência sejam interpelados pela consciência ética, moral e pela defesa à vida, onde a vida de uns está ligada a vida de outros e todas as vidas têm um significado.

Esta formação inclui uma valorização e inclusão de conhecimentos historicamente construídos pelos indivíduos sobre o mundo coletivo, através de meios que correspondem a fatores sociais, culturais, tecnológicos e digitais, na interação para compreender e complexificar a realidade, reformulando informações e conhecimentos constantemente, para a construção de uma sociedade democrática e diversificada, que está sempre na busca constante de aprimorar novos conhecimentos no mundo, na vida. Quando falamos em vida, não podemos deixar

de falar da identidade histórica e cultural que nos constitui enquanto seres sociais, que adquirem a **competência de repertório cultural** no decorrer da vida, traduzindo nossas subjetivações e impressões no mundo. Neste sentido, é necessário enfatizarmos que,

o repertório cultural compreende o nível de cultura ou a formação que um indivíduo abrange, todo o conhecimento que uma pessoa possui armazenado no decorrer de sua vida. É um dispositivo importante de ser estimulado para o processo criativo e artístico, visto que estão relacionadas às expressões de ideias, emoções e percepções (Regis et al., 2022, p. 5).

Qualquer cultura que permita o descaso com uma única vida, que banalize a morte, urge por uma transformação. Esta transformação parte da cultura, da educação, de uma postura onde uns se coloquem no lugar dos outros, do ponto de vista onde qualquer vida neste planeta é única, insubstituível. Valores que não podem ser somente ensinados, mas exigem uma postura de amor, de solidariedade e de conscientização. Este dispositivo está à mercê do processo de ensino e de aprendizagem, pois é o que dá colorido à teoria, o que dá sentido ao conhecimento estimulado e adquirido, o que faz o meio circundante adentrar a escola e sob conteúdos linkados à experiência de vida, de mundo, tanto para professores, quanto para os alunos que desenvolvem a aprendizagem de forma significativa.

Neste sentido, compreendermos cultura na educação na perspectiva de que “o principal ponto é que o sentido não é inerente às coisas, ao mundo. Ele é construído, produzido. É o resultado de uma prática significativa – uma prática que produz sentido, que faz os objetos significarem” (Hall, 2016, p. 46). Deste modo, a educação é o meio pelo qual há uma aproximação entre a teoria aprendida na escola e as práticas vivenciadas pelo conhecimento adquirido no mundo, o resultado deste processo é o que valida a aprendizagem e, é o que dá sentido ao ato de ensinar. Nesta complexidade há a **competência da comunicação**, desenvolvida através das diferentes linguagens utilizadas pela educação no ato de ensinar, definindo nossa capacidade de expressar um pensamento complexo sobre determinados objetos de aprendizagem para a ordem coletiva no ensino.

Nos comunicamos pela linguagem de modo à que outros seres humanos se tornem capazes de compreender e dar seu próprio sentido ao diálogo. Estes diferentes sentidos quando conectados representam conceitos relativizados, que estabelecem sistemas de significados na nossa cultura, na nossa educação. Estas representações atravessam e são atravessadas por tudo o que aprendemos, desde

que nascemos, por tudo que elaboramos na educação sistematizada e, pelas transformações que ocorrem na interação do que somos para além dos muros escolares e, referenciam o que nos tornamos dentro e a partir do espaço escolar.

Estas demandas contemporâneas foram, estão sendo e serão moldadas pela problemática advinda destes tempos e espaços tecnologicizados, de seus enredamentos evidenciados pela **competência da cultura digital** que entrou em ebulição, principalmente com a questão do adoecimento, das sequelas ou mortes durante a pandemia causada pela COVID-19. Os fatos de adoecimento e morte na pandemia foram vivenciados globalmente, mas cada cultura interagiu de uma forma diferente mundialmente. Para alguns, houve mudanças que irão perdurar até as próximas gerações, para outros, houve apenas a potencialização de determinados aspectos políticos e capitalistas que predominaram sobre os aspectos humanos e humanitários, ficando evidenciados pela universalização digital das informações em tempo real, que evidenciaram realidades dispares em diferentes lugares do mundo.

Já na questão da violência, se por um lado houve a evidenciação de ataques violentos, de outro modo as tecnologias também estiveram sob um uso divergente, sendo necessário estar alerta a meios midiáticos para a defesa da segurança e da vida, impedindo que teias de violência se articulassem, tornando a internet um palco de luta do Bem contra o mal. Reconhecer a relevância de que haja uma transformação crítica e consciente, de modo reflexivo em relação à competência digital a partir do espaço escolar é estar atento a tecnologias inteligentes, que salvaguardem a educação.

Neste cenário, a construção da **competência do trabalho e projeto de vida** sofreu uma sensibilização significativa, porque tudo se tornou volátil pela fragilidade humana diante do poder de virulência fatal da COVID-19. A questão escolar, tanto quanto o campo laboral geral foram invadidos por demandas tecnológicas, que de um lado contribuíram para que a educação se moldasse a espaços digitais, de outro, levaram a lacunas ainda desconhecidas e consequências que despontarão a longo prazo na educação após a inserção de tecnologias remotas e midiáticas. A iminente vulnerabilidade da educação impactou significativamente na vida de alunos, professores e dos colaboradores no mundo escolar, a violência que invade as escolas e arrebatava vidas, deixa cicatrizes profundas em todos, especialmente de professores que se veem desamparados, limitados pela insegurança à própria vida e ao espaço laboral.

Elaborar caminhos para uma competência do trabalho e projeto de vida é criar espaços para a esperança, mas também necessita de um enfrentamento para com nossos limites, possibilitando uma organização que leve em conta a maturidade para com o final de vida. A proximidade com a possibilidade de finitude humana transformou os planos pessoais e projetos de vida, modificando a maneira de enfrentar as adversidades e, de produzir espaços no mundo cotidiano. Ficou evidente que o trabalho e o projeto de vida, para além do componente individual, devem levar em conta aspectos coletivos, para que haja sucesso e realização pessoal dentro e fora do ambiente de ensino e de aprendizagem. Este processo requer que tenhamos uma **competência de argumentação** para com motivações que nos aproximem em prol do benefício comum, nos comportando como seres humanos que estão à mercê de um espaço habitado que deve ser observado pelo argumento onde uns são responsáveis pela própria vida e, também devem ter em mente a responsabilidade para com a vida do planeta, incluindo os outros seres humanos, independente do lugar do mundo em que estiverem.

Em suma, as competências e habilidades necessárias ao desenvolvimento educacional devem estar conectadas de forma equilibrada com a vida humana e suas exigências. Somente através da **competência do autoconhecimento e do autocuidado** estaremos aptos a dar significado à nossa própria vida e a morte, assim como, poderemos vislumbrar a vida e a morte de outros seres humanos através da empatia e da cooperação mútua em um mundo que não é um privilégio com recursos infinitos. Um mundo onde reconhecemos nossas limitações, sem privilégios imaturos ou egoístas, onde nos educamos transversal e integralmente para a **capacidade de responsabilidade e de cidadania**, possibilitando o reconhecimento de direitos e deveres individuais e coletivos, pautados por princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e humanizados. Quando falamos em humanização, indiscutivelmente nos colocamos na presença de um mundo que se encontra sensível diante do adoecimento e da morte. Neste embate, nos questionamos a respeito do desenvolvimento destas competências e a implicação de uma educação para a morte e seus processos. Qualquer resposta possível deve ser sensível às dimensões da coletividade e do individual no mundo, respeitando os múltiplos fatores envolvidos, não pode ser uma perspectiva unilateral.

Esta é uma questão que deve preservar respostas diferenciadas culturalmente em ambientes locais e globais, interligados pelo mesmo parâmetro: a

possibilidade da finitude, pois, “se o currículo está ligado à construção de identidades sociais e culturais, seria impossível contarmos com um currículo único para um país de dimensões continentais como o nosso” (Brasil, 2022, p. 9). Esta diversidade preserva a interculturalidade e propõe condições para que a escola desenvolva competências e habilidades que estimulem ao conhecimento reflexivo e ao pensamento científico, produzindo um repertório de comunicação através de diferentes linguagens, proporcionando uma interação contemporânea, que insere o educando na projeção para a vida de forma integral em todo o ciclo vital. Produzindo conhecimentos humanizados e globalizados, determinando uma capacitação para o autoconhecimento e para o auto cuidado, estimulando a simpatia para consigo e a empatia para com o outro, através de uma interação que esteja vinculada ao entendimento onde,

o desenvolvimento das competências gerais está relacionado com a necessidade de formar indivíduos capazes de lidar com um futuro incerto, com o dinamismo das mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais. Portanto, mais do que ensinar uma lista de conteúdos, a escola precisa possibilitar que esses educandos desenvolvam habilidades e competências, a fim de que possam lidar com desafios diversos nas diferentes áreas da vida deles e contribuir para a construção da sociedade que almejamos (Brasil, 2022, p. 15).

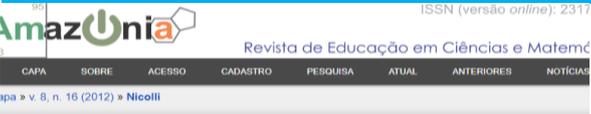
Este discurso seria uma possibilidade ou uma falácia quando pensamos em relacionar a temática da morte aos currículos e conteúdos da Educação? Pare por um instante e pense: se você tivesse que falar sobre a morte em seus diálogos, seja no ambiente familiar, seja no ambiente profissional, como você abordaria esta questão? O que você teria a dizer sobre a morte, sobre a morte relacionada à pandemia, sobre as mortes que você já vivenciou em sua história de vida ou sobre sua própria morte? Você acha que poderia me dizer algo sobre a morte, em uma conversa informal, de forma natural ou ainda, você poderia escutar o que eu penso sobre a morte sem nenhum (pré)conceito? Esta é uma temática humana complexificada pelas possibilidades de averiguarmos uma Educação possível entre a Vida, a Morte, o que inclui questionarmos se a Teoria e Práxis são passíveis de articulações e mediações necessárias para que estas temáticas se transformem em um tema transversal na teoria e práxis humanizada e humanizadora, mediada por ferramentas digitais e suas possibilidades em todos os níveis de ensino e aprendizagem.

Todas estas possibilidades culminam em um **Projeto de Vida** que se destaca entre as competências gerais que devem ser trabalhadas em todas as etapas da educação, especialmente no Ensino Médio, sob a proposta da formação integral do aluno em relação aos aspectos cognitivos, socioemocionais, espirituais e físicos, condicionando nosso entendimento enquanto seres biológicos que nascem, crescem, se desenvolvem e, definitivamente, morrem. Não há como deixar alguém sair pela tangente de uma formação que não contemple a morte no ciclo vital e deixar que o ser humano aprenda sobre a morte em momentos de perda. É imperioso compreendermos esta temática a partir de currículos elaborados por professores e para professores, respeitando a autonomia em entrelaçar histórias de vida a conteúdos, estabelecendo a compreensão com a contemporaneidade pandêmica de uma geração que viveu a morte em grande escala, como nenhuma outra na história recente da humanidade.

Considerando que o **Projeto de Vida** tem como finalidade o papel no reconhecimento dos saberes adquiridos na trajetória dos alunos, não é possível negligenciar as perdas decorridas até o momento do encontro entre um professor e seu aluno, dentro da sala de aula, este encontro se processa valorizando a construção de conhecimentos escolares e de vida. Assim como as vogais foram importantes para que a escrita e leitura de uma palavra pudesse se materializar, todo o embasamento do cotidiano deveria ser parte do desafio em diagnosticar hipóteses que revelarão possibilidades onde a Educação construa produções acerca da morte, não só na teoria e práxis curricular, mas na promoção da própria vida, da saúde mental e espiritual, a partir da finitude.

Esta escrita não se fez a partir do desconhecido, de um papel em branco, ela surgiu como um questionamento que procurou respostas às possibilidades apresentadas até este momento. Não respostas exclusivas de nossa consciência, mas de uma possível prática educacional alheia, mas não distante e, pautada pelo elemento “morte” dentro de experiências didáticas de educadores no exercício de sua profissão. Para tal aproximação, procuramos por publicações científicas em periódicos online que apresentassem algumas respostas que nos impulsionaram a chegar até nossos objetivos. Encontramos neste percurso publicações de **educadores, pesquisadores relacionando o discurso interdisciplinar e a morte**, alguns dos quais ilustraremos a seguir:

Figura 3. Alguns exemplos de disciplinas que inseriram a morte em suas vivências e conteúdos:

| | |
|---|--|
|  <p>Ensinde de ciências: uma proposta de escolarização do conceito de morte por meio da abordagem do ciclo de vida</p>  <p>Para Ler o artigo na íntegra, acessar QrCode</p> |  <p>Educação não formal: cemitério como espaço público para o ensino da Geografia</p>  <p>Para Ler o artigo na íntegra, acessar QrCode</p> |
|  <p>VESTÍGIOS DE UMA VIDA: REFLEXÕES SOBRE A MORTE NA ARTE</p>  <p>Para Ler o artigo na íntegra, acessar QrCode</p> |  <p>Vida e morte: a educação com arte. Um projeto do PIBID de Psicologia no Ensino Médio</p>  <p>Para Ler o artigo na íntegra, acessar QrCode</p> |
|  <p>A Morte e o Luto nas Crianças. O Muito que a Língua Portuguesa Nos Traz</p>  <p>Para Ler o artigo na íntegra, acessar QrCode</p> |  <p>CONCEPÇÕES DA MORTE E O HOMEM NOS LIVROS DIDÁTICOS DE BIOLOGIA APROVADOS NO PNLD-2015</p>  <p>Para Ler o artigo na íntegra, acessar QrCode</p> |

Fonte de Artigos Científicos do acervo digital de pesquisa.

A partir destes relatos e, de nossas fontes de estudo e pesquisas, reafirmamos nossa convicção de que a morte ao ser inserida no ciclo da vida, dentro da sala de aula, de forma a complementar os currículos e suas propostas

pedagógicas, se torna uma possibilidade real de educação. Esta condição pode estar articulada culturalmente à particularidades regionais e, relacionada, de modo sensível às vivências pandêmicas locais com a perspectiva global de uma geração que vivenciou a morte em grande escala como nunca no cenário Brasileiro havíamos sentido, experienciado, sofrido e, tão próximo à escola, dentro e ao seu entorno. A morte como configuração de conteúdos de temas transversais para o tratamento e a promoção reflexiva de discursos humanizados na educação, como objeto de diversidade e pluralidade cultural, dá sentido a um discurso onde a morte é parte integrante da vida, dentro e fora da escola. Neste sentido, é necessário ter a consciência de tema transversal como forma de tomada de consciência Freiriana, onde este ícone da educação Brasileira definiu sobre diálogos educacionais:

Minha convicção é que não há temas ou valores de que não se possa falar nesta ou naquela área. De tudo podemos falar e sobre tudo podemos testemunhar. A linguagem que usamos para falar disto ou daquilo e a forma como testemunhamos se acham, porém, atravessadas pelas condições sociais, culturais e históricas do contexto onde falamos e testemunhamos. Vale dizer, estão condicionados pela cultura de classe, pela concretude daqueles com quem e a quem falamos e testemunhamos (Freire, 1997, p. 53).

Após testemunharmos tempos pandêmicos, desde Dezembro de 2019, dentro e fora da escola, nos mais diversos espaços, tempos e contextos, é inegável que precisamos manter diálogos inadiáveis, urgentes, a partir de cada disciplina, cada conteúdo passível de articulação, cada oportunidade que estiver ligada à necessidade de intervenções humanizadas para com a morte e suas temáticas. Educar para a morte é tarefa de todo ser humano, em todos os contextos, especialmente daquele que tem competência e habilidades, sensibilidade e amor ao ensinar algo a alguém na figura de um professor.

3.1 Revisão sistemática de pesquisa

Os desafios impostos nos dias atuais são inúmeros, um destes desafios é o de reconhecermos o lugar da morte no ciclo vital de forma a nos sensibilizarmos e criarmos a vivência e a consciência de que a morte irá impactar significativamente no nosso sentido da vida contemporâneo. Um sentido que deve ser descoberto e vivenciado no mundo e para o mundo, a partir da vida para com a possibilidade de morte e, diante da morte, que se modifica de pessoa para pessoa e de situação para

situação, esta é uma transformação que deve ser considerada por todo o ser vivo em algum momento da vida (Frankl, 1985; 2011). A partir disso, realizamos um **levantamento em Periódicos de Publicação Acadêmica com descritores específicos** (Educação, Morte e Educação e Violência), que estivessem delineados no **Título de Artigos Científicos**, especificamente nas plataformas de publicação online: Portal **Capes** e Portal **SciELO**, os quais são referências de pesquisa no Brasil.

A intenção foi de validarmos nossa finalidade de pesquisa e, assim dar seguimento ou não ao projeto que nos propomos inicialmente. Ao encontrarmos os descritores, reconhecemos que as temáticas são de interesse acadêmico, tornando relevante nossa pesquisa no intuito de darmos continuidade ao nosso processo de escrita. A sistemática que utilizamos foi baseada na busca de publicações de Artigos Científicos em qualquer idioma, a partir de 2019 até 2024, observando-se apenas no título de artigos Científicos exatamente os descritores: **Educação e Morte**. Nossas buscas resultaram nos dados a seguir:

Figuras 4. Artigos com os descritores educação e morte no título –Capes

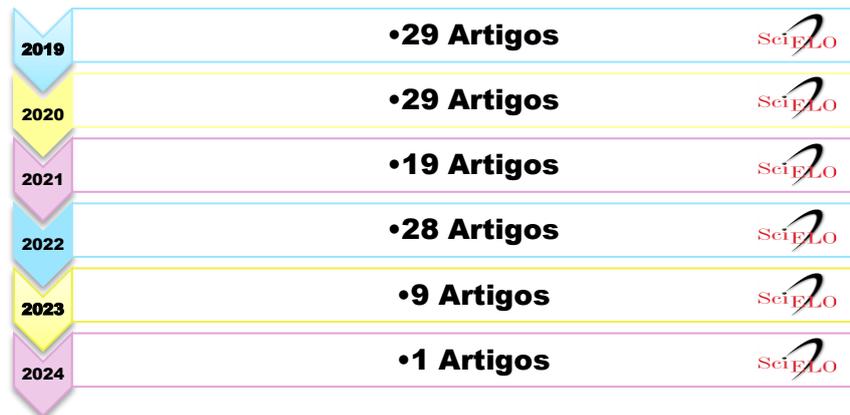


Fonte: Dados disponíveis no Portal Capes. Acesso em 27 de Jan. 2024.

Junto ao Portal Capes, verificamos que durante o início da pandemia causada pela COVID-19 houve um aumento de publicações que, a partir do título se utilizaram dos descritores Educação e Morte, havendo posteriormente no último ano uma diminuição considerável dos descritores em títulos de artigos publicados. Esta é uma consideração pertinente a nosso ver, pois o título de um artigo é o que dá vida ao próprio artigo, determinando o assunto e sua relevância, instigando o leitor à curiosidade e interesse de maneira específica, produzindo uma maneira empática de

direcionamento ao corpo do artigo na íntegra. Consideramos que o título nos revela onde a Morte habita o mundo da educação ou, se esta está à margem do interesse deste universo.

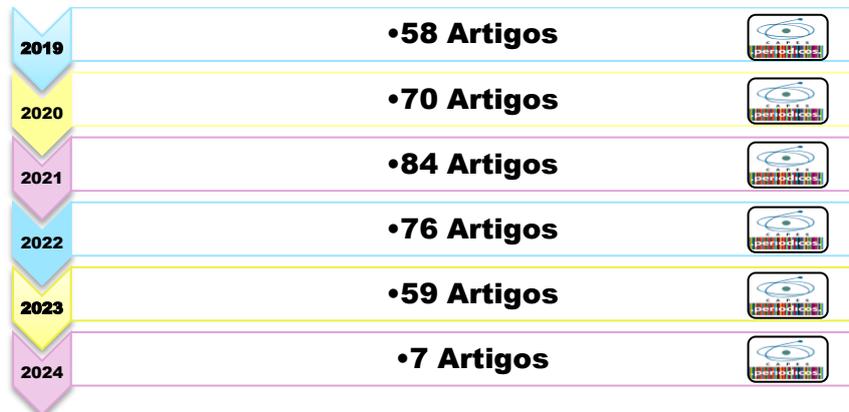
Figuras 5. Artigos com os descritores: educação e morte no título –SciELO



Fonte: Dado disponível em Portal SciELO. Acesso em 27 de Jan. 2024.

Junto ao Portal Scielo, verificamos os descritores Educação e Morte, porém pesquisamos em todos os índices, para ampliarmos nossa busca comparativamente, por óbvio, houve um maior número de artigos publicados devido a esta ampliação. Observamos que em comparação ao Portal Capes, houve um decréscimo de publicações com o decorrer do período pandêmico, notadamente de 2022 em relação ao ano de 2023, sendo que no ano de 2024 não temos argumentos suficientes, por ser o primeiro mês deste ano vigente. Apesar disso, nos questionamos sobre as motivações da ausência destes descritores nos títulos de artigos de 2023 em diante, pois é um período que acreditamos haver uma maior conscientização acerca das consequências pandêmicas de longo prazo, especialmente as relativas às perdas humanas vivenciadas e, que impactam o cotidiano atual. Neste cenário, também pesquisamos acerca dos **descritores Educação e Violência**, pois esta é uma temática que tem despontado no cenário Brasileiro de forma impactante, evidenciando a fragilidade onde o mundo escolar habita no cenário social e, denotando fatores que colocam em risco a integridade da vida de todos aqueles que convivem no ambiente escolar. Os achados serão ilustrados a seguir:

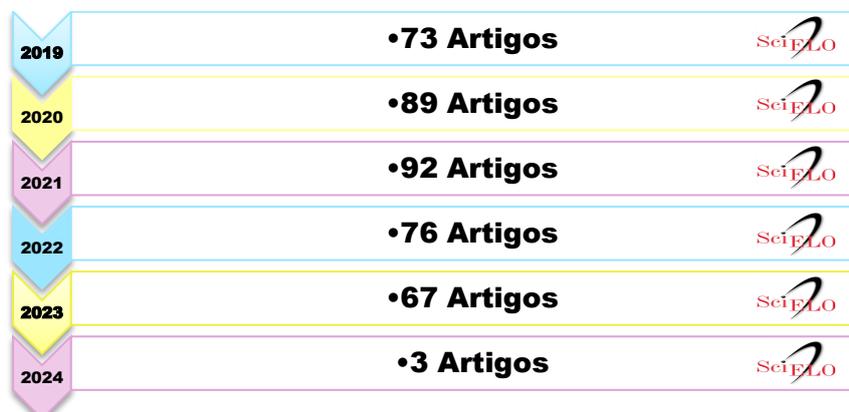
Figuras 6. Artigos com os descritores educação e violência no título –Capes



Fonte: Dados disponíveis no Portal Capes. Acesso em 27 de Jan. 2024.

É possível observarmos, apenas com este dado superficial de busca pelos descritores nos títulos de Artigos Científicos, que há um maior interesse por pesquisas que têm em seu título a Violência relacionada à Educação, fato que nos deixa curiosas, pois a violência por si só acusa o risco para uma possível consequência de morte dentro do espaço escolar. Comparativamente a questão da morte é menos abordada a partir dos títulos pesquisados, dentro de problemáticas que, a nosso ver, estão interligadas e são dependentes em relação ao risco da integridade da vida.

Figuras 7. Artigos com os descritores: educação e violência no título –scielo:



Fonte: Dado disponível em Portal SciELO. Acesso em 27 de Jan. 2024.

De igual forma, junto ao Portal Scielo, verificamos os descritores Educação e Violência, todos os índices, expandindo nossa busca comparativamente, houve um

maior número de artigos publicados devido a esta ampliação, inclusive no mês de Janeiro de 2024, a temática já instigava a produção científica de artigos. Certamente temos consciência de que esta, além de superficial, não contempla outros portais de publicação de artigos científicos, que seriam uma maioria relevante. Contudo, nos concedemos o recorte destes dois portais, apenas para ilustrarmos um fato: a morte necessita ser um assunto debatido cientificamente junto à temática da violência a partir do e, para o contexto escolar, ambas estão conectadas pelo risco ou pela fatalidade. Esta é uma problemática contemporânea que, para além de prejuízos do ensino e da aprendizagem, impõe a urgência de que o mundo acadêmico reconheça seu papel diante de circunstâncias sociais que impõem risco à vida no mundo escolar, questões sociais que corrompem a integridade escolar e causam um pedido de socorro à Saúde Física e Mental de todos que habitam estes espaços.

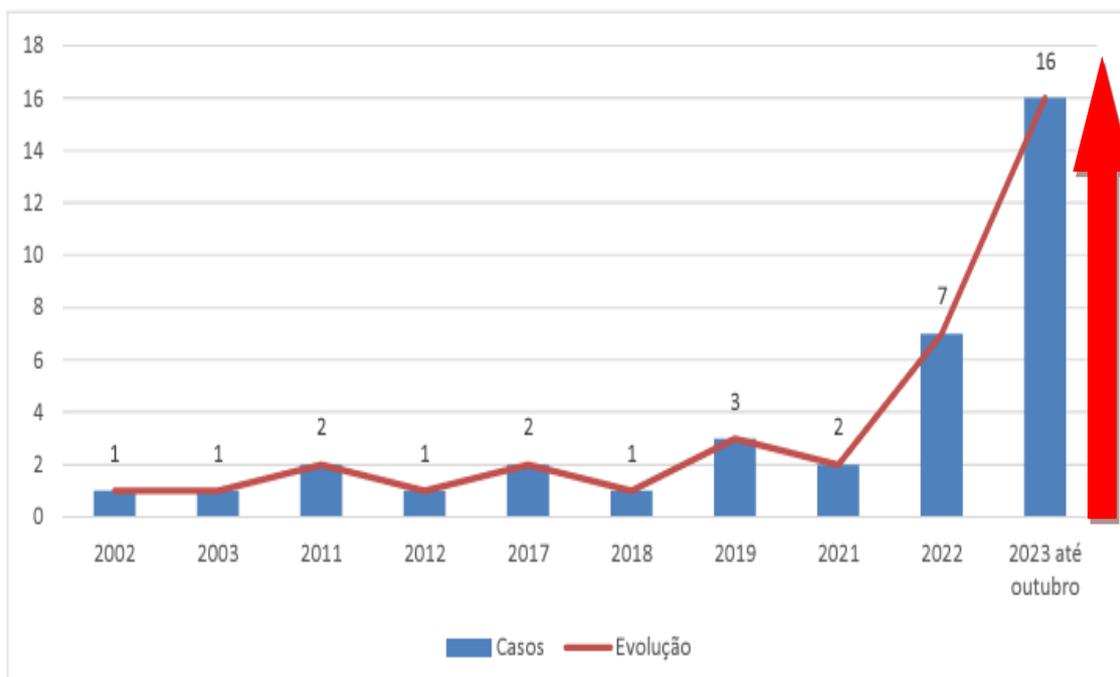
3.2 A violência que ceifa vidas na escola

O que tem a violência a ver com a Escola? Talvez esta pergunta exija competências e habilidades para além do que eu como Enfermeira ou Psicóloga tenha, a partir do meu mundo laboral onde tenho à minha disposição no complexo Hospitalar todo Equipamento de Proteção Individual, uma equipe multiprofissional e equipe de Segurança Patrimonial (sim, recursos humanos são um Patrimônio), suporte Psicoemocional e de Medicina do Trabalho à disposição ou, de dentro do conforto de um consultório de Psicologia, possa responder à indagação inicial. Todavia, este Mestrado Profissional em Informática na Educação me deu argumentos para compreender as angústias do mundo laboral na Educação pois, este é um universo desprovido da Segurança adequada, com suporte Psicoemocional e de Saúde insuficiente ou inexistente, sem políticas que salvaguardem a vida dos Professores e do público escolar de forma efetiva, sequer sem o devido reconhecimento por todo heroísmo dos Professores e da equipe escolar, seja financeiramente, seja valorosamente no exercício profissional.

O embate causado pela violência no ambiente escolar não diz somente respeito agressor ou extremista, mas também tem algo a revelar a todos os envolvidos direta ou indiretamente, a toda uma sociedade que deveria reconhecer que a casuística da violência é individual e, ao mesmo tempo coletiva. Assim como o agressor ou extremista nos remete à uma mensagem diante do ímpeto de seu ato, o

meio que o cerca é receptivo a um conteúdo que até então era oculto em sua propriedade, confundindo-se impulsividade, com transtornos mentais como agravantes, e/ou com consequência de conflitos sociais contemporâneos que denotam o sintoma de uma sociedade adoecida. O que teria provocado esta escalada após o ano de 2019, em relação a ataques extremos de violência na escola? Pense conosco. Junto com você, conosco, os estudiosos Brasileiros já pensaram sobre esta demanda urgente, este foi o motivo da elaboração do documento confeccionado pelo Grupo de Trabalho de Especialistas em Violência nas Escolas, estabelecido pela Portaria 1.089 de 12 de junho de 2023, sob o objetivo de “colaborar com a compreensão do fenômeno dos ataques às escolas no Brasil e propor caminhos para a ação governamental e para a formulação de políticas públicas” (Brasil, 2023, p. 8). Abaixo, seguem os resultados desta pesquisa⁸, que comprova um cenário caótico de vulnerabilidade dentro das Escolas:

Figura 8. Evolução de ataques de violência extrema às escolas no Brasil



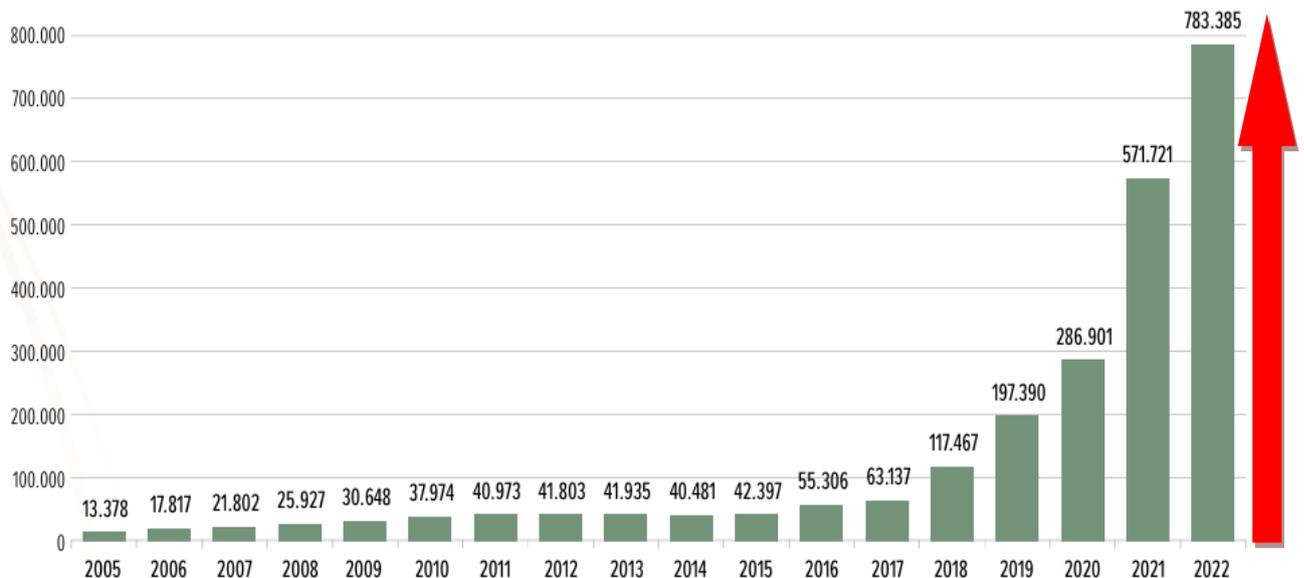
Fonte: Brasil, 2023.

⁸ BRASIL. Ministério da Educação. Grupo de Trabalho de Especialistas em Violência nas Escolas. **Ataques às escolas no Brasil: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental.** Brasil, 2023.

Este gráfico nos fala em dados, mas estes dados nos revelam que vidas humanas preciosas são perdidas gradativamente, ano após ano, para a violência. Uma violência que coincide com as consequências e sequelas da pandemia causada pela COVID-19, além de coincidir com um relaxamento da regulação dos órgãos governamentais na liberação ao acesso de meios letais como as armas de fogo, promovendo uma violência que reproduz à auto e hetero violência (tentativas e/ou suicídio, homicídios), se reproduzindo para além do espaço social, invadindo o espaço escolar de forma brutal. **No Brasil, em 2019 houve o maior número de registro na última década**, fazendo-se necessário saber que: registro é um documento, validado por dez anos, que autoriza o proprietário de arma de fogo a possuir arma em domicílio ou no seu local de trabalho. Diferente do porte de arma, onde é possível transitar. Os números com um cenário de progressão geométrica podem ser visualizados abaixo⁹:

Figura 9. Registros de porte de arma no Brasil

Número de Certificados de Registros (CR) ativos de Caçadores, Atiradores e Colecionadores (CAC) no SIGMA/Exército Brasileiro
Brasil - 2005-2022



Fonte: Brasil, 2023.

⁹ BRASIL. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: FBSP, 2023.

Não vamos nos enganar, ninguém pode imaginar que comprará uma arma de fogo e permanecerá impune por uma vida toda ao seu uso, mesmo que de forma indevida ou desavisada. Ao comprá-la seu dono não poderá supor que ela nunca será usada em uma forma trágica e violenta de acabar com uma ou mais vidas, talvez até a sua própria vida em um ímpeto suicida. O preço pago por uma arma de fogo poderá e, quase sempre é o preço de uma morte ou a cobrança de uma vida com sequelas, sejam físicas, sejam psicológicas, econômicas, sociais. Coincidentemente ou não, o crescimento da violência escolar observado no gráfico supracitado, pode ser associado junto a um aumento vertiginoso do registro de portes de armas de fogo, um dos meios letais que ocasiona violência com morte e está diretamente a ataques de violência extrema. Obviamente, somente ter a posse de uma arma de fogo não aumentará materialização da violência, contudo, diante de um impulso violento, ao idealizar ataques de violência extrema, o acesso a armas letais somado a propensão de um agressor e o descaso pela vida humana, impacta significativamente para a efetivação de ataques de extrema violência, ocorridos proporcional e gradativamente nos últimos anos, no Brasil e, principalmente em outros países que promovem uma política armamentista. É importante salientar que quando um meio letal é encontrado com fácil acesso pelo agressor extremista, seu infortúnio não será exclusivo de suas potenciais vítimas, poderemos e, seremos afetados junto ao processo desencadeado pela violência em todas as suas manifestações, vidas humanas perdidas para a violência, impactam em toda uma sociedade, desarticulam os mecanismos de defesa de toda Educação, não é somente uma única escola que fica comprometida em sua integridade.

Precisamos (todos nós) de uma análise empírica sobre a urgência de compreender do ponto de vista político e estrutural a complexidade impregnada no individual que leva em consideração os riscos pandêmicos e de políticas públicas do coletivo, que agravaram e contribuíram para as perdas humanas e as questões decorrentes da violência na Escola após o período de 2019. É no círculo cultural e político da sociedade contemporânea que residem nossos escafandros na realidade recente, os quais nos fazem submergir de nossas próprias opções da vida privada para a vida pública, confrontando nossas ações em prol do mundo ideal e real, a partir de práticas que podem salvaguardar vidas humanas dentro e fora da escola. Precisamos nos questionar neste mundo real, a respeito de qual seria a nossa própria responsabilidade diante das ações extremas de violência materializadas

nesta sociedade em que convivemos? Qual seriam as implicações na falha do sistema público de segurança que permitem que pessoas agressivas e extremistas realizem ataques violentos dentro de escolas e de espaços públicos? Quais seriam os mecanismos de proteção à integridade a vida, necessários para que professores, alunos e a equipe escolar possam conviver de modo seguro, salutar em um processo construtivo de ensino e aprendizagem?

Várias ações poderiam ser idealizadas e realizadas no âmbito de políticas de proteção para responder às questões propostas e em prol do mundo escolar, inclusive promovendo a Saúde Mental desta população que está quebrada por questões sociais e de políticas de estímulo armamentista que contribuem para esta violência. A população escolar se encontra fragilizada por estar à mercê de sequelas ocasionadas pela pandemia recente e, por inúmeros fatores acarretados por uma sociedade que precisa urgentemente reformular sua constituição ética, moral, política, econômica, religiosa e de civilidade, através de uma conscientização que compreenda a importância da Educação nesta transformação de enfrentamento imediato a questões de ordem individual, coletiva, transpessoal. Precisamos discutir, refletir, analisar, e repensar estas questões, para podermos nos posicionar enquanto seres humanos, individualmente e no coletivo da vida privada e do ambiente público, encarando a casuística e suas consequências contemporâneas em busca de soluções plausíveis, efetivas, em todas as esferas, especialmente na educacional.

Esta discussão nos permite ver o reflexo no espelho do que chamamos de sociedade, ao nos aproximarmos desta imagem, vislumbraremos um cenário social pode (ou não) evidenciar a falência (pública e privada) em salvaguardarmos a vida de métodos letais que poderiam ser controlados de forma eficaz por meios legais de proteção e de responsabilidade social consciente. Neste sentido, além da responsabilidade de políticas públicas efetivas, acreditamos que a escola, para além de sofrer consequências da violência, é a própria impulsionadora de uma transformação de consciência individual e coletiva, pois,

a escola, como instituição educativa, não se limita a ensinar conteúdos acadêmicos. Educar implica construir pensamento crítico e condutas cidadãs, pautadas nos direitos humanos e respeito. Nesta perspectiva, a escola deve configurar-se como lugar de segurança e proteção para crianças, adolescentes, jovens e adultos, minimizando os riscos e casos de violências (Brasil, 2023, p. 93).

A solução deste enredo é complexa, a escola não pode ser a única responsável por esta transformação, necessita estar atrelada a políticas públicas e de seguridade social, amparada por legislações que se transformem em realidades de proteção a direitos e deveres que viabilizem o funcionamento de novos tempos e espaços humanizados, onde a violência social seja minimizada, já que não pode ser excluída definitivamente. Esta seria uma realidade orientada por uma tomada de consciência urgente, onde “não se vive em um espaço neutro e branco; não se vive, não se morre, não se ama no retângulo de uma folha de papel”, contextualizar seria imprescindível para compreender o ser humano como um todo, dentro do seu escopo social que inclui aceitar a violência e a morte como uma realidade humana que pode ser controlada através de relações, pois implica na elaboração de significados e valores culturais que podem ser revertidos através de uma ressignificação das relações de poder para uma Educação que está além de ser disciplinadora, assume um papel de construção igualitária, onde todos tem uma história e fazem parte da história, nenhum ser humano pode ser excluído (Foucault, 2013, p.19). Este é um enredamento sobre o qual nos debruçamos, nesta pesquisa, com os olhos de quem não tem uma resposta, de quem ainda não tem uma pergunta formulada por completo, acreditando que não há somente uma resposta e sequer há uma única pergunta que defina toda complexidade da vida que envolve a morte e a violência no contexto educacional.

É um processo de consciência para uma aprendizagem que entrelaça a integralidade, desde o primeiro ano do ensino fundamental até a formação acadêmica, preparando o aluno não só para fins profissionais e de inserção no mundo de trabalho, mas também dando um suporte para que o futuro anteveja questões sociais como pertencentes à escola e, dignas de estarem elencadas em conteúdos de ensino e aprendizagem. Inclusive nas pesquisas científicas a partir de temáticas em prol da vida e, que aceitem a morte e a violência na educação como um campo de pesquisa que deve ser estudado exaustivamente para reverter na seguridade de uma educação socializadora, humanizada e humanizadora, que restaure preserve a vitalidade escolar, que proteja o conhecimento de forma construtiva, transversal, inter, multi e transdisciplinar.

4. Delineamento Metodológico de Pesquisa:



*Fonte: Google Imagens

(In Memoriam: Professora Keli Adriane Aniecevski, 30 anos e Monitora Mirla Renner, 20 anos, Presente!)

4. DELINEAMENTO METODOLÓGICO DE PESQUISA

Corroboramos com o que afirma Garnica (1997, p. 121), quando diz que “pesquisar é um exercício para compreendermos o mundo e a vida”. Ao nos depararmos com as questões propostas, delineamos o caminho científico percorrido com sensibilidade e conhecimento. Acreditamos que a **metodologia de pesquisa qualitativa** se adaptou ao fenômeno subjetivo, sendo possível a observação de comportamentos naturais, através da análise fundamentada na literatura científica através de respostas abertas a qualquer indagação, com diálogos flexíveis e que permitiram uma interpretação, reflexão e significação dos dados, por este motivo seguimos nesta direção. A seguir ilustraremos como se realizou a sistemática do processo metodológico para melhor compreensão de nossa construção teórica e prática:

figura 10. Sistemática do processo metodológico



Fonte: Construção da autora, 2024.

A definição de método qualitativo proporcionou uma análise de modo sensível ao discurso (falado, escrito ou gestual) entre o sujeito e seu interlocutor, transversalmente às relações culturais, políticas, sociais e espirituais de significado humano e científico para com o objeto desta pesquisa. Nosso desenvolvimento de pesquisa foi realizado pelo viés do **método qualitativo no viés fenomenológico** priorizando a descrição de experiências vivenciadas pelos sujeitos pesquisados sobre um determinado fenômeno (violência e morte), sendo este o nosso objeto de busca na estrutura essencial e existencial do mundo vivido a partir do mundo escolar. No entendimento de que “a pesquisa fenomenológica possui peculiaridades que deixam em evidência o problema da entrevista em pesquisa qualitativa”, procuramos encontrar singularidades no diálogo e, esta se tornou uma procura sensível, guiada pelo propósito da própria conversação, evidenciando a problemática real dos envolvidos no processo de pesquisa (Ranieri; Barreira, 2010, p. 2). Para tal propósito, houve uma individuação de base na proposta de análise e de implicação na perspectiva de um olhar sobre a interpretação da sintomatologia da conversação contextualizada e seu diagnóstico de verbalização, de escrita e leitura.

A complexidade pertinente aos fenômenos desencadeados pela temática da Morte e da violência, relacionado à educação a partir do conseqüente processo natural no ciclo vital humano, onde as indagações existenciais são uma referência, despontou questionamentos ao invés de respostas definitivas. Este olhar se encaixou perfeitamente em nosso processo exploratório avaliativo, através de uma ponderação despreziosa, que promoveu um diálogo entre a vida, a morte, a violência e a prática pedagógica. Estes temas de ordem humana e complexos não se fecham em si, se abrem a novas pesquisas, geram outras indagações e constroem conhecimentos palpáveis, dignos da certeza de que “talvez outras conversas gerem outros textos e a gente consiga cada vez falar mais, com mais gente, sobre este momento”, esta é nossa real intenção: que a morte e a violência deixem de ser um tabu a ser pesquisados (Peixoto; Vieira, 2021, p. 195). Houve uma enorme necessidade de refletirmos sobre estas temáticas para que houvesse um sentido integrado à vida, onde o ciclo vital tivesse sua própria elaboração pedagógica do nascimento à finitude. Este processo se desenvolveu através de uma conscientização onde há necessidade de um processo de ensino e aprendizagem de acordo com cada fase de desenvolvimento, permitindo um diálogo natural, uma

conversação, uma troca de experiências sobre a vida e a morte, sem constrangimentos e exigências prévias.

Nossa pesquisa se iniciou na própria vida, portanto, para realizarmos achados reflexivos que dessem sentido ao estudo da morte ou à evitação da violência humana, optamos pela proposta de diálogos com a educação através da realização de uma entrevista presencial ou online, gravadas como um modo eficaz de registro. Descrevemos todos os procedimentos previamente, no Termo de Consentimento Livre e esclarecido, após o aceite, obviamente, houve o devido convite ao diálogo proposto, na continuidade sendo esclarecido que os participantes tinham o direito de se eximir em responder à entrevista a qualquer momento, assim como, mesmo que o participante se recusasse a participar da pesquisa, poderia a qualquer momento procurar a pesquisadora até o término desta pesquisa, para possíveis diálogos ou esclarecimentos. Caso houvesse alguma demanda de suporte Psicológico, a pesquisadora se comprometeu a orientar sobre locais de suporte Psicoemocional gratuito, na rede pública ou voluntária de Saúde Mental, caso o Serviço de Orientação Pedagógica da escola não dispusesse deste serviço.

4.1 Campo de pesquisa

É necessário evidenciar que este projeto de pesquisa foi apresentado para quatro escolas particulares e duas escolas Estaduais do Município de Porto Alegre, contudo, **não houve nenhum retorno** positivo ou negativo por parte **das escolas Particulares** para participação (ou não) na pesquisa. **Somente as escolas Públicas** convidadas **retornaram imediatamente e manifestaram interesse em participar da pesquisa** após a apresentação e solicitações de adaptações (direcionamento da pesquisa somente para professores). Após o contato com as escolas e o devido aceite por parte dos professores participantes¹⁰ desta pesquisa, mantivemos um canal aberto de comunicação com os participantes através de meios online (WhatsApp, E-mail), para dúvidas ou auxílio a qualquer momento, se a temática despertasse algum sentimento de desconforto, assim, o professor

¹⁰ Adotamos a denominação de **Professores Participantes do estudo**, porque compreendemos que os professores entrevistados não são apenas participantes passivos, são pessoas que contribuíram ativa e significativamente para dar sentido ao propósito de toda construção desta pesquisa.

colaborador teria acesso ao contato com a pesquisadora, antecipando um suporte de esclarecimento e orientação psicoemocional, se houvesse necessidade.

Contudo, salientamos que houve contatos com a pesquisadora principal somente para esclarecimentos gerais, sem nenhuma sensibilização ou sofrimento psicoemocional observável e persistente diante da proximidade com a temática da morte e seus processos e/ou violência escolar. Este é um artifício natural, independente da pesquisa que foi proposta, é um sentimento vivenciado em qualquer abordagem sobre o assunto da morte, o qual é de ordem humana e desencadeia um processo autorreflexivo muitas vezes desconfortável na demanda existencial devido à proximidade da realidade pandêmica ou a violência humana e suas consequências.

O lugar da morte na vida é onde colocamos a compreensão de nossa própria finitude, de nossas perdas ao longo da vida, as quais também influenciam nosso entendimento e enfrentamento diante de situações de morte, de luto ou de sobrevivência diante de atos de violência extrema ou de catástrofes naturais com fatalidades. Concordamos com Alvarenga (2020, p. 160-161) ao concluir que “é fato que a pandemia atual deixou e ainda deixa muitas lições e experiências negativas, mas também há pontos positivos que podemos extrair desta situação”, um destes pontos é a motivação para diálogos construtivos e significativos sobre a finitude e a violência humana. Conversar sobre estes temas quando se coloca um sentido na fala e na escuta se torna um importante processo de elaboração, desmistificando questões que marginalizam esta temática socialmente, estes diálogos podem, inclusive, salvar vidas e preservar nossa integridade mental diante do sofrimento através do acolhimento interpessoal e, de referências que tornem o conhecimento científico útil à vida.

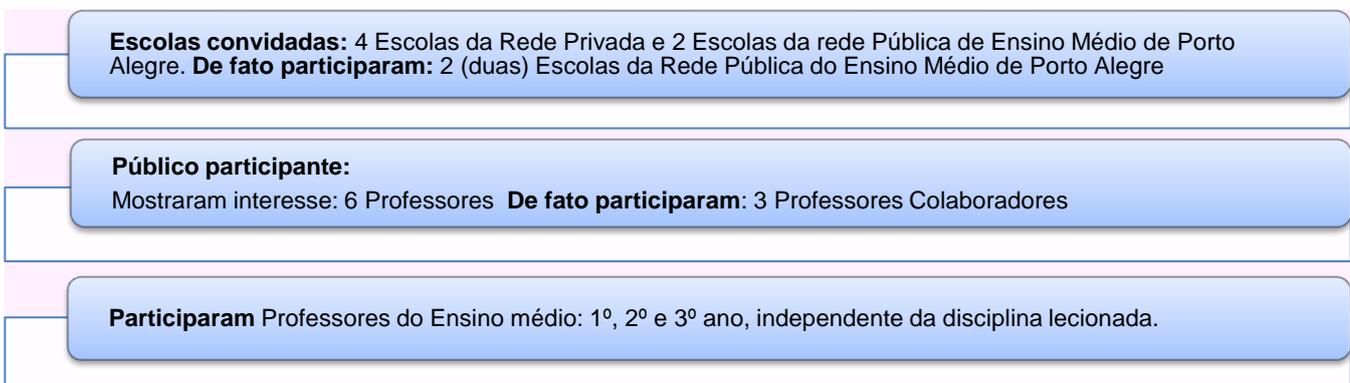
4.2 Participantes da pesquisa

Ressaltamos que a pesquisadora principal entrou em contato com 4 escolas da rede Privada de Ensino de Porto Alegre, contudo, em todos os contatos não houve receptividade para evolução inicial da pesquisa. Nestas 4 escolas houve a orientação de encaminhar a solicitação por e-mail ao setor pedagógico ou responsável para apreciação da pesquisa e, houve a informação de que após seria dado um retorno por e-mail sobre o aceite ou não da participação das respectivas

Instituições na pesquisa proposta, contudo, sequer retorno negativo de participação, nunca houve nenhum retorno, de nenhuma destas Instituições privadas. De outro modo, na apresentação da pesquisa **na rede Pública ensino, o acesso ao pessoal do apoio Pedagógico das duas Instituições Escolares Estaduais de Ensino médio contatadas foi de imediato e a receptividade da pesquisa teve um diferencial de aceitação**. Esclarecemos que, futuramente, nos comprometemos nestas duas escolas, com uma devolutiva dos resultados a qual terá um adequado espaço para diálogo sobre a pesquisa, seus resultados, eventuais questionamentos ou situações surgidas após todas as etapas da dissertação, além de uma devolutiva do produto de Mestrado às escolas participantes (E-book ThaNaThos).

Após a realização das entrevistas, o olhar que lançamos na análise dos dados foi a partir da reflexão de que “um objeto, quando olhado pelo pesquisador de maneira inteligível, torna-se um fenômeno para esse pesquisador que assim o olha, tal objeto, neste caso, adquire o caráter de fenomenalidade o qual desaparece quando deixa de ser experienciado de modo vivo” (Martins; Bicudo, 1989 p. 76). Os dados obtidos nas entrevistas foram transcritos, analisados e observados através de uma análise de apreensão de significados a partir da fala dos sujeitos entrelaçando o olhar das pesquisadoras a um processo crítico e reflexivo. Esta é uma construção que não pertence só a esta pesquisa, faz parte da vida e das elaborações de todos os envolvidos nesta pesquisa, dando sentido à fala e à escuta na entrevista. Neste delineamento, a ilustração abaixo representa o cenário do público desta pesquisa:

Figura 11. Público da pesquisa



Fonte: Construção da autora, 2024.

Nesta dissertação **a investigação de pesquisa foi direcionada ao público de professores participantes de diferentes disciplinas do ensino médio, sendo**

que, inicialmente a expectativa era de um número mínimo de cinco participantes na pesquisa e no máximo de quinze. Contudo só **houve interesse na participação de seis professores (3 do gênero masculino e 3 do gênero feminino)**, de fato **se concretizou o aceite e participação somente por parte 3 professores**, nas duas escolas Estaduais diferentes da rede Pública de Porto Alegre. Optamos pela observação qualitativa, subjetiva e de reflexão junto ao conteúdo coletado nas entrevistas realizadas com o público participante, não nos atemos à quantidade de participantes diante do entrave de aceite encontrado à temática proposta. Sequer optamos por insistir por mais de duas vezes com as pessoas que demonstraram interesse inicial e desistiram posteriormente, sob o risco de gerar algum desconforto, deixamos o contato em aberto, caso houvesse interesse.

4.3 Procedimentos para coleta de dados

Consideramos necessário relatar que o processo de coleta de dados foi realizado através **de questionários semiestruturados e flexíveis, direcionados aos Professores participantes** para averiguar as vivências no cotidiano escolar com as implicações de morte e/ou adoecimento durante sua atuação docente no período pandêmico e também na perspectiva da violência escolar, além de averiguar se estes tiveram um suporte acadêmico e profissional para atuar junto às temáticas da morte e/ou violência escolar com morte em seus currículos disciplinares. Ao nos aproximarmos para pesquisar é imprescindível termos a compreensão de que,

para ter domínio da própria vida pela compreensão de suas condicionantes, o sujeito necessita ser capaz de pensar de modo mais expandido, compreendendo as razões de suas condições de vida atuais e pregressas e visualizando suas possibilidades de futuro. Essa compreensão implica todos os outros de sua relação, com os quais compartilha e produz novas significações, em um processo dinâmico e permanente característico das vidas vividas (Guzzo; Souza; Ferreira, 2022, p. 12).

Neste sentido, ao atravessarmos o cotidiano escolar, também estivemos vivenciando e sendo atravessados por nossas próprias condicionantes educacionais. Ao interrompermos nossas realidades e pensarmos, articulamos saberes acerca de nossas vidas junto às outras vidas que participaram desta pesquisa, esta relação é crucial para a compreensão necessária como pesquisadoras e estudiosas da temática. Não, nós não temos todas as respostas, assim como os participantes,

nossa condição humana nos põe à mercê de incógnitas existenciais igualitárias. Em todas as interações entre a pesquisadora principal e as Instituições participantes, além do contato junto aos professores participantes desta pesquisa, esclarecemos que foi **preservado às Instituições e aos participantes o anonimato** por parte das pesquisadoras através de aspectos como a confidencialidade, onde todas as informações dos participantes foram asseguradas por serem confidenciais e voluntárias. Além disso, somente após o devido esclarecimento, leitura e assentimento do **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido –TCLE-** mediante confirmação de aceite pelo formulário online disponibilizado, houve a continuidade da pesquisa através de entrevistas gravadas, presencialmente ou online.

Também asseguramos o direito ao esclarecimento de todas as informações desta pesquisa, fornecidas de forma clara ou, esclarecidas pela pesquisadora principal a qualquer momento, por email ou pelo telefone em anexo no final deste documento, online ou presencialmente, sempre que necessário durante e após a pesquisa, até a publicação dos dados. Além disso, nos asseguramos do entendimento de que os dados coletados serão guardados por um período máximo de cinco (5) anos, quando serão excluídos ou deletados (gravações, transcrições, todo material das entrevistas). Reforçamos que para a publicação dos resultados obtidos, os participantes serão identificados por nomes fictícios de “Flores, Cores ou Animais” (codinomes escolhidos pelos participantes) e, todas as informações que possam levar à sua identificação direta serão omitidas, inclusive o local das escolas.

Após a versão final do trabalho, haverá publicação da pesquisa e, uma cópia será enviada às respectivas Instituições escolares e aos professores participantes, ficando à disposição para conhecimento e uso, juntamente com o envio do material confeccionado pelo E-book Thanathos. Reafirmamos que esta pesquisa não trouxe nenhuma compensação financeira ou de forma material a nenhum dos envolvidos, os benefícios da pesquisa estão vinculados às possibilidades de inserção da temática da Morte e da Violência nos currículos educacionais por iniciativa dos professores participantes ou interessados, de forma a desmistificar a temática, humanizando e transversalizando este tema na Educação. Reiteramos que, a colaboração voluntária de cada professor colaborador contribuiu significativamente, não pelo número de adeptos, mas pela riqueza dos conteúdos que potencializaram o propósito desta dissertação.

5. A Morte na Vida, a Vida na Morte



*Fonte: Google Imagens

(In Memoriam: Professora Flávia Amboss Merçon Leonardo, de 38 anos, Presente!)

5. A MORTE NA VIDA, A VIDA NA MORTE

A presente pesquisa foi submetida para avaliação do Conselho de Ética em Pesquisa da Plataforma Brasil em 03 de Setembro de 2022, necessitando de correções e adaptações e, sendo aprovada em 29 de novembro de 2022. Posteriormente houve contato com as Escolas e, houve um tempo de demora no retorno. Em seguida houve apresentações do projeto nas escolas e, posteriormente contato com os professores interessados e, finalmente com participantes desta pesquisa. Salientamos que, as Instituições Escolares participantes desta pesquisa serão denominadas por nomes fictícios (**Cosmos e Lótus**), preservando-se o anonimato das Escolas e seus colaboradores, esta opção se realizou por um viés ético de princípios das pesquisadoras, considerando o anonimato para preservar os professores entrevistados, mediante a evitação da temática no meio educacional, fato comprovado pela pouca aderência na participação desta pesquisa. Ressaltamos que os três (3) entrevistados que participaram desta pesquisa serão denominados por nomes fictícios (**Cor, Animal ou Flor**, à escolha de cada um dos professores participantes), com a mesma intenção de preservarmos a privacidade dos participantes.

Coleta e análise dos dados

Figura 12. Descrição dos participantes



Fonte: Construção da autora, 2024.

Após a devida aprovação, o primeiro contato com a Escola Cosmos ocorreu junto à Psicopedagoga da escola, sendo que houve também um prazo para aprovação da direção da Instituição escolar para que a pesquisadora pudesse entrar em contato com os responsáveis da Escola, somente no segundo semestre de 2023 foi retomado o contato com as Instituições participantes e seus professores colaboradores, dando continuidade ao processo. Salientamos que, na Escola Cosmos a pesquisadora responsável pela dissertação e pelas entrevistas entregou em mãos para a Diretora da Escola um conteúdo informativo impresso com os principais dados de orientação da pesquisa, contendo o propósito, objetivos, metodologia e alguns dados científicos para apreciação da direção escolar, a qual se comprometeu em realizar o contato e divulgação do material junto aos professores durante uma reunião geral que já estava programada por outros motivos administrativos.

Além disso, posteriormente, foi solicitado que a pesquisadora responsável pela dissertação desta pesquisa entrasse em contato direto com os professores para divulgação da pesquisa, fato que ocorreu na sala dos Professores, durante diálogos e exposição do material. A pesquisadora optou por além de divulgar verbalmente, deixar material impresso na sala dos professores, bem como uma lista onde os possíveis participantes deixariam seus dados e formas de contato, além de escolherem/assinalarem se preferiam que a entrevista se realizasse pessoalmente em espaço físico da escola (ou não) ou virtualmente. As entrevistas ocorrerem em data e horário de escolha dos participantes da pesquisa, através do Google Meet ou, WhatsApp e ainda sob a opção de entrevistas gravadas e enviadas por áudio, após o devido aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, se adaptando à necessidades emergentes. Por fim, é importante ressaltarmos que **na escola Cosmos três professores demonstraram interesse em se voluntariar para participar da pesquisa, contudo, houve a participação, de fato, de única de uma professora**, mesmo com o diálogo entre os responsáveis Institucionais e professores, acrescido do diálogo presencial da pesquisadora e da interação com o fornecimento de material impresso. A entrevista na escola Cosmos foi a única que ocorreu presencialmente.

Na Escola Lótus, houve várias interações com os responsáveis pela Instituição, por opção da direção, os mesmos mantiveram contato direto com todos

os professores para convidá-los a participar da pesquisa. Os responsáveis da Instituição tiveram contato presencial com a pesquisadora em três momentos para esclarecimentos e, a pedido, foi entregue para estes responsáveis o material impresso contendo o propósito, objetivos, metodologia e alguns dados científicos, que permaneceu à disposição dos professores, bem como uma lista onde os possíveis participantes deixariam seus dados e formas de contato, além de escolherem/assinalarem se preferiam que a entrevista se realizasse pessoalmente em espaço físico da escola ou virtualmente e em data e horário de escolha dos participantes da pesquisa. As possibilidades foram em ambas as escolas, através do Google Meet ou do WhatsApp, em entrevistas gravadas, tanto pessoalmente quanto virtualmente. Na escola Lótus, somente 4 (quatro) professores foram voluntários para a pesquisa, e destes somente 2 (dois) de fato colaboraram na entrevista de forma online. Ressaltamos que inicialmente, havíamos limitado a seis participantes por escola e as entrevistas seriam presenciais, mas este requisito não foi preenchido devido à baixa adesão de participação, então abrimos participação sem um número mínimo de participantes. Contudo, os professores que manifestaram interesse solicitaram na escola Lótus, que a pesquisa fosse realizada na forma online.

Posteriormente, também foi ofertado a uma professora da Escola Lótus que, após o devido esclarecimento presencial, a professora pudesse assinar o termo de Consentimento Livre e Esclarecido online, respondendo aos questionamentos da entrevista através de áudios gravados, sem intervenção em tempo real da pesquisadora, já que a mesma sentiu dificuldade em coordenar seu tempo para a entrevista. Entretanto, durante as conversas para combinações, ficou subentendido que, devido ao tempo hábil de final de semestre e, atividades pessoais dos possíveis professores participantes, mesmo a metodologia se adaptando às exigências e melhorias necessárias para se adequar da melhor maneira às demandas emergenciais desta professora, a mesma deixou de manter contato com a pesquisadora, demonstrando desinteresse e, não retornando aos contatos.

Outro dado importante a informar é o de que, inicialmente as pesquisadoras optaram por direcionar a pesquisa a professores e alunos, contudo, após o contato inicial da pesquisadora com os responsáveis da Instituição da Escola Cosmos, os mesmos manifestaram a advertência de não ser adequado realizarmos a pesquisa com os alunos, pois esta seria uma possibilidade complexa, que incluiria não só alunos, mas seus pais, além de “expor a Instituição” a possíveis manifestações por

parte externa de outras pessoas. Outra justificativa foi a de que a temática proposta por esta pesquisa se trata de um tema sensível devido à ainda estarmos em tempos pandêmicos de COVID-19 e vivenciarmos suas consequências, inclusive de perda de vidas humanas, fato que torna todos suscetíveis a possíveis complicações ligadas à saúde mental. Por este motivo, as pesquisadoras optaram por excluir o público discente (de alunos) como participantes da pesquisa, permanecendo na pesquisa **somente professores como participantes da pesquisa a serem entrevistados.**

Enquanto pesquisadoras, em contrapartida ao propósito inicial de atingir certo número de participantes para as entrevistas, deparamos com um número mínimo de professores participantes a serem entrevistados, este fato foi impactante, não sendo possível determinar a causa do desinteresse, se foi pela pesquisadora principal não ser da área da Educação, se foi pelo preconceito ou desinteresse pela temática da morte, ou outro motivo. Este fato mudou nosso curso de pesquisa inicial e, nos direcionou a uma opção intimista e reflexiva de adaptação ao fenômeno da pesquisa qualitativa, demonstrando a importância de nos atermos à qualidade dos dados e não à quantidade do público participante. Assim sendo, as narrativas sofreram recortes para uma análise baseada no bom senso das pesquisadoras, pelo conhecimento empírico e, embasadas pela literatura científica. Em alguns momentos, os recortes das falas e reflexões estarão demonstrados apenas na fala de um dos entrevistados no decorrer do texto, pois as falas se complementam e denotam o consenso entre os professores e, estão em consonância com a literatura atual que se relaciona à vida docente e ao mundo escolar, não havendo necessidade de repetirmos o conteúdo.

Reiteramos que estas adaptações estão de acordo com as evidências fenomenológicas que contribuíram para decisões sensíveis às necessidades evidenciadas no momento do contato com as Instituições, contudo, podem estar relacionadas a consequências em tempos onde a morte invadiu a escola e invocou um silenciamento diante de inúmeras perdas, de lacunas deixadas por vidas humanas de professores e alunos, da equipe escolar e de familiares, através da morte ou de sequelas devido à COVID-19. Esta limitação pode ser consequência de mortes que deixaram cadeiras vazias em sala de aula, de ausências nos corredores da escola, de espaços vazios de relações humanas nas dependências escolares, onde houve um sofrimento extremo durante o período pandêmico e perdas

significativas que propõem consciente ou inconscientemente uma evitação ao confronto com a temática da morte ou por lutos não elaborados.

Definitivamente, as pessoas que se sentiram confortáveis em participar da pesquisa “Vamos conversar sobre a morte na educação?” se tornaram referências importantes para todas as nossas conclusões, a relevância do conteúdo dos relatos não se ateve à quantidade das pessoas que participaram, nossa pesquisa se revelou coerente pela profundidade e riqueza do relato do sofrimento implícito que estas pessoas evidenciaram em seu discurso, quase que descrevendo um pedido de socorro solitário, que não pode ser dividido com seus alunos e, culmina em adoecimento físico, mental, espiritual, social.

Estas são elucubrações que iremos delinear a seguir, através da transcrição fidedigna destes relatos impregnados de sentimentos, lembranças, risos e lágrimas, com diferentes energias, contribuindo com um conteúdo relevante que deu vida a cada palavra e justificou o sentido desta dissertação. Cada fala tem em si um discurso, cada ausência neste discurso ecoa em evasões que não aceitam que a morte não exclui a vida e vice versa. São impressões de um discurso solitário, que talvez se encontre em muitos outros que se calaram, não tiveram opção de se manifestar ou onde o sofrimento foi de tal modo que não se traduziu em palavras ou atitudes externalizadas.

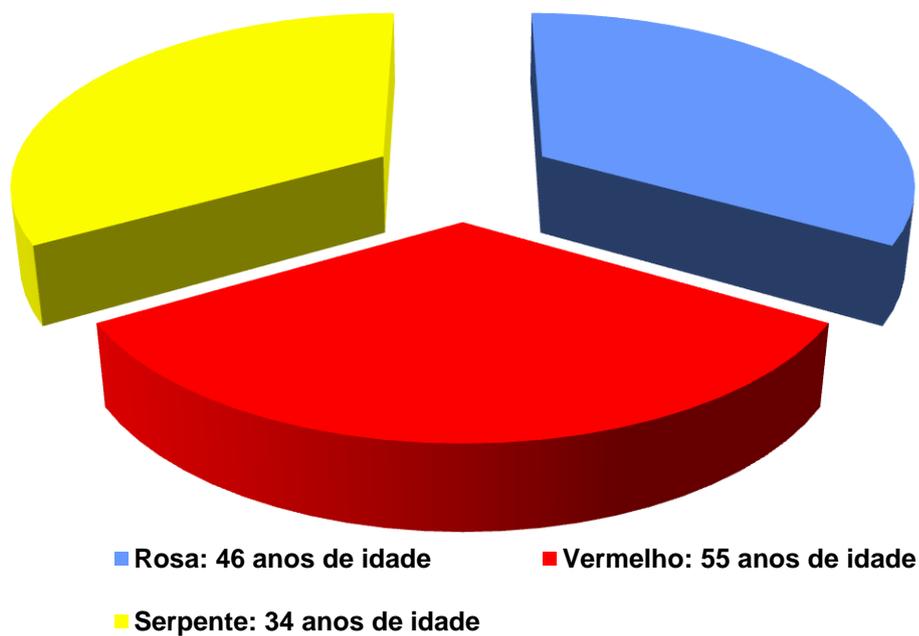
Não sendo educadora por natureza, me preocupo por todos os professores que estiveram diante desta possibilidade de pesquisa e não se sentiram aptos a participarem, ou demonstraram que esta temática lhes causa desinteresse a tal ponto de ignorar a possibilidade de falar a respeito. Dito isto, voltamos ao propósito de representar os três participantes que se dispuseram ao diálogo sobre a morte e o morrer na educação:

Idade e Gênero

Os 3 (três) participantes da pesquisa tinham no mínimo 34 de idade e idade máxima de 55 anos de idade. Além disso, dois participantes eram do sexo masculino e uma participante do sexo feminino, estas são características de relevância indireta para a pesquisa. Estes aspectos são irrelevantes para identificar as atitudes e percepções das pessoas, de acordo com suas vivências e respostas a possíveis estressores relacionados às realidades vivenciadas por cada um diante do

fenômeno da morte em si, mas se mostraram importantes diante do fenômeno de ação direta em relação a aspectos de força física, conforme ilustraremos posteriormente. Em respeito a cada participante e seu direito ao sigilo ético, usaremos codinomes para identificar cada participante, os codinomes estão na legenda com a respectiva idade de cada um. Segue abaixo uma ilustração dos dados:

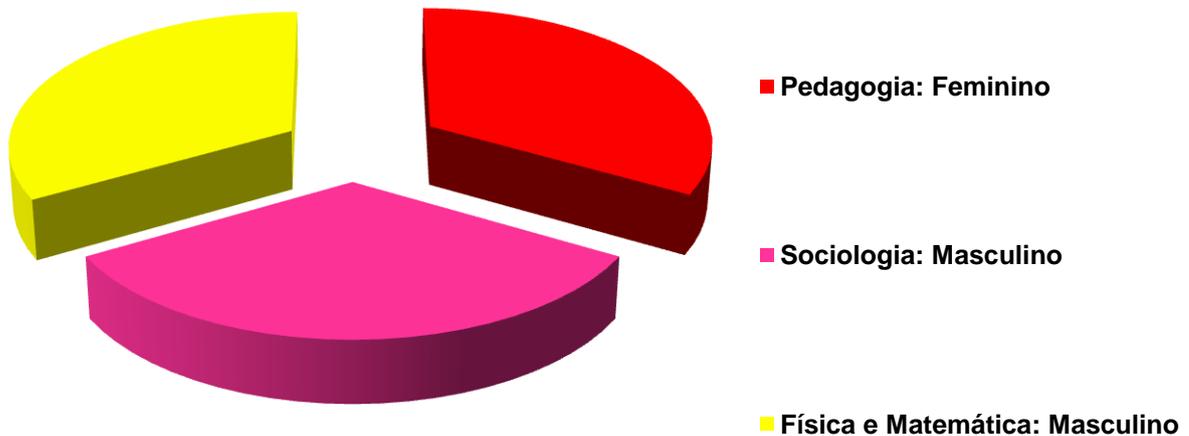
Figura 13. Codinome e idade



Fonte: Construção da autora, 2024.

Curso de Graduação e Gênero dos professores participantes

A relevância destes dados deve ser destacada pelas características de formação e pelo tempo e espaço relacionado ao ciclo vital e as vivências de cada um, fatores importantes para a nossa interpretação dos dados. Além disso, a formação é relevante teórica e culturalmente diante das temáticas da morte e seus processos a partir de diferentes perspectivas e constructos singulares, que dão origem a diferentes noções encontradas nesta e em outras pesquisas sobre a morte.

Figura 14. Formação e Gênero

Fonte: Construção da autora, 2024.

Após esta caracterização dos professores participantes, esclarecemos que a partir deste momento construiremos o texto com o intuito de nos guiar pelas perguntas que nortearam as entrevistas, bem como as respectivas respostas através de recortes de falas que serão referenciados por citações atualizadas e pertinentes à temática proposta, para multiplicar e embasar os possíveis sentidos ao nos aproximarmos da relação entre a teoria pesquisada, a prática laboral destes docentes e, a experiência das pesquisadoras na construção de conteúdos pertinentes. Em alguns momentos iremos transcrever trechos dos três entrevistados, em outros selecionamos apenas um conteúdo que sintetiza uma situação extrema encontrada e que nos impactou pelo teor da realidade encontrada pelos professores em seu ambiente laboral em vivências que estão ilustradas em outras pesquisas, inclusive.

Primeiramente, é necessário que haja o esclarecimento que, conforme o descrito na metodologia de pesquisa, as entrevistas foram gravadas e seus áudios transcritos, após revertendo em respostas a cada pergunta formulada, analisadas de acordo com a metodologia de pesquisa qualitativa, a qual se adapta ao fenômeno subjetivo, sendo possível a observação de fenômenos complexos já descritos na

literatura científica e reforçados em nossos achados pela aproximação com as temáticas da fragilidade humana e da morte no cotidiano escolar.

Durante a entrevista, os professores participantes tiveram acesso, através do Google Forms, ao formulário que se dividia em duas etapas: a) Dados iniciais e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, somente após a leitura do termo e confirmação online de aceite com dados de identificação, o professor colaborador poderia dar prosseguimento para avaliação e resposta às questões da Entrevista. Os formulários foram os ilustrados a seguir:

Figura 15. Formulários de termo de consentimento livre e esclarecido e entrevista:

Etapa 1. Apresentação da Pesquisa (ilustração)

Seção 1 de 2

Questionário para Professores das Séries Finais do Ensino Médio.

Olá! Convidamos você para participar da pesquisa intitulada: **VAMOS CONVERSAR SOBRE A MORTE NA EDUCAÇÃO?** Esta pesquisa está vinculada ao Mestrado Profissional em Informática na Educação do Instituto Federal do Rio Grande do Sul -IFRS- sob os cuidados da pesquisadora Ivete Iara Gois de Moraes e, orientação da Prof^ª. Dr^ª. Márcia Amaral Corrêa Ughini Villarroel. Informamos que no futuro enviaremos o resultado (Artigo Publicado e/ou Ebook) da pesquisa através do seu Email informado abaixo e/ou outras formas conforme combinações com os responsáveis por sua Instituição Escolar. Desde já agradecemos sua contribuição!

E-mail *

E-mail válido

THANATHOS
Ivete I. G. Moraes
Márcia A. C. U. Villarroel
2024

Fonte: Construção da autora, 2024.

Etapa 2. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ilustração)

Perguntas Respostas 2 Configurações

Leia o **Termos de Consentimento a seguir** e, caso tenha interesse em participar, consinta com o exposto no documento, para garantirmos sua participação livre e espontânea, de forma esclarecida e consciente.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO –TCLE-

Pesquisa: **VAMOS CONVERSAR SOBRE A MORTE NA EDUCAÇÃO?** Natureza da pesquisa: "analisar a presença ou ausência de temáticas da Morte nos currículos e conteúdos dos anos finais do ensino médio, na perspectiva de um diálogo entre a teoria e práxis transversal e humanizada". A pesquisa já foi aceita e liberada pela **Plataforma Brasil** e por vossa **Instituição Escolar**.

Responsabilidade da pesquisa: Ivete Iara Gois de Moraes, aluna do Instituto Federal do Rio Grande do Sul -IFRS- Campus Porto Alegre, junto ao Programa de Pós-graduação do Mestrado Profissional em Informática na Educação, sob orientação da Profª. Drª. Márcia Amaral Corrêa Ughini Villarroel.

Participação na Pesquisa: Tendo conhecimento desta pesquisa, é preservado aos participantes, por parte das pesquisadoras: -Confidencialidade: Todas as informações dos participantes serão confidenciais e voluntárias. Direito à Informação: Todas as informações desta pesquisa serão fornecidas de forma clara e, esclarecidas pelas pesquisadora a qualquer momento, por email ou pelo telefone em anexo no final deste documento e, presencialmente sempre que necessário, reservando-nos o direito a algumas informações serem divulgadas somente após os resultados obtidos futuramente. **A coleta dos dados será realizada através de formulários online através do Google Meet e/ou WhatsApp com acesso a Formulários Google ou ainda, presencialmente após decisão do próprio participante e em combinação com a pesquisadora:**

THANATHOS
Ivete I. G. Moraes
Márcia A. C. U. Villarroel
2024

Fonte: Construção da autora, 2024.

Etapa 3. Participação Online ou Presencial após Consentimento

Você gostaria de participar da Pesquisa Online ou Presencialmente em data, horário e/ou local a combinar com a pesquisadora?

Caixas

THANATHOS
Ivete I. G. Moraes
Márcia A. C. U. Villarroel
2024

PARTICIPAR ONLINE

PARTICIPAR PESSOALMENTE(em horário e local a ser combinado).

Adicionar opção ou [adicionar "Outro"](#)

Fonte: Construção da autora, 2024.

Após a leitura conjunta do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, houve o aceite digital dos professores que se dispuseram voluntariamente a participar da pesquisa e, o informe sobre a escolha pela forma de participação (online ou presencial), sendo que todos os participantes da pesquisa optaram por participar online. Acreditamos que, a opção pela participação online está de acordo com a inserção de tecnologias digitais na Educação, no que concordamos com Villarroel (2023, p. 46) ao definir que “a tecnologia enquanto meio, e isso vale para tudo o que se produz em inteligência artificial, deve estar a serviço do desenvolvimento da humanidade, implicando aspectos materiais, culturais, éticos e sociais”. Portanto, adequamos nossa entrevista com os meios midiáticos disponíveis, além da opção de entrevista presencial, pois as tecnologias são um meio facilitador na pesquisa qualitativa humanizada, além disso, adaptamos a entrevista às necessidades emergentes durante este processo.

Em seguimento aos achados da entrevista, a pesquisa de fato foi iniciada através do diálogo e, relacionamos algumas falas pela relevância, tendo trechos com destaque em negrito nas respostas que se seguiram às questões elencadas. Iniciamos com a primeira questão proposta aos professores participantes:- Durante a pandemia causada pela COVID-19 desde Dezembro de 2019, você enfrentou alguma situação em sua profissão relacionada à temática da Morte ou violência escolar que colocasse em risco sua vida? Quais foram ou são os maiores desafios que você teve ao enfrentar, lidar com as temáticas da Morte desde o início da pandemia? Em resposta à esta indagação, nos parece imprescindível destacar as falas do professor colaborador denominado pelo codinome “Serpente”, para análise e reflexão:

Durante a pandemia, o filho da mãe de um aluno meu. Ele foi mal comigo na minha matéria, matemática e, ela não aceitou que ele fosse mal comigo. **Disse que eu estava pegando o pé dele e, ela me ameaçou de morte. Ela disse que se eu botasse o pé na escola eu ia tomar um tiro. Daí eu simplesmente não fui mais a diretora até me liberou [...]** Simplesmente, de graça. Assim, eu me dava bem com aluno, enfim... uma boa relação. Só que ele tinha mais dificuldade de matemática. E a mãe dele simplesmente não aceitou e me ameaçou de morte. Era um bairro assim, de alta criminalidade [...] **Trabalhar em escola pública é uma aventura incrível. Ontem uma menina, começou a passar mal no banheiro e teve convulsões, ela tem convulsões por mais de mais de 1 hora. Na necessidade, eu tive que aprender o que fazer.** E assim: os professores esperaram ou saíram correndo, né? Daí ficamos só 2 alunas e eu no banheiro, ajudando no chão, a gente segurando a cabeça dela, virando ela de lado, esticando a perna, a gente se virando, nós 3 ali, porque todo

mundo saiu desesperado, **não sabia o que fazer, não tinha ambulância para receber, para levar, as ambulâncias estavam todas ocupadas. São situações que a gente passa no dia a dia da escola pública.**[...] -Por exemplo, no começo do ano a gente tem essas tem aquela semana de formação, né? Formações, que fazem para nós. **Seria interessante eles ensinarem algo assim para nós, né? Sobre vamos lidar com ataques epiléticos, convulsões, tentativa de suicídio. Ou até mesmo alguma defesa pessoal básica, alguma coisa. A gente não tem esse treinamento. A gente está ali, a Deus dará** (Professor colaborador Serpente).

Daqui só posso falar na parte de que tem **alunos que relatam coisas desse tipo, assim, de depressão, de tentativa de alguma coisa ou até Suicídio. A gente encaminha para psicólogos ou para o conselho tutelar.** Nesse âmbito assim, né. Eles se abrem quando acontece, aconteceu, ele se abriu com a gente, né? E aí a gente tenta ajudar de alguma forma (Professora colaboradora Rosa).

Acreditamos que estas falas são por si uma análise e reflexão que você leitor, pode analisar e refletir, chegando à suas próprias conclusões que ampliarão ainda mais as diferentes perspectivas em relação à temática e aos nossos achados. Não haveria necessidade de complementarmos nada no que o professor colaborador denominado Serpente nos relatou, ou a gravidade do enfrentamento da questão suicida dentro do ambiente escolar como descreveu a Professora colaboradora Rosa. **Destacamos em negrito** o que nos remete à gravidade de situações enfrentadas por professores no exercício de sua profissão, em meio ao ambiente escolar, fato que revela uma realidade impactante e merece ser evidenciada na esperança de que haja uma intervenção que dê um suporte adequado à estas demandas, pois os relatos são um apelo e um pedido de ajuda.

As falas inclusive se referem à possibilidade de ameaça à vida docente e discente, uma probabilidade que circunda o meio escolar onde alguém pode realizar uma tentativa de suicídio ou ainda, situação violentas onde seja necessário intervir com força física diante da possibilidade de agressividade que necessite de defesa pessoal para preservação da integridade da vida humana individual ou coletiva, situações de conflito que exijam proteção imediata. É notória a realidade onde pessoas mal intencionadas invadem o espaço escolar arrebatando vidas inocentes, derramando sangue onde só deveria haver símbolos de ensino e aprendizagem ilibada em segurança. A grave ameaça à vida do professor colaborador Serpente indica que o sistema é falho, pois deveria proteger e amparar docentes e discentes, não deveria abandoná-los a própria sorte, sem defesa que garanta sua saúde, sua integridade, sua vida.

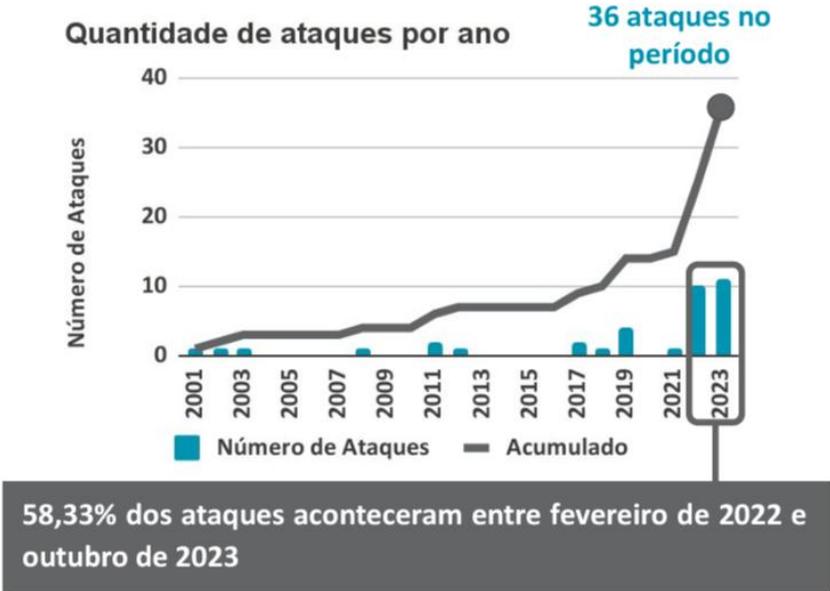
Assim como há urgência de que a segurança nas escolas seja objeto de conscientização social e política, de humanização em todos os âmbitos para lidarmos com todos os tipos de violência auto-Infligida ou interpessoal, dentro ou fora do espaço escolar, considerando que a escola está para a o mundo e que o mundo faz parte da escola. Há necessidade de que a Saúde esteja atrelada à Educação, impulsiona a ideia de que a Saúde Básica deveria oferecer uma conexão de amparo a estes casos, seja por parte dos docentes que demonstram risco à saúde mental e física, seja por parte dos discentes que pedem socorro aos professores e, não encontram um suporte psicoemocional que vincule a Saúde Pública e as Instituições escolares. O imperativo de olharmos para questões da violência que invade o espaço escolar está para além de uma única Escola, como é possível constatar no relato de Oliveira e Becker (2023), ilustrando o cenário da violência escolar no Rio Grande do Sul:

Em relação ao índice de criminalidade percebe-se que os municípios com maior índice de violência pertencem à região metropolitana de Porto Alegre, região sudoeste Rio-Grandense e região central do estado, tendo a cidade de Santa Maria como destaque dessa mesorregião (Oliveira; Becker, 2023, p. 273).

Esta realidade é um constante no Brasil, não só do Estado Riograndense ou de Porto Alegre e sua região metropolitana. O estudo supracitado, identificou que a violência escolar coincide com os índices da violência urbana no Brasil, havendo uma reprodução da violência social que respinga no seio escolar, independente do ambiente urbano ou rural, em diferentes geolocalizações e com diferentes culturas (Liveira; Becker, 2023). Esta constatação está de acordo com nossas reflexões e, ilustra um cenário onde as fronteiras entre o espaço social e o espaço escolar estão imbricados em seus contextos de violência, co-alimentando um sistema social complexo e se alastrando na Educação como um todo, ferindo o espaço escolar e deixando cicatrizes em professores, alunos e participantes da Escola, de diversas formas. Manifestando-se através de diferentes formas e sob níveis de gravidade, culminando em ataques violentos e muitas vezes letais que arrebatam vidas inocentes e indefesas. Neste cenário, em acréscimo ao relato do professor colaborador, é possível analisarmos os dados ilustrados no estudo a seguir, que definem cientificamente esta realidade crescente nos últimos anos, notadamente no cenário do Brasil:

Figura 16. Ataques de violência extrema em escolas ¹¹

INFORMAÇÕES SOBRE OS ATAQUES



Fonte dos dados: VINHA, Telma et al. 2023.

Figura 16.1. Ataques de violência extrema em escolas



Fonte dos dados: VINHA, Telma et al. 2023.

¹¹ Fonte dos dados ilustrados: VINHA, Telma et al. **Ataques de violência extrema em escolas: causas e caminhos.** São Paulo, D3e, nov. 2023.

Preste atenção ao crescimento da violência em tempos pandêmicos! É evidente que, após o ano de 2019, a violência assume proporções em ordem crescente e impactante, realidade que visualizamos nos meios midiáticos, muitas vezes sem a ideia de que há um agravamento de 58,33% no último ano de 2023. Além disso, é possível observarmos que as escolas Públicas tiveram os maiores índices de ataques violentos e atentados à vida, talvez por uma questão de (in)segurança. Esta é uma violência líquida, que ultrapassa e se insere através dos muros escolares, se materializando em inúmeras perdas humanas, de professores, alunos que são pais, mães, filhos, familiares e amigos. Essa violência se materializa diante da lousa, entre as mesas e cadeiras, diante do professor e direcionada também aos professores e colaboradores escolares, muitas vezes, tendo como alvo os próprios alunos, manchando de sangue o quadro que deveria só ser sujo com pó de giz, este ultraje acaba ceifando vidas e promovendo transtornos psicoemocionais que terão consequências na vida, no reflexo do individual ao coletivo, cicatrizes que a sociedade nem sempre se dá por conta, mas que tem um preço àqueles que a vivenciam.

Assim como estes dados que nos dizem algo sobre vidas (morte), as constatações em relação aos desafios que os professores participantes desta pesquisa enfrentaram ao lidar com as temáticas da Morte em seu ambiente laboral, nos confrontaram com realidades que estão para além do que é pertinente à docência, mas que também se trata desta mesma violência, em tempo real, se materializando aos olhos de quem se propõe enxergar este cenário, de quem se dispõe a escutar estes três gritos de socorro (dos professores participantes: Serpente, Vermelho e Rosa), que espelham as vozes de toda uma classe na Educação e, fala também sobre o desespero que se dissemina para famílias, para toda uma sociedade, que perde vidas para a violência.

É um grito que nós duas escutamos, eu e minha orientadora, um pedido de ajuda que nos colocou para escutar inclusive o silenciamento daqueles professores que não quiseram participar de nossa pesquisa, talvez por já vivenciarem um sofrimento extremo, fragilizados ou em negação, se esquivando de nosso convite para serem escutados. Cansados de só serem ouvidos e se manterem na mesma realidade massacrante, seguindo esmagados, calados, desesperados diante de tanto sofrimento que não teve o amparo de profissionais da Saúde Mental e, que provavelmente está se escondendo sob pílulas de ansiolíticos, de antidepressivos

ou, manifestando-se em sintomas físicos de adoecimento, sob uma estrutura Pública que cobra, mas que não dá um suporte adequado a tantas demandas e tanta violência com meios letais em um ambiente indefeso.

Por favor, escutem. Os professores estão pedindo socorro! Se vocês chegaram até esta leitura, não voltem às suas vidas sem escutar esta dor. Pensem em como podemos ajudar a mudar esta realidade, como podemos colaborar para protegê-los. Não nos deixem escutar este sofrimento sem que chegue até aqueles que podem ter um escuta resolutiva e que ampare esta Educação que está adoecendo, fazendo dos professores mártires, quando deveriam estar sendo reconhecidos pelo seu heroísmo diário. Não é possível encarar a realidade das escolas sem antever sua importância humana, sem reconhecer a importância que os professores têm para a sociedade como um todo. Não se escreve a história do mundo para as próximas gerações sem saber ler ou escrever, não se aprende sem um professor. Formal ou informalmente, a educação necessita da figura de quem ensina, honrar esta profissão é urgente para humanizarmos a vida e a morte.

Você sabe qual é o salário de um professor? Eu não sabia. Soube ao conversar com uma professora durante as minhas visitas às Escolas. No mesmo instante, me lancei no comparativo entre o meu salário como Enfermeira de um Hospital Público, lembrando-me do slogan que nos deram como profissionais da Saúde: -Heróis da pandemia! E o slogan dos professores??? Não podemos classificá-los como mártires sem reconhecer seu heroísmo. Os professores não adoeceram e morreram no exercício de sua profissão com um salário que não foi o suficiente para comprar uma máscara N95¹² e se proteger adequadamente antes do acesso à vacina da COVID-19? Não enfrentaram a sala de aula sem antes de ter tido acesso à vacina contra a COVID-19 ou uma adequada capacitação para prevenção diante de uma contaminação?

Torne consciente a noção de que “nos primeiros quatro meses de 2021, a quantidade de desligamentos de trabalhadores/as por morte no Brasil aumentou 89%, saindo de 18.580 para 35.125” (DIEESE, 2021, p. 1). Sim, era o auge da pandemia, mas não se trata de uma reflexão sobre o momento da pandemia, se trata de olharmos para o número de profissionais da educação mortos em

¹² Esta é uma máscara preconizada como o dispositivo adequado de proteção respiratória que filtra partículas suspensas no ar, incluindo vírus, bactérias e outros agentes patogênicos, evitando a contaminação e fornecendo um nível de proteção adequado (OMS, 2023).

decorrência da COVID-19, se trata de nos atermos às possíveis consequências e sequelas dos sobreviventes à contaminação pelo vírus SARS-CoV-2. Enfim, qual é o legado da pandemia causada pela COVID-19 para a Educação e para a nossa geração?

Será que é possível mensurarmos o desgaste sofrido pelos professores ao terem sido obrigados a se adaptarem em meio a pandemia sem protocolos de Saúde preventiva adequados, por perdas de vidas humanas em uma educação que, enquanto enfrentava o adoecimento e morte, teve que se adaptar ao trabalho com mil tecnologias e recursos escassos de internet durante o trabalho remoto? Eu me pergunto: -Estes professores formarão os heróis de amanhã? Ou são estes professores que foram e são os heróis sobreviventes enquanto muitos se tornaram mártires silenciados por um sistema de necropolíticas que tornam as pessoas substituíveis na máquina escolar? Quantos professores morreram durante a pandemia em decorrência da COVID-19? Gostaria de acrescentar este dado à esta pesquisa.

Não encontrei este dado de forma fidedigna em minha busca superficial, mas gostaria de ter este dado, para poder vislumbrar o cenário desta geração de professores enlutados, que tiveram que continuar seu trabalho mesmo a custas de um sofrimento que está pulsando, latente na mente, vibrando no espírito, Poe perda de colegas de profissão, um luto que não teve declarado o direito à rituais de despedida, nem pode ser manifestado diante de um suporte Psicológico adequado. Foi silenciado e faz parte de uma história não contada. O luto sofrido pela perda destes professores não é só da Escola, é de todos nós. Este é um luto que não foi elaborado, foi e é um luto negligenciado, pois estas mortes nem sempre foram reconhecidas política, coletiva e socialmente.

Neste contraponto, entre Saúde e Educação, como uma questão para além da Saúde mental, devo voltar ao caminho da minha dissertação, e então relembrar que, no que tange à fala que corresponde a um professor que está diante de um aluno que teve uma crise convulsiva, sem ter o devido preparo para amparar um aluno que necessita de cuidado imediato, sem ter tido uma formação em primeiros socorros, apesar de estar diante de seres humanos que podem ter inúmeras complicações patológicas inesperadas exigindo intervenção imediata dentro do espaço escolar. A meu ver, a equipe multiprofissional da escola deveria comportar Profissionais da Saúde (um Técnico de Enfermagem ou Enfermeiro, um Psicólogo,

um Assistente Social), porque assim os professores estariam amparados e direcionados para realmente desempenhar o que lhes compete de fato: Educar!

Quanta diferença uma equipe multiprofissional faria para todos que estão no espaço escolar? Vamos nos perguntar: -Qual seria a importância de um Psicólogo para amparar estas pessoas desde Dezembro de 2019 até os dias atuais? Porque as Unidades Básicas de Saúde não se fazem presentes dentro do espaço escolar construindo uma Educação em Saúde efetiva e colaborativa com os profissionais da educação? Afinal, é necessário que haja a presença de um Psicólogo no espaço escolar para auxiliar em demandas que são além de terapêuticas, educacionais. As perdas causadas pela COVID-19 deixaram lacunas de vidas humanas na sala de aula, onde permanece a lembrança de pessoas que morreram, mas permanecem amadas, conectadas ao espaço escolar até hoje, como relata Serpente:

É o bicho. É real, está acontecendo ali do nosso lado, aquela pessoa que estava sentada ali na terceira classe da esquerda, nunca mais... Daí quando morre a primeira pessoa próxima, é que cai a ficha, né?! E, foi no ambiente escolar [...] Tem um aluno que ainda usa máscara. E, ele é visto como meio estranho, porque ainda usa máscara (Professor colaborador Serpente).

Além deste fato, somando-se a este vazio causado pelas perdas e sequelas pós-pandêmicas, houve o acréscimo de múltiplas consequências, inclusive transtornos psicoemocionais, vivenciados por toda uma geração que provavelmente não sopesa ainda todas as formas de sofrimento causado pelas perdas humanas que ocorreram de maneira massiva, mundialmente. A estranheza que constata o Professor colaborador Serpente em seu relato, talvez esteja associada ao fato de que a Educação ainda não concebe de fato a Escola como um ambiente que anteveja uma educação para a morte e uma proteção e promoção em Saúde. Apesar da tragédia “anunciada”, a Escola talvez não esteja ainda apta a reconhecer o adoecimento e a morte como possibilidades do ciclo vital e passível de ser ajustada aos currículos e conteúdos. Mas como não conceber a morte como fonte de conhecimentos? É impossível que não possamos compreender a relação entre a realidade pandêmica e a necessidade de nos educarmos para a morte.

Se no passado recente, ninguém imaginou a amplitude e profundidade de todas as consequências que se desencadearam desde 2019, atualmente é impraticável uma educação que não reconheça a realidade de que “as estatísticas que se seguiram, infelizmente, evidenciaram que os cientistas tinham razão, porque

o número de infectados e de mortos crescia exponencialmente” (Adorno Júnior; Kajita, 2023, p. 219). Este crescimento exponencial se transformou em uma realidade da qual não podemos nos esconder, a morte passou a exigir sua inclusão em nossas vidas, em todos os âmbitos.

Esta realidade avassaladora impregnou consigo a imagem da dor diante da fragilidade da vida e da presença em escala mundial da morte, televisionada, conectada midiática e tecnologicamente em tempo real. O mundo da Educação ficou permeado por esta tragédia humana e, sofreu consequências que irão perdurar para além de 2023 para professores, alunos, familiares, colaboradores escolares enfim, para a sociedade em geral. Estas consequências são relatadas na fala do Professor colaborador Vermelho, como poderemos observar a seguir:

Após a pandemia... É uma questão emocional dos alunos. Aumentou o nível de depressão entre os alunos, ansiedade. A pressão social, a disseminação da mídia criou um clima de pânico, e era de se criar porque foi um problema gravíssimo pela mortandade de pessoas. Esta geração tem uma dificuldade de tolerar os problemas do ponto de vista emocional ou físico. Por não ter sido educado para enfrentar problemas (Professor colaborador Vermelho).

De fato, desde o início da pandemia causada pela COVID-19 os meios midiáticos impregnaram em tempo real, 24 horas por dia dados alarmantes, imagens antes inconcebíveis no cenário mundial de mortes em massa, de sistemas de Saúde precarizados pela falta de condições em fornecer um suporte básico para a vida humana: o oxigênio. A respiração agônica de muitas pessoas que não sobreviveram, continua a sufocar os sobreviventes, as mortes inesperadas, com faixa etária indiscriminada e em números alarmantes, causaram pânico global, geraram uma ansiedade que despertou a Saúde e a Psicologia para a urgência em Saúde mental em todos os âmbitos, globalmente, denotando inclusive que a Psicologia deve adentrar na Escola, junto a equipe multiprofissional, dando suporte aos professores, alunos, ao público escolar. É fato notório que

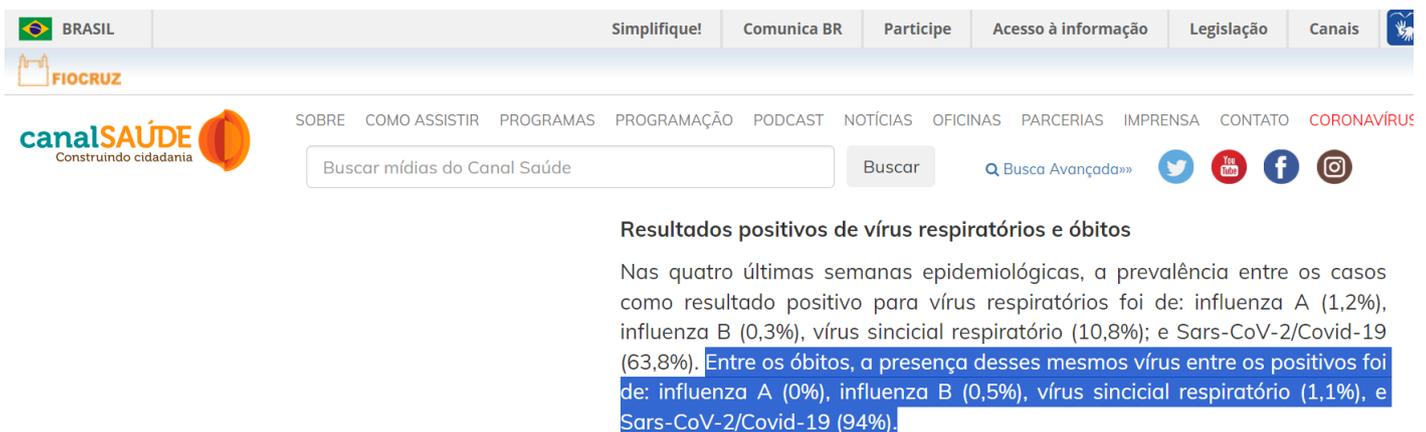
os efeitos negativos sobre a saúde mental dos trabalhadores refletiram-se no aumento do número de casos de transtornos ansiosos e de transtornos depressivos, ocasionados muitas vezes pelo isolamento social e a consequente solidão, o que se associou ao receio de contrair o coronavírus, ao luto pela perda de parentes e amigos e às alterações nas rotinas pessoais e preocupações de ordem financeira (Adorno Júnior; Kajita, 2023, p. 129).

Além disso, compreender que todos os profissionais da Saúde foram protagonistas de atos de heroísmo durante o enfrentamento da COVID-19, tendo à sua disposição todos os meios de precaução de contato para desempenhar suas

funções. Em um paralelo, suscita a necessidade de também reconhecer como um ato heroico o que os professores fizeram durante a pandemia, sem ter nenhuma formação na área da Saúde ou em prevenção de contato com doenças contagiosas. Além disso, houve incontáveis sacrifícios que a Educação teve que enfrentar para manter metodologias que mantivessem o funcionamento escolar no período pandêmico de isolamento social, o empenho em se tornar autodidata em tecnologias educacionais, para muitos foi um fator de estresse, para outros, um motivo de superação em teorias e práticas que se transformaram em um mundo digital.

É necessário retomar a conscientização acerca da exposição que os professores sofreram ao adentrar na sala de aula, muitas vezes apenas com orientações disponíveis na Saúde Pública, sem uma formação que incluísse profissionais da Saúde capacitados para orientações adequadas à proteção da vida de todos que habitam dentro da sala de aula. Note-se que utilizamos a palavra “habitam”, porque ainda hoje, 11 de dezembro de 2023 temos vítimas no Brasil que perdem a vida tendo como causa de base a contaminação pelo Coronavírus, conforme ilustrado a seguir:

Figura 17. Dados registrados pela FIOCRUZ (Fundação Oswaldo Cruz)



Fonte: FIOCRUZ, Canal Saúde 08 dez. de 2023¹³.

Sim, muitas perdas humanas ainda estão acontecendo, muitas sequelas ainda estão ocorrendo devido a pandemia. Após observarmos estes dados, que

¹³ FIOCRUZ. **InfoGripe:** Covid-19 mantém queda no Centro-Sul e aumento no Nordeste Disponível em: <https://www.canalsaude.fiocruz.br/noticias/noticiaAberta/infogripe-covid-19-mantem-queda-no-centro-sul-e-aumento-no-nordeste08122023> Acesso em 11 de Dez. 2023.

falam por si, não necessitando de outra menção, visto que a FIOCRUZ (Fundação Oswaldo Cruz) é um órgão competente à nível nacional, o qual foi e é crucial ao combate à COVID-19, podemos nos ater à **segunda questão da entrevista direcionada aos professores participantes**: -Em sua formação acadêmica houve alguma disciplina que tratou sobre a temática da Morte ou de seus processos (Suicídio, Cuidados Paliativos, morte por Violência no ambiente Escolar, etc.). Se sim, favor descrever a disciplina e forma de abordagem. As respostas surpreenderam pela objetividade:

Na minha formação não, nunca, nunca, nunca. Até aceitei participar da tua pesquisa porque eu dou aula de filosofia e esta temática da morte sempre aparece. Em algumas discussões os alunos trazem. Como fiz ciências sociais, a questão do suicídio foi abordada, somente na leitura do Drukheim [...] Mas não na formação específica, que conduz sobre suicídio ou tentativa de suicídio no ambiente escolar (Professor colaborador Vermelho).

Eu tive uma cadeira, tá? E pra mim, assim, foi a pior cadeira de todas. **A professora só falava do filho dela.** Mas, **no conteúdo tinha outras temáticas, inclusive o suicídio, mas a gente não viu nada.** Mas essa aí, eu cheguei na frente da portaria lá para desistir desta disciplina, para cancelar ela, mas **como eu tinha que fazer ela para me formar, eu não desisti.** Eu fui até o fim (Professor colaborador Serpente).

Não. Nenhuma. (Professora colaboradora Rosa)

A Educação para Professores deveria considerar uma formação que priorizasse o ciclo vital do nascimento à morte, em todas as disciplinas da Graduação. Uma formação sensível às questões da finitude seria aquela onde houvesse espaço para o afeto, para a espiritualidade, para as questões psicoemocionais, incluindo o espaço para a lição humana onde um professor é capaz de demonstrar acolhimento pelo luto, pelo sofrimento, pela dor ou adoecimento, demonstrando que, “portanto, atitudes de empatia poderão fazer grande diferença na vida de todos, trazendo consequências positivas no contexto escolar” (Cidreira; Cintra, 2023, p. 281). Conceber a morte nos currículos de Graduação de professores é reconhecer que o amparo de conhecimentos ligados às temáticas da morte pode construir um ambiente onde “a formação de docentes poderá influenciar a relação professor-aluno, favorecendo a prevenção contra o comportamento suicida por meio de uma postura humanizada e intencional” (Cidreira; Cintra, 2023, p. 281).

Além disso, é importantíssimo que os professores compreendam que, a partir de suas diferentes disciplinas de formação, deveriam manter uma educação continuada, estruturada por múltiplos aspectos do conhecimento humano, voltados

para a disciplina de seu interesse. O que nos leva para **a terceira questão desenvolvida na entrevista**: - Você tem leituras de artigos ou livros Científicos sobre a temática da Morte ou seus processos (Suicídio, Cuidados Paliativos, Morte por violência no ambiente Escolar, etc.)? Se sim, por gentileza, nos fale de forma resumida quais foram suas leituras (autores, temas). Em resposta, os professores participantes apontaram para uma única direção em suas respostas:

Eu acho que nunca li nada (Professor colaborador Serpente).
 Não. Sinceramente eu nunca me preocupei em estudar esta temática. Só num viés do ponto de vista espiritualista, da metafísica. Aliás, eu vejo a morte dentro da vida e, tenho uma tranquilidade sobre isso e tento passar pras outras pessoas esta tranquilidade (Professor colaborador Vermelho).
 Não, nenhuma (Professora colaboradora Rosa).

O desinteresse ou a desinformação sobre a temática da morte pode ser uma consequência direta, não só da questão cultural que exclui a morte da vida, mas também desta lacuna que há na formação das diferentes Graduações que edificam o saber docente, desviando a morte de seus conteúdos, deixando-a a margem do ciclo vital. Contudo, é inegável que a complexidade humana não pode mais ser negligenciada, pois o ser humano constrói conhecimento a partir da vida e para a vida, de modo que,

educa-se e se é educado a todo instante, em toda parte, por agentes diversos de interação. O que muda são as intencionalidades que perpassam diversos projetos educativos que, de maneira consciente ou não, acabam por se ancorar em visões variadas do que se espera do ser humano e da coletividade (Villarreal, 2023, p. 47).

Neste sentido, é pertinente perguntarmos: -Como educar para a morte se não fomos educados para compreendermos a finitude? A educação, como ato vivo, que pulsa, que vibra, intenciona conscientizar o ser humano sobre seus potenciais e suas limitações, é uma educação que não se limita ao espaço escolar, perpassa entre o individual e o coletivo, decorre do mundo e conecta o ensino e a aprendizagem aos diferentes significados de saberes e fazeres que repercutem em toda uma existência. Em termos práticos, é possível termos a certeza de que,

o ser humano é formado por diversos saberes ligados às experiências humanas que se acumulam ao longo de sua existência. Esses saberes se entrecruzam para que o homem se relacione com o mundo, produzindo novas formas de compreender a vida e agir sobre a realidade (Aviz, Cordeiro, Neves, 2024, p. 427).

Esta realidade pós-pandêmica, onde a COVID-19 eclodiu em índices de mortalidade nunca vistos antes pela nossa geração, permitiu o questionamento

acerca **da quarta questão proposta** nesta pesquisa direcionada aos professores participantes: - Você considera que a temática da Morte e seus processos (Suicídio, Cuidados Paliativos, Morte por violência no ambiente escolar, etc.) sejam conteúdos necessários às disciplinas de Educação na Educação Básica e Superior? Quais abordagens de conteúdos você utilizaria para construir conhecimentos significativos em relação a esta temática em sua disciplina e, que tipo de ferramentas tecnológicas você poderia associar para esta finalidade? As respostas a tais interrogações são um somatório de situações encontradas dentro da sala de aula e, para as quais os professores não estão amparados pela sua formação e nem pelas Instituições, conforme observamos nos relatos a seguir, inclusive sem nenhuma análise de associação às suas respectivas disciplinas e possibilidades de associação de conteúdos à temáticas da morte:

Esse ano eu tive uma aluna que ela pediu para ir no banheiro na minha aula. E de repente, alguém entrou correndo a minha sala, pediu para eu ir lá ver ela e a gurria tinha cortado os pulsos dentro do banheiro [...] Ela não foi a única a fazer isso esse ano na escola. Eu tive outra aluna que também fez. Outra foi com remédios, então tem que ter. Tem que trabalhar esse conteúdo, sim. Suicídio. Hoje, hoje mesmo, pá. Um aluno estava lá na minha sala chorando muito, assim, sozinho. Eu não podia fazer nada, pedia. Eu perguntei: -Cara quer sair um pouquinho, tomar uma água ou tomar um ar, quer conversar e eles já chorando. -Eu estou bem, não precisa! Mas, claramente ele não estava bem. Daí eu ali me esgueirei pela porta. Fui lá avisar a direção. Eu falei: -Ó, esse menino voltou hoje fazendo as 2 semanas que eu não via ele. Contei o estado do rapaz e eles disseram: -Chama ele aqui para nós. Eu chamei ele. -Ó, desce lá, vai lá na direção. Não deu 3 minutos, ele voltou de novo e continuou do mesmo jeito. Chorando, quieto, ali, olhando para baixo e, nada foi feito. Então: **A gente não tem preparo, não sabe como lidar com tanta coisa, tá?** Eu mesmo falei, ó, o menino, dizem que ele tá mal, não tem como ignorar uma pessoa desse jeito. **Alguma coisa tem que ser feita** (Professor colaborador Serpente).

Eu sou teórico, eu tenho dificuldade em pensar algo prático [...] Mas, quando penso em discussão filosófica em relação a morte, o primeiro autor que eu penso é Sêneca, sobre a brevidade da vida [...] Um viés filosófico, de culturas religiosas e metafísico... (Professor colaborador Vermelho).

Eu acho que todas as escolas deveriam ter, tipo, um período, sei lá, assim, uma disciplina, né? Ou dentro da disciplina, tentar colocar sobre isso, porque é importante o aluno sempre saber que existe a vida, mas que a morte também. Até para ele se preparar para quando perder alguém, porque a gente só fala na vida das coisas boas, não é? E quando acontece isso, as pessoas não conseguem lidar com aquilo. **Então, se desde pequeno se já vai no currículo, talvez tu conseguisse lidar melhor quando acontecesse isso na tua própria família ou um amigo ou alguém que né?** [...] Já vai te preparando [...] Fazer entender melhor o que não que é falado, porque eles têm aquele preconceito, aí não se fala em morte, Deus o livre, como se não fosse a única coisa de certeza da vida de que tu vai nascer e vai morrer. **Então eu acho que deveria sim, sempre ter nas escolas e não, ninguém dá importância para isso** (Professora colaboradora Rosa).

A impotência presente nos relatos revela a fragilidade da dimensão que as temáticas da morte exercem ao se inserirem na realidade da sala de aula, sem nenhum aviso prévio, sem nenhum protocolo de encaminhamentos ou abordagem de enfrentamento. Obviamente, é necessário considerar que “as vivências e experiências são um caminho para conhecer o outro, possibilitando ser uma ferramenta na construção dos saberes e significados que estão imersos no ser humano, por meio da narrativa de suas histórias de vidas” (Aviz, Cordeiro, Neves, 2024, p. 430). Desta maneira, não há uma única resposta para todas as possíveis vivências relacionadas às temáticas da morte, não há uma única maneira que se revele “resolutiva”, pois, não há algo a ser resolvido quando nos deparamos com a morte, é um enfrentamento que exige acolhimento, conforto, empatia, respeito pela vida, este é um conhecimento humano, não pertence somente a uma única disciplina, deve ser compartilhado em todos os momentos que se fizer necessário.

A fragilidade humana diante das temáticas da morte, não se restringe ao ambiente escolar, é construída desde o nosso nascimento em torno de uma vida baseada na ilusão de que somos obrigatoriamente adequados às exigências de uma eterna juventude, a qual evita a qualquer custo o envelhecimento e a morte. Esta é uma cultura de evitação destas temáticas de finitude em todos os contextos, a qualquer tempo, não só nos espaços coletivos, inclusive no ambiente individual. Que promove a morte em um cenário de dor e sofrimento sem cura e, não compreende a morte como uma realidade humana e da vida, silencia diálogos onde a empatia para com a morte e o morrer causa uma estranheza que deve ser evitada, que não pode ser sentida, mesmo diante de tempos e espaços como o meio pandêmico onde milhares de pessoas morreram sem despedidas, arrebatadas pela COVID-19.

Considerar que o enfrentamento a questões que envolvem Tentativas de Suicídio, automutilação com ou sem ideação suicida, sem ter o devido preparo com conhecimento científico pertinente à estas temáticas, pode servir como um estímulo ao preconceito em trabalhar com a temática em sala de aula. Denotando a fragilidade diante da vida humana em desespero e, criando barreiras culturais dentro do espaço escolar para abordar estas temáticas junto às diferentes disciplinas. No Rio Grande do Sul, há uma preocupação de divulgar material e redes de apoio ao enfrentamento com o Suicídio, o propósito é conscientizar de que,

é necessário fazer chegar a cada professor(a), em cada escola, a maior quantidade possível de informações sobre como buscar ajuda para a construção de diferentes ações nas quais as escolas podem ter papel fundamental. Portanto, seguem algumas sugestões de projetos, sites, filmes, cursos e materiais orientadores com foco em ações de promoção da vida e prevenção do comportamento suicida em crianças e adolescentes (Comitê Estadual de Promoção da Vida e Prevenção do Suicídio do Estado do Rio Grande do Sul, 2019, p. 1).

Tais informações, com todo o conhecimento científico de apoio a ações onde os professores poderão encontrar um suporte para abordar as temáticas da morte, do Suicídio, autolesão, estão disponíveis online, inclusive com indicações de uma rede de apoio psicoemocional e multiprofissional que se propõe a interagir com ações de promoção a vida e de prevenção ao Suicídio ou qualquer atitude que coloque em risco a vida de crianças, adolescentes ou jovens adultos, dentro do espaço escolar (COMITÊ ESTADUAL de PROMOÇÃO da VIDA E PREVENÇÃO do SUICÍDIO no ESTADO do RIO GRANDE do SUL, 2019; SCAVACINI; GUEDES; CACCIACARRO, 2019; OMS, 2000). EM qualquer situação, a postura receptiva, independente da demanda encontrada no ambiente escolar em relação as temáticas da morte, Suicídio e autolesão, indica que é necessário de que os professores:

Lembrem-se de que estamos diante de um processo, em que aprendemos e ensinamos cotidianamente através de conversas transparentes e diretas, nas quais podemos falar abertamente sobre os mais variados assuntos, mesmo que eles sejam difíceis e embaraçosos (Scavacini; Guedes; Cacciacarro, 2019).

Para além da fala, sabendo que há conteúdo online sobre a abordagem às temáticas do Suicídio e automutilação, situações encontradas em sala de aula, é de nos questionarmos: -Porque os professores não se instruem sobre as temáticas da morte, assim como procuram e constroem seus conteúdos para lecionar? E ainda: Se estas são emergências vivenciadas dentro do espaço escolar, porque as Instituições escolares não oferecem capacitações de formação continuada sobre estas temáticas aos seus professores e colaboradores? Esta é uma lacuna que será respondida por outros pesquisadores. Nós nos atemos a questionar se havia o conhecimento prévio, não indagamos sobre o motivo de não haver esta construção tanto através da Instituição de formação ou da própria Instituição escolar. Contudo, independente da causa, ressaltamos que é imprescindível reconhecermos que os diálogos que abordam as temáticas do suicídio, estejam fundamentados na certeza

de que **falar sobre o comportamento suicida, não induz ao ato do suicídio. Falar sobre o suicídio pode ser um ato de proteção à vida.**

Quando o suicídio surge como uma opção diante da vida de uma pessoa, é importante reconhecer os significados que a morte representa enquanto uma possibilidade de ação diante da fragilidade da vida, este é um espaço para nos educarmos, para educarmos como forma de proteção à própria vida no espaço escolar, salvando vidas. O desespero pode ser diluído em sua potência, diante de espaços de fala e de escuta dentro da escola, bem como abre portas para encaminhamentos para uma equipe multiprofissional intra ou extra escolar que siga os devidos encaminhamentos de proteção à Saúde Mental e à própria vida. Construir estes espaços inclui vislumbrar a construção de uma rede de apoio e referência aos professores com um suporte não só de conhecimentos sobre a causa, mas de amparo para a vida de todos os envolvidos na trama suicida (Hillman, 1993; Kovács, 2005; 2012; Angerami-Camon, 2017, 2019; Fukumitsu 2015, 2021).

Para tal atitude, de escuta dentro do espaço escolar diante das temáticas da morte e do morrer, incluindo o suicídio, deve haver uma postura de escuta sensível, aberta ao imprevisto de discurso, de acordo com as diferentes demandas provenientes de diferentes realidades de mundo, onde os alunos estão inseridos. Não se trata de que o professor adquira todas as respostas diante do embate suicida e se coloque como um possível salvador diante do infortúnio de seus alunos que tomam a decisão pela tentativa de suicídio ou autolesão, mas sim, de se tornarem presença de escuta diante deste desespero, para que assim, possam encaminhar adequadamente cada caso, seja no espaço Público de Saúde, seja nos espaço de Psicologia escolar ou em órgãos de Saúde Mental competentes de amparo ao suicida. Esta é uma realidade que está diretamente ligada à pandemia causada pela COVID-19, conforme é diagnosticado na fala do professor colaborador relacionada a seguir:

Sobre suicídio, isso na sala de aula está cada vez, infelizmente, está cada vez mais frequente. E, a tentativa de suicídio, após a pandemia teve muito aumento. Eu acho que a violência no ambiente escolar, do ponto de vista proteção à vida e a saúde mental, a gente não tem preparo nenhum. A gente não tem simplesmente. **Assim... aconteceu, vira a chave, tá?! A vida que segue...** Eu lembro que antigamente, quando eu era aluno ainda, se alguém morria era um evento muito triste na escola e nem tinha aula, era cancelada. Hoje não, né? Hoje acontece, parece que não aconteceu. Tudo normal, não fala muito disto. **A vida que segue tem que cumprir horário, carga horária (Professor colaborador Serpente).**

Nesta perspectiva, a única ressalva é de que, diante do suicídio, não é possível negligenciar aos sinais de desespero, não é permitido tornar-se omissos diante do pedido de socorro dos alunos, a escola não pode ser imprudente diante destes casos, nem deixar os professores à mercê de uma problemática real, complexa e da qual a escola como um todo deve estar alerta e preparada, ter conhecimento de causa para amparar o sofrimento que é notório, não só nos alunos, mas também na fala dos professores participantes entrevistados. Os professores estão sendo impactados pelo sofrimento que está no cotidiano escolar! Este é um fato. Além disso, as lacunas deixadas pelo período pandêmico ainda repercutem hoje em dia e, somam-se a todos estes fatores, confrontando o mundo escolar com a vida, o mundo individual com o coletivo. Todo o exposto até aqui, não permite “virar a chave”, nem consiste com a exigência de “dar conta da carga horária” sem que haja um ônus onde,

os desafios impostos pelo distanciamento social, a transição para o ensino remoto a incerteza sobre a saúde dos alunos e de suas próprias famílias tiveram um impacto em emoções e sentimentos como irritabilidade, stress, ansiedade e tristeza, o que necessita de intervenções por meio de apoio e acolhimento psicossocial aos profissionais, as consequências vivenciadas nesse período, podem levar longos períodos para serem superados (Estulano, Vieira; Faler, 2023, p. 1).

De fato, ao se falar em demandas de Saúde Mental e consequências pandêmicas, estaremos à mercê de fatores ligados a perdas humanas, adoecimento e sequelas que perdurarão a longo prazo, sob diferentes sintomas e diagnósticos, sob silenciamentos que ecoam ou ecoarão no espaço escolar. Em contrapartida, além da sobrecarga de trabalho docente, de enfrentar situações onde a questão suicida e/ou da autolesão invade a escola de maneira trágica, os professores estão à mercê de outros agravantes ao exercício da profissão no ambiente escolar, que podem pôr em risco a própria integridade física e mental, além de expor a vida a riscos fatais. A **quinta questão proposta aos professores participantes** partiu da indagação: - Como você vê a questão das mortes causadas pela COVID-19 e mortes ocorridas devido à violência no ambiente Escolar do ponto de vista da proteção à vida e à saúde mental dos professores e alunos? Você sabia que ainda temos índices de mortes causadas por COVID-19 nos dias atuais?

Na minha visão, eu vejo bem essa diferença assim, antes, depois da pandemia, tem várias coisas que mudaram depois da pandemia, por exemplo, como os alunos interagem entre eles. **Quando acabou e eles voltaram para a sala de aula, parece que eles não sabiam como interagir.** Estávamos acostumados, parecia que eles estavam enjaulados.

De repente soltou e vamos. **Loucura foi lidar com eles. Aí a questão de morte é que não tem preparo nenhum, não tem capacitação nenhuma sobre isso. Se alguém fala sobre pandemia, morte, essa pessoa é chata. Tapado demais. “Vamos focar no que interessa”** (Professor colaborador Serpente).

Foi uma tragédia global, o Brasil foi o segundo país que mais “matou”. Matou! Porque não se deu o devido valor, não houve campanha de vacinação no início, o próprio Presidente do Brasil falou abertamente, foi contra e boicotou a própria Saúde Pública e eu vejo como genocídio isso, deixando bem claro isso. E, o que os professores puderam fazer e fizeram, foi não só falar, mas apoiar o uso de máscara, colocar gel e oferecer para os alunos, as escolas do Brasil se mobilizaram [...] Só não foi pior porque a sociedade civil se mobilizou, porque do ponto de vista governamental foi um boicote (Professor colaborador Vermelho).

Sim, eu ouvi dizer que está voltando o COVID talvez não com toda aquela força do início, mas que ainda acontece, até tinha conhecidos e amigos que tiveram pouco tempo, né? E eu acho que tem que estar sempre se cuidando, né? Que que vai fazer? Não tem muito o que fazer, né? E aí? **E no âmbito escolar também existe muitas coisas de depressão hoje em dia e essa questão da ansiedade que os adolescentes, pelo que eu vejo, não estão conseguindo muito lidar com essas coisas, não sei se em casa não conversam, tem problemas. Em familiares, muitos deles, e aí traz tudo para a gente, não é como se a gente conseguisse pelo menos ajudar, não é?** E aí é isso. Assim que eu vejo. [...] Bom, é triste, né? Que é que a gente tem que fazer sempre, tem que dar tempo também. **Se o aluno está meio quieto, meio assim, a gente está sempre atento para que ele não cometa até dentro da escola. Não é? Muitas vezes tem alunos já pegaram, tipo sentaram em janela no terceiro andar, querendo cometer algum suicídio, alguma coisa assim, né? Ou até se cortar, enfim, por depressão.** Por a mãe, talvez não tenha que olhar, mas assim crítico. [...] E achar que filho está bem, aquilo não faz parte da adolescência e não levar adiante de que ele não está bem, entendeu? E aí é muito triste. **A gente tem que estar sempre com olhar mais atento, de ver que aquele aluno não está bem tentar chamar, tentar, chamar a família, ver o que é que está acontecendo, tentar encaminhar, né?** (Professora colaboradora Rosa).

Estes apontamentos, acerca do retorno após o isolamento social, onde este período contribuiu para a incapacidade de interagir entre outras pessoas, a ansiedade e sinais de depressão observados, são sintomas que se não forem amparados por um suporte psicoemocional adequado, se tornarão diagnósticos que poderão perdurar a vida toda de uma pessoa. A morte somou-se aos vários fatores pandêmicos para desencadear eventos estressores que colocaram em xeque o bem estar físico, psicológico, social e espiritual ou religioso, devido a acontecimentos que colocaram a morte em evidência 24 horas por dia. Contudo, onde a realidade da morte a coloca como um assunto de *persona non grata*, inclusive dentro da escola, este fato se torna controverso, pois denota e expõe um despreparo diante da finitude onde professores e alunos reprimem suas necessidades reais, se adaptando às exigências pandêmicas, independente do custo de sofrimento que este período causou.

É necessário ter uma escuta sensível ao pedido de socorro implícito à entrada ou invasão das temáticas da morte na escola, neste sentido, pediremos que você se coloque no lugar de um professor ou de um colaborador da equipe escolar que se depara com a cena supracitada: -“[...] **já pegaram, tipo sentaram em janela no terceiro andar, querendo cometer algum suicídio, alguma coisa assim, né? Ou até se cortar, enfim, por depressão**”. Se você conseguiu se colocar no lugar de alguém que presencia estas cenas no ambiente escolar, você consegue compartilhar o desespero de ambos os envolvidos, quem presencia e quem comete o ato suicida. Além disso, durante a fala: - “[...] **A gente tem que estar sempre com olhar mais atento [...]**”, é perceptível a tensão de manter-se constantemente vigilante à espreita de possíveis emergências que possam ocorrer no espaço escolar e coloquem em risco a vida de uma pessoa. Este estado de prontidão, constante, persistente por anos, inclui um desgaste emocional, uma tensão psicológica que está sempre alerta ao comportamento suicida que inclui autodestruição e autolesão, onde mesmo sem preparo na área da Saúde, o professor precisa estar de prontidão para uma possível intervenção e suporte à vida. Este estado permanente de prontidão, agravado pelo despreparo ao enfrentamento de situações que coloquem o risco de morte em evidência, tem consequências, pois,

o estresse ocupacional é a denominação do estresse desencadeado por experiências no trabalho e está intimamente relacionado a perturbações psicológicas ou sofrimento psíquico. Frequentemente resulta na incapacidade de realizar atividades diárias e da vida profissional. Quando os indivíduos são submetidos à pressão no trabalho, e não sabem lidar com a mesma, acabam desencadeando sintomas mais complexos que o estresse, como por exemplo, problemas mentais, físicos, insatisfação pessoal, depressão, entre outros (Goelzer; Rocha; Berlese, 2023, p. 565).

Os professores também foram heróis durante a pandemia causada pela COVID-19, muitos destes heróis professores ou colaboradores da equipe escolar viraram mártires, outros ainda, terão sequelas físicas, emocionais, espirituais ou sociais pelo resto de suas vidas. Foi notório o fato de que o público escolar se expôs e se sacrificou para dar continuidade ao sistema de ensino e de aprendizagem. Todos atravessaram e foram atravessados por esta pandemia e suas consequências, ninguém saiu ileso, alguns apenas silenciaram suas vivências pandêmicas, este silenciamento será transformado em adoecimento, se não for exposto a espaços de diálogos. As consequências deste período pandêmico

repercutiram até o presente momento e irão repercutir futuramente, demonstrando a necessidade de medidas imprescindíveis, pois,

as conclusões apontam unanimemente para a urgência de intervenções contínuas visando à prevenção e promoção da qualidade de vida dos professores. As recomendações incluem a implementação de programas de apoio psicológico, capacitação para o manejo do estresse e políticas de suporte, reconhecendo a importância de uma abordagem proativa por parte das instituições de ensino (Lima et al., 2024, p. 1788).

A complexidade desta realidade foi ilustrada através das falas dos professores participantes, em resposta **a sexta questão** desta pesquisa, através das respostas à indagação: -A Instituição onde você trabalha ofereceu algum suporte ligado à morte pandêmica e ao risco de integridade à vida por violência no ambiente Escolar para professores e/ou alunos durante o período pandêmico ou até o momento atual? Em resposta a este questionamento os professores participantes relataram que:

É, e claro que eu nem culpo a escola, tá? Eu acho que uma coisa deveria vir lá de cima, né? **Colocar um Psicólogo na escola para trabalhar conosco. Na escola que eu leciono hoje tem um psicólogo. Mas ele não foi pelo Estado. Ele é voluntário.** Ele sempre está lotado, eu acho muito bacana o trabalho que ele faz. Não é algo, que a Secretaria de educação mandou essa pessoa, né? Não é alguém o contratado, um funcionário. Não, é alguém que por conta própria foi lá e disse: - eu sou psicólogo e eu, eu posso vir tal dia, quinta-feira à tarde aqui eu posso ajudar vocês, conversar com professores, alunos, então ele atende sempre, professores e alunos (Professor colaborador Serpente).

Não. Simplesmente o governo do estado nos deixou a deriva. As escolas que tiveram que fazer os seus protocolos. **Os gestores das escolas tiveram formação. Mas não os professores [...] Vou dizer mais, eu nunca tinha entrado no Meet antes da pandemia e... foi traumático.** Demorei um ano pra me acostumar com isso. E... muitos alunos eu também imagino que sim, também. **Depois que ocorreu os assassinatos [...] em relação às escolas que foram invadidas em São Paulo e outros lugares do Brasil, que as escolas fizeram reuniões sobre isso. No caso, a gente tem um Psicólogo (voluntário) que trabalha com a gente na escola** para trabalhar sobre estas questões: a violência, a depressão, todo tipo de transtorno que aumentou depois da pandemia. **Ele trabalha com professores e alunos que solicitam atendimento, ele é voluntário, vou deixar claro isso, o governo do estado nunca nos forneceu nada** (Professor colaborador Vermelho).

Não. O que a gente faz é aquilo que eu te falei, é encaminhar ali e chamar a família, encaminhar para um psicólogo ou para um conselho tutelar, porque a gente tem uns (voluntários) que nos ajudam na escola (Professora colaboradora Rosa).

A compreensão altruísta de que “a escola não deveria ser culpada” por déficits que envolvem esferas superiores, políticas e estruturais, não nos permite isentar um sistema onde os professores têm que lidar com demandas para as quais não foram preparados desde a sua graduação até uma formação continuada que

deveria existir sob demandas emergentes da atuação docente. A passividade das Instituições escolares, de Políticas Públicas diante de temáticas como as questões que envolvem a morte, o Suicídio e suas condições autoinfligidas, deve ser encarada como uma negligência que expõe os professores a sacrifícios que atingem sua própria saúde mental e física diante das consequências pandêmicas. Neste sentido, a fala destes nossos três participantes, é limitada, contudo, se soma à outros diálogos, outras pesquisas científicas realizadas em âmbito nacional que concluem que:

Ao passo que 358 professores (de um total de 467) encontraram-se em situação de alto grau de risco e exposição ao Burnout, os dados sugerem que se trata de uma categoria profissional saturada, vulnerável, sobrecarregada e que passa progressivamente por um esvaziamento de sentido em seus trabalhos. Portanto, se faz premente o investimento nas condições físicas e de infraestrutura de trabalho destes profissionais, em programas de capacitação, mas também se faz necessário fomentar o apoio e reconhecimento social dos professores de todo o país (Santos et al.,2023, p. 19).

Para além da demanda de temáticas da morte como o suicídio e outras manifestações ligadas à temática da morte, que incluem o risco iminente de violência contra os professores e à comunidade escolar, podemos acreditar que há a necessidade de outros profissionais para compor a equipe escolar, promovendo uma rede de suporte e apoio a todos aqueles que compõem este cenário laboral. Os próprios professores apontam para a presença do profissional Psicólogo como um dos principais componentes necessários para que a Instituição escolar seja efetiva, não só por parte da Saúde mental dos alunos, mas de professores e dos demais presentes no mundo escolar, incluindo pais ou familiares responsáveis. Esta urgência de ações de Saúde e Psicologia dentro da escola é a certeza de promoção da resiliência diante das crises vivenciadas e emergentes no mundo escolar atual, onde “a psicologia escolar apresenta os fatores de proteção como um aliado para enfrentar as adversidades e os desafios educacionais” diluindo o sofrimento do cotidiano pós pandêmico (Antoniassi-Junior, 2023, p. 136).

Como enfrentar estas adversidades pós-pandêmicas que atingem o mundo escolar habitado por professores, alunos, colaboradores da equipe escolar e familiares? Como construir uma educação para a morte que seja efetiva e humanizada às questões emergentes no mundo escolar que evidenciaram a fragilidade de professores que se encontram sozinhos diante de situações onde a vida e a morte se equilibram e desequilibram o sagrado universo escolar. Os

professores não podem mais ser os heróis solitários deste embate, viraram mártires e estão adoecendo tentando salvar aqueles que dependem de seus cuidados, todos estão fadigados pela sobrecarga de exigências e demandas que surgem junto aos currículos, cansados de dependerem apenas de ações voluntárias para amparar o desempenho de suas funções. Não é possível negligenciarmos que

o momento pandêmico alterou a vida de docentes e discentes diretamente, o fechamento das escolas e a virtualização do ensino para contenção do aumento do contágio foram políticas que vigoram desde 2020 e que podem alterar nossa relação com o ensino. Esse processo tem deixado cicatrizes profundas no processo educacional brasileiro onde somente poderemos compreender futuramente os impactos e sequelas na formação dos nossos estudantes (Araújo, 2023, p. 10).

As falas dos professores participantes até este momento, não julgam, nem condenam a escola por este cenário caótico de enfrentamento pandêmico, contudo, não é possível absolver a Instituição escolar desta problemática que causará consequências futuras a toda uma geração docente e discente. É necessário responsabilizarmos não só a escola, mas o sistema escolar como um todo nessa casuística, só assim professores e alunos terão o amparo imediato que evitará transtornos psicoemocionais causados pelo sofrimento em massa que esta geração enfrentou. Esta é uma transformação que exigirá o devido reconhecimento de valor da profissão docente, inclusive em políticas públicas que deveriam fornecer uma equipe multiprofissional de apoio e uma rede integrada de suporte continuado aos professores, incluindo um profissional Psicólogo. Esta, inclusive, é a fundamentação da próxima e última questão desta pesquisa: -Cite profissionais que poderiam vir até a sala de aula para falar de temáticas da morte junto aos professores e alunos em sala de aula. E ainda, em quais disciplinas você acha que este assunto poderia ser abordado?

Eu acho que poderia ser uma disciplina, obrigatória. O profissional poderia ser um **psicólogo**. E todo mundo teria essa matéria aí por menos 2 períodos por semana. Você estaria lá para falar sobre isso e sobre outros assuntos relevantes à mente humana. **Alguém habilitado, uma disciplina para trabalhar esse tipo de coisa** até no fundamental, séries finais. **Até uma Enfermeira.** [...] Eu estou muito preocupado, porque é muito aluno com tentativa de suicídio, Tenho muito aluno com depressão, com Fobia social. Está assim, eu tenho aluno que vem e vai, eles vão repetir de ano até porque eles se negam a fazer trabalho em grupo. Eles dizem assim, que nos trabalhos às vezes é só botar o nome deles, os colegas dizem: -só bota o teu nome aqui. O trabalho é feito por todas as outras pessoas, se ele se nega a fazer. Mas ele diz: não. Não quero fazer com ninguém, fico sem nota. É esse ponto, assim eles não gostam de interagir. Antigamente, né? A gente tinha essa coisa. Ah, o aluno gosta de interagir, ele é muito bom tal matéria. Mas agora não. A gente não sabe lidar com eles, a gente não sabe o que fazer (Professor colaborador Serpente).

Psicólogos, Psiquiatras, Enfermeiros, Psicopedagogos. As disciplinas, Artes, Literatura, Português, filosofia, biologia, todas de alguma forma [...] Trabalhar teoricamente e algum tipo de prática relacionado à temática da morte. **É possível, interessante e necessário** [...] Eu escolhi porque eu acho que tem muito a ver com a minha disciplina, mas também porque particularmente eu sou uma pessoa que tem certa tranqüilidade do ponto de vista pessoal, espiritual, espiritualista, achei que poderia contribuir.

Ah, eu acho que poderia vir psicólogos. Seria interessante, né? Fazer uma palestra, sei lá [...] Com **a assistente social** interessante e o psicólogo, alguém no **conselho de tutelar** que nos ajuda bastante, **alguém até da brigada**, né? Assim, eu acho que sairia um trabalho legal (Professor colaborador Vermelho).

É interessante a menção do profissional de Enfermagem nas falas de dois dos professores participantes, considerando que o Enfermeiro é também um educador no desempenho de sua profissão, de forma inerente. Neste sentido, é senso comum entre as pesquisadoras de que a rede de apoio da qual o professor deveria ter amparo, poderia estar vinculada à rede Pública de Saúde e até mesmo de segurança, de forma que os profissionais referenciados pela localização de suas respectivas escolas poderiam estar vinculados a uma equipe multiprofissional que se inserisse no âmbito educacional de forma harmônica, promovendo ações entre teorias e práxis humanizada de forma efetiva e igualitária. Além disso, a menção a outros profissionais como os profissionais da Segurança Social (Assistência Social, conselho Tutelar) e Pública (Brigada Militar) nos permitem crer que a inserção e transição entre a comunidade e a escola seriam benéficas, construtiva e educativa, transformando o futuro da Educação, para além da responsabilidade exclusiva do professor, produzindo e reproduzindo uma educação onde a vida do mundo se encontra com o mundo da escola e vice versa de forma holística. Compreendendo estas relações e atravessamentos, é possível acreditar em uma educação que permita que a morte retome o destino do ciclo vital, assumindo um significado pleno, dentro e fora da escola,

nesse sentido, defendemos uma abordagem que pretenda preencher o vazio espiritual na sociedade moderna, oferecendo uma busca por significado e propósito transcendentais às limitações religiosas clássicas. Baseando-se em valores humanistas, tendo como um de seus objetivos impulsionar a reflexão sobre a ação ética no mundo (Villarroel, 2023, p. 45).

Esta ação ética de mundo é um compromisso com nossa própria humanidade em prol de uma educação que não seja tecnicista, que envolva os fenômenos da complexidade humana de forma natural e sensível à finitude. Esta não é uma condição que irá nos livrar do sofrimento diante da morte, é uma

consciência que irá nos permitir expandir a construção de uma lucidez nestes momentos onde reconhecemos nossas potencialidades e percebemos nossas limitações diante da vida e da morte, onde aprendemos com a vida a aceitar a morte e, nos tornamos aptos a desenvolvermos uma educação para a morte que nos permita a vivência de uma formação durante o decorrer da vida. Para tal construção, é necessário reconhecermos e valorizarmos o papel da Educação na base e edificação necessárias para que o ser humano se torne consciente de seu nascimento, de sua vida e de sua morte. Nesta conjectura, os professores têm um papel laico no ensino e diante da aprendizagem, livre de preconceitos e ilibados pela ética de uma postura que constrói saberes e fazeres ativos, a partir de vivências, de experiências em um mundo que se liquidifica e se transporta para dentro da escola, se molda e se transforma, retomando a vida e a morte que habitam a existência humana e todas as formas de vida do universo.

5.1 Produto da pesquisa

Considerando que o programa de **Mestrado em Informática na Educação do Instituto Federal de Educação do Rio Grande do Sul** tem como objetivo proporcionar conhecimento e multiplicar as competências como propostas de intervenção em soluções que contribuam para o desenvolvimento humano, científico e tecnológico de forma sensível, é importante salientarmos que uma de suas exigências é a de que haja um produto do Mestrado. Esta configuração procura contribuir para a produção, assimilação e aplicabilidade do conhecimento metodológico pautado por fundamentos científicos, com foco em uma pesquisa qualificada que se aplique em inovações para competências e habilidades na capacidade de resolução de situações ou problemas concretos, que sejam passíveis de mudanças construtivas no cenário educacional ou social.

A proposta final desta pesquisa foi construir como produto do Mestrado um e-book intitulado Thanatos (vide Apêndice III) no intuito de disponibilizar material reflexivo e de diálogos construtivos em educação sobre a morte e o morrer, educação em Violência escolar, de forma reflexiva, sensível, crítica e humanizadora. Este objeto de pesquisa foi confeccionado em um último momento do estudo, valorizando as construções dos participantes, suas contribuições em diálogos ou respostas aos questionamentos propostos, resultados que acabaram

culminando no e-book que intitulado Thanathos. É de conhecimento dos professores participantes da pesquisa que, todo material ainda poderá ser publicado futuramente, ampliando a experiência e divulgação dos resultados encontrados e suas contribuições. O **e-book intitulado Thanathos** pode ser observado através da inclusão figurativa do Apêndice III ou, do acesso no QrCode abaixo:

Figura 18. QrCode do E-book ThaNaThos



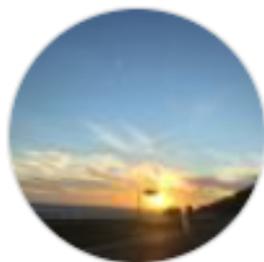
Fonte: Construção da autora, 2024 (Obs: produto será reciclado constantemente enquanto houver interesse das pesquisadoras, sendo alterado o QrCode pelo Instagram).

Para acessar tal construção, utilizamos ferramentas online gratuitas, como por exemplo: Canva, Typeform, ILovePDF, Google Imagens e, para transformar o conteúdo produzido em **e-book** utilizamos a **ferramenta Heyzine**¹⁴, todos estes elementos de fácil manuseio e, qualquer pessoa pode acessar. Relembramos que, a ideia deste e-book ocorreu durante o curso de disciplinas do Programa de Pós-graduação do Mestrado Profissional em Informática na Educação junto ao Instituto Federal do Rio Grande do Sul -IFRS- Campus Porto Alegre. É necessário enfatizar que o fato que recebeu desaprovação por parte de algumas pessoas que eram

¹⁴ Acesso disponível na ferramenta online: <https://heyzine.com>

professores durante a proposta de confecção, com o argumento de que as temáticas da Morte não seriam da ordem de educadores pois, estes não teriam em sua formação de graduação um preparo técnico para trabalhar com tais conteúdos em sala de aula. Houve alguns embates, em diferentes momentos, pois a temática proposta por esta dissertação de mestrado colocou algumas pessoas em posição desconfortável, especialmente por parte de este mestrado ter ocorrido durante o agravamento do período pandêmico, quando as mortes eram em um número crescente de perdas humanas. De outro modo, também houve o apoio de colegas mestrados e professores que indicaram a necessidade de haver diálogos sobre a morte e o morrer em meios acadêmicos e, em locais de formação docente. Após a confecção do **e-book Thanathos**, incluímos a criação de um perfil no Instagram com a descrição “@thanathoseducarparaamorte” para mantermos um canal aberto de comunicação com professores participantes no intuito de alimentar o e-book Thanathos posteriormente, sempre que possível com contribuições colaborativas.

Figura 19. Instagram ThanaThos



thanathoseducarparaamorte

Para garantir a autenticidade da nossa comunidade, estamos mostrando informações sobre contas no Instagram. Veja por que essas informações são importantes.

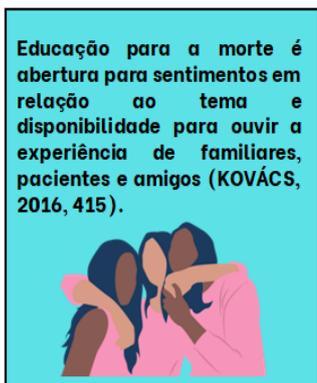
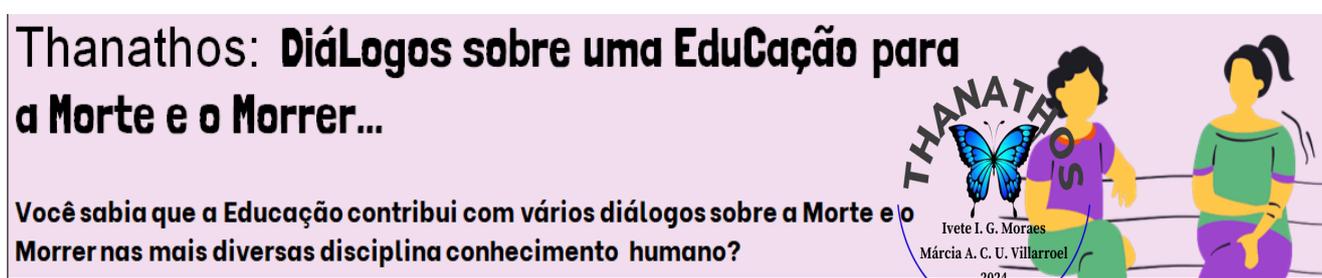


Data de entrada
Abril de 2024

Fonte: Construção da autora, 2024.

A expectativa é de que o e-book *ThaNaThos* desperte na Educação uma sensibilidade para com a temática da morte e seus processos de forma adaptada às diferentes disciplinas do conhecimento, nas mais diferentes expressões culturais onde a finitude humana é uma realidade passível de ser um instrumento educacional de ensino e aprendizagem. A seguir ilustraremos um *Storyboard* no modelo de diálogo proposto, sobre a temática à qual nos referimos:

Figura 20. Descrição de Storyboard do E-book ThaNaThos



Primeira Parte do Ebook: Contextualização.



Segunda Parte: Vídeo e Leituras



Terceira parte: Artigos Científicos.



QUarta PArte: Reflexões Sensíveis.



Seja um Multiplicador de Diálogos sobre a Morte e Seus processos: Resignifique!

Fonte: Construção da autora, 2024.

Nestes diálogos, conhecimento prévio e leituras sobre a temática da morte e seus processos contribuem significativamente para a dessensibilização a respeito

destas temáticas, minimizando tabus e concepções distorcidas, favorecendo a humanização de temas sensíveis à vida e à morte no ciclo vital. Esta é uma temática de ordem humana, pois todo ser humano tem consciência de sua finitude, então, se não houver leituras acadêmicas anteriores, há informações e conhecimento empírico sobre estes assuntos que são imprescindíveis para a contribuição significativa e a inserção da morte diante dos conhecimentos pertinentes ao ciclo vital humano.

Faz-se importante salientar que estes caminhos para ilustrar nosso percurso se construíram para que, se houver interesse, outras pessoas possam se utilizar desta metodologia de construção de conteúdos. Todo processo da construção do e-book foi objeto de aprendizagem do programa de Mestrado em Informática na Educação do Instituto Federal de Educação do Rio Grande do Sul, demonstrando que a morte também foi recurso temático utilizado no decorrer das disciplinas desenvolvidas no percurso de formação da autora desta pesquisa no Instituto Federal do Rio Grande do Sul -IFRS- Campus Porto Alegre, junto ao Programa de Pós-graduação do Mestrado Profissional em Informática na Educação.

6. (in)Concluindo o Diálogo:



*Fonte: Google Imagens

(In Memoriam: A todos os Professores, Heróis que viraram Mártires, devido à COVID-19: Presente!)

6. (in)CONCLUINDO O DIÁLOGO

Primeiramente reconhecemos que, há uma conclusão irrefutável: a de **agradecimento e demonstração de respeito aos três professores participantes e a todos os colaboradores da equipe escolar das duas escolas que participaram nesta pesquisa.** Esta escrita foi realizada no coletivo de representação de toda uma classe trabalhadora, reproduzida na voz de três professores que não se calaram diante do fenômeno da morte. Relembramos, respeitosamente, a memória de todos os professores, alunos e colaboradores do trabalho escolar que perderam sua vida dentro do espaço escolar desde 2019, cada uma dessas pessoas se fez presente *in memoriam* na produção desta escrita de pesquisa. A partir disso, qualquer outra colocação de nossa parte é uma (in)conclusão, pois não se encerra em si mesma, já foi descrito em pesquisas de outras pessoas, se encontra ou se encontrará em futuras publicações ou diálogos, não tendo definições estanques, estando no plano do culturalmente contextualizado no tempo e no espaço de mundo, para o mundo, onde tudo é transitório no campo dos saberes e fazeres da Educação que acompanha a (re)evolução da historicidade humana.

Para compreendermos a morte é necessário nos debruçarmos sobre a vida, sobre cada vida à qual referenciamos nossos diálogos. Nós nos debruçamos diante da morte de professores, cada um deles representados na capa de página desta dissertação e, impressos através dos sentimentos contidos em nossas palavras. Não foi possível nos calarmos diante de tal realidade. Naturalmente, a morte acontece naturalmente, para todas as coisas vivas, notadamente para a vida que pulsa, inspira e expira, dando sentido à existência, extinguir a vida de forma abrupta, violenta, não pode ser visto com passividade. De outro modo, encontrar sentido de vida é fundamental para reverenciarmos a morte da qual falamos, é preciso considerar cada segundo com o qual convivemos com a vida rumo à finitude para dar significado à este fenômeno. É preciso dar sentido ao sofrimento, nominar a dor colocando-a em palavras ou gestos, deixando-a agir naturalmente, sem evasões, sem melindres, arriscando-se ao diálogo sobre esta temática na fala e escuta coletiva para que o sofrimento possa ser compartilhado terapêuticamente. Esta é a

verdadeira: Educação para a Morte, que muitas vezes cabe em silêncios ou se recolhe em um abraço, onde palavras não são suficientes para representar a perda humana.

Nossa escrita, não é só uma conclusão unilateral, é uma urgência que está impressa na sociedade e que se torna sofrimento laboral na escola. Este é um grito de socorro que nasceu a partir do próprio sistema educacional ao diagnosticarmos e constatarmos esta realidade de perdas nesta pesquisa. Cada um vivencia suas dores de acordo com o sentido que dá ao seu próprio sofrimento. Viver a dor é sentir-se humano. Quando se compartilha tanta dor relacionada à morte pandêmica ou a violência extrema, causadas pelas intempéries imprevistas do cotidiano, não se pode calar o sofrimento, para que este não se torne um sintoma. No caso de tornar-se um sintoma, um diagnóstico possível é o que se manifesta na angústia, sinalizando que é urgente procurar ajuda, indicando que a pessoa em sofrimento insuportável deve procurar um suporte psicoemocional e profissional. Este é o ponto de partida para qualquer pedido de socorro, esta escuta diante do sofrimento patológico, sinalizando a urgência de ajuda, com o devido encaminhamento para um suporte profissional, junto a um tratamento efetivo em equipe multiprofissional.

A lição da pandemia causada pela COVID-19 foi esta: todos nós somos frágeis e a vida é única, o confronto com a morte universaliza a linguagem que expressa nossos limites no ciclo vital. Sob outro contexto, a fatídica presença da morte violenta nas escolas exige que nos posicionemos no diálogo para com a possibilidade da morte, para que assim possamos valorizar a vida, em um senso de paz, amor e respeito a outros seres humanos. Não podemos paralisar diante de indagações que a vida nos impõe dentro e fora da sala de aula, estas questões devem estar presentes nos currículos, independente da área de conhecimento, esta consciência pode salvar vidas. Não é só a vida humana que está em jogo, o planeta que habitamos necessita que valorizemos sua existência. Somos unos uns com os outros e com o planeta vivo que habitamos e tudo reverbera na vida e na morte.

O dia tem 24 horas. Destas 24 horas, quantos minutos, quantas horas você pensa na vida de outras pessoas ou na sua vida? Em algum segundo, destas 24 horas você consegue refletir sobre a morte, seja sua ou de outrem? Este é um diálogo que se inicia internamente, não necessariamente em um tom doloroso. Se

você der sentido à vida, naturalmente você encontrará um sentido na certeza que revela a morte humana. Não me reporto ao mistério, ao enigma que nem a ciência consegue definir, mas sim àquilo que faz com que tenhamos a certeza de que a morte faz parte do ciclo vital, dando sentido a cada dia que vivemos e, também ao dia de nossa morte. Esta é a nossa presença diante da morte: vivenciar tamanha lucidez e consciência que exige toda nossa sensibilidade para a compreensão real de que somos humanos e finitos.

Você já conversou sobre a morte com sua mãe, com seu pai, com seu filho, com seus amigos, seus colegas? Seus filhos, seus pais, seus amigos, seus alunos, seus colegas já lhe falaram sobre a morte? Quantas vezes este diálogo sobre a morte se fez presente durante esta pandemia causada pela COVID-19 e, destas, quantas delas você conseguiu manter um diálogo reflexivo, consciente e com sentido de vida? Como as mortes violentas ocorridas no espaço escolar impactaram no seu entorno social, na sua compreensão sobre a importância da segurança na escola enquanto espaço sagrado de ensino e aprendizagem? As mortes ocorridas nas tragédias climáticas repercutiram de alguma forma nas pessoas ao seu redor? Pense. Podemos questionar ainda: -Qual sentido haveria em falar em prol da vida quando tudo é finito? A resposta vem com outra questão: - Que sentido você é capaz de dar à sua vida que despertaria um significado para a sua morte?

Se a escola tivesse lhe ensinado sobre a morte a partir do ciclo vital, assim como lhe ensinou que um cálculo sempre gera um resultado matemático ou, que uma célula tem um determinado tempo de vida na biologia, no português que você poderia fazer uma redação sobre a vida de alguém que você conhecia e amava e que morreu (ou escrever uma carta de despedida no processo de enlutamento como ritual de adeus), na história como o conceito de morte impactou em diferentes tempos e espaços da humanidade, na geografia como a morte é uma questão multicultural, se a filosofia tivesse abordado de maneira profunda o que os pensadores formularam de conhecimento sobre a morte... Enfim, se tivéssemos refletido sobre a morte na escola, teríamos o amparo deste conhecimento ao nos defrontarmos com a morte no decorrer de nossa vida. Não podemos deixar nossas vivências de vida ou de morte do lado de fora da escola, elas são sentimentos que integram nosso coração e espírito, acompanham nossa mente nos diferentes espaços de discussão e diálogos, inclusive dentro do espaço escolar.

Não podemos fugir de indagações infinitas ao falarmos da finitude na morte, cada um tem suas próprias incógnitas. Qual seria o sentido coletivo destas mortes imprevistas, que ocorrem no universo individual e se refletem coletivamente no mundo? É preciso refletir sobre tudo isso! Se você tivesse construído conteúdos e conhecimentos, no decorrer de sua formação escolar que aliassem a morte à sua aprendizagem, atualmente estaria apto a compreender a morte sob outro prisma? Se nós não nos educarmos para a morte, como poderemos dar sentido a uma vida que é finita, seja a nossa própria vida ou a de outrem? Reverbere estas indagações interiormente, para que suas reflexões transformem-se em um compromisso com a vida e com a morte, onde ninguém mais morrerá rodeado de silêncios e onde a ausência será repleta de lembranças vivas, de diálogos sensíveis e humanizados.

É indiscutível que devemos antever um amparo para que as temáticas da Morte sejam introduzidas nos conteúdos e currículos de forma multiprofissional, para que os professores tenham um suporte psicoemocional efetivo e humanizado, esta pode ser a iniciativa para criarmos uma cultura onde a morte não seja marginalizada. Para tal, é imprescindível que todas as graduações contenham em sua formação uma educação para a morte. Ao relacionarmos a morte aos currículos e conteúdos na educação, acrescentamos sentido de vida neste mundo, respeitando cada inspiração e expiração, assim perceberemos o quanto nossa vida está geoconectada a morte, deste modo nos conscientizaremos da certeza onde o que ocorre a um ser humano repercute na vida de todos, a exemplo da COVID-19.

Ao lembrar dos professores que perderam a vida no exercício de sua profissão, nos inquietamos, procuramos justificar que todas as etapas desta pesquisa, junto ao público participante definiram apenas uma das inúmeras possibilidades de articulações sensíveis entre a Educação para a Morte e seus processos para valorização da vida, há outras análises que urgem pela pesquisa. Nossa verificação de pesquisa, a partir do olhar, dos sentimentos, da realidade dos professores do ensino médio, notadamente em duas escolas da rede pública de Porto Alegre, confirmou a certeza de que há relevância para compreendermos a morte e suas temáticas, inclusive a partir da violência escolar, da recente catástrofe climática, em diferentes disciplinas do currículo escolar de todas as áreas e níveis do conhecimento, de forma multi e interprofissional, na perspectiva transversal,

humanizada, inter e transdisciplinar, objetivando um conhecimento natural, útil para a vida onde a morte é uma verdade constante no ciclo vital.

Perguntas foram feitas no decorrer desta escrita, respostas foram articuladas como reticências ou novas interrogações, que estarão ativas, desencadeando um entendimento para uma necessária continuidade que seja capaz de olhar para a morte no entendimento de que, esta não se encaixa em um ponto final. Preservamos questionamentos saudáveis, notadamente no intuito de despertarmos outros interesses pela temática: - Como a morte influencia e é influenciada a partir do cotidiano e, como esta influência repercute sobre nossas diferentes compreensões acerca da morte e do morrer em cada fase do ciclo vital? As dimensões espirituais, religiosas, econômicas, geoambientais, políticas, sociais, psicológicas e emocionais denotam um processo individual e coletivo de finitude que emana de um mundo particular para o macrocosmo, relativizando acréscimos e decréscimos vivenciais nesta equação gerada pelo lugar de onde estamos em nossa vida. Este processo de individuação e compreensão determinam nossos comportamentos no enfrentamento de diversas temáticas da morte e do morrer, tanto no plano teórico quanto no universo prático da realidade.

Em relação à aceitação da temática, cabe-nos esclarecer que é importante repensar o fato de haver somente uma professora participante com identidade do gênero feminino e, em contrapartida, contar com a aceitação de dois participantes masculinos, dado que revela algo diverso do que se costuma encontrar nos estudos sobre o tema. Isso vale especialmente no tocante ao assunto suicídio, temática que despontou de modo impactante na fala dos professores entrevistados do gênero masculino. Estas são articulações que necessitam de reflexão a partir de futuras pesquisas que comprovem uma mudança de cultura e comportamento ou a verificação de que houve apenas um dado isolado, ocorrido nesta pesquisa devido à resistência em falarmos sobre a morte. É indispensável refletirmos sobre o dado crucial a respeito da procura da pesquisadora, presencial e online, por contato e captação de espaço para pesquisa para que quatro -4- escolas particulares participassem do estudo sem, contudo, obter retorno. Vale destacar que NENHUMA escola particular realizou algum tipo de devolutiva, sequer de negação à participação ou de justificativa, como deveria haver em uma instituição de ensino. Foi inegável o processo que dificultou ou impediu o acesso da pesquisadora principal aos setores

ou pessoas responsáveis, havendo uma espécie de recusa velada a partir da porta de recepção destas escolas.

Não houve nenhuma empatia, nenhum protocolo com rotinas humanizadas ou educativas para o ingresso da pesquisadora ou da pesquisa no universo fechado do ambiente escolar privado. Mesmo se tratando de uma Capital, onde há inúmeras pesquisas a partir de diferentes Universidades particulares ou públicas vinculadas ao ensino. Não foi possível aferir se este fato ocorreu devido à temática investigada configurar algum tipo de desconforto psicoemocional ou devido a um impeditivo cultural e/ou social ou ainda, se este foi um acontecimento ligado ao fato de que a pesquisadora principal é originalmente da área da Saúde e não pertencente à Educação, muito embora houvesse a orientação de uma Pesquisadora da Educação reconhecida na pesquisa e, vinculada a uma Instituição Federal de ensino. É primordial ressaltarmos que **esta não foi uma realidade encontrada nas duas Escolas Públicas participantes**, onde a pesquisadora principal foi recepcionada desde o primeiro contato, na entrada das escolas, por Professores que lhe receberam e encaminharam de imediato à Coordenação Pedagógica e/ou Direção de ambas as escolas Estaduais de forma amigável e com instruções claras. Desde o primeiro até o último momento, houve uma cordialidade impecável durante a apresentação da pesquisa e durante o desenvolvimento. Além disso, mesmo os professores que não participaram da investigação, conversaram com a pesquisadora informalmente sobre as temáticas da morte de maneira respeitosa em um diálogo produtivo e saudável, inclusive de indicações literárias. Tais encontros nas escolas públicas fizeram com que a pesquisadora se sentisse acolhida e “abraçada” mesmo não sendo professora de formação, tamanho foram o afeto e a disponibilidade, assim como, pode-se dizer que tais espaços públicos “abraçaram e validaram” esta pesquisa.

Diante desses fatos, é possível afirmar que a Escola Pública demonstrou ser um ambiente humanizado, de acolhida, amorosidade e aceitação de Pesquisas, independente da temática, mostrando-se um ambiente de discussão aberta, lúcida, democrática, consciente que não está além do mundo ou aquém da morte. O universo público está conectado com a vida, uma vida que aceita a finitude e se ampara em evidências científicas para responder, inclusive, questões existenciais de mundo. Consideramos que esta realidade se deve às Lutas e Conquistas de um

espaço democrático que é parte de uma historicidade a partir de uma consciência construída pela perspectiva de educadores como Antonieta de Barros e Paulo Freire, dentre outros que edificaram uma educação libertadora e humanizada. Mesmo sem ter afinidade com o significado de humanização adotado pela área da Saúde, o ambiente das Escolas Públicas demonstrou em suas práticas e relações para com a pesquisa e com a pesquisadora de outra área, a devida consideração nas relações.

Por fim, de nossa parte, a inspiração que seguramos devido à angústia de presenciar o sofrimento dos trabalhadores da Educação durante as entrevistas desta pesquisa, pôde se tornar uma expiração de alívio e diluir nossa preocupação diante de tudo o que foi exposto nesta escrita, pois futuramente os professores e o público escolar terão a devida acolhida às suas angústias através do amparo Psicológico e Social adequados. Este pedido de socorro foi legitimado através da articulação de uma ação da Política Nacional de Atenção Psicossocial junto ao público escolar através da Lei 13.935, de 2019, a qual articula a prestação de serviços de **Psicologia e de Serviço Social nas redes Públicas de educação básica**. Este será um grande avanço para a Educação Brasileira, um suporte multiprofissional, inter e transdisciplinar aos professores por parte de profissionais que contribuirão amenizando atividades que sobrecarregavam professores solitários nestas batalhas. Este reconhecimento desponta a abertura para que, futuramente outros profissionais estejam atrelados a esta iniciativa, como Enfermeiros, Médicos, Profissionais de Segurança, dentre outros, em todos os níveis educacionais, consolidando políticas públicas que podem se entrelaçar em atenção a este pedido de socorro.

Esta realidade pediu uma resposta de imediato, que se fez pelo sistema político, chegando ao nosso conhecimento, durante a finalização desta pesquisa, que houve uma tomada de decisão e articulação concreta em ações futuras. Fato que nos trouxe grande felicidade, pois a página online da Agência Senado intitulada “Sancionada política de atenção psicossocial da Agência Senado, publicada no dia 17 de Janeiro de 2024 às 15h54”, declara que:

O Diário Oficial da União desta quarta-feira (17) publicou a sanção, sem vetos, do presidente Luiz Inácio Lula da Silva à lei que cria a Política Nacional de Atenção Psicossocial nas Comunidades Escolares (Lei 14.819). O principal objetivo da política é promover a saúde mental de todos que integram a comunidade escolar — alunos, professores e demais profissionais que atuam na escola, além de pais e responsáveis. A lei estabelece medidas para garantir o acesso da comunidade escolar à

atenção psicossocial e para informar a sociedade sobre a importância da saúde mental nas escolas. O texto também estimula a divulgação de informações "cientificamente verificadas" sobre saúde mental e o esclarecimento de informações incorretas. Para alcançar esses objetivos, as ações deverão estar articuladas com as diretrizes da Política Nacional de Saúde Mental (Brasil/Agência Senado, 2023).

Nos atemos a uma fé raciocinada e na esperança real de que a comunidade escolar agora pode contar com o devido amparo ao enfrentamento de temáticas da Saúde Mental, em especial às relativas à morte e seus processos. É um fato: **não há como a nossa geração não falar sobre a morte**, compreendendo que tantas vidas se perderam e, que todo o sofrimento foi vivenciado coletivamente pela fragilidade à qual estivemos e estamos expostos. Certamente jamais nos esqueceremos do significado que se observa diante da agonia de um último suspiro na busca do oxigênio, nossas memórias jamais apagarão as lembranças de quem não se encontra mais nas classes escolares ou diante da lousa, assim como estamos traumatizados pela possibilidade da presença de armas letais onde deveriam apenas existir livros. Jamais deixaremos de sentir cada morte ocorrida e que tenha deixado um espaço vazio, insubstituível dentro do cotidiano escolar, nunca podemos esquecer ou deixarmos de nos indignar com cada vida perdida de forma violenta e brusca ocorrida dentro das escolas.

Esperamos que o sentimento ao final desta leitura seja de inquietação para todos, com reflexões amplas e profundas, que nos movam na direção de que sejamos Gratos e Valorizemos a tod@s os professores que estiveram ou estão presentes em nossa história de Vida e, que fazem parte da razão e do sentido ao conhecimento que construiremos até o dia de nossa morte. O mesmo conhecimento que nos trouxe até aqui através de tempos e espaços de nossa própria história de vida e de nossa vida no ambiente escolar, onde elucubrações não se fazem no papel, partem da realidade vivenciada no cotidiano e se transformam em histórias. A escola é formada por pessoas, em especial Professores, que deveriam ser salvaguardados no exercício de sua profissão. Reconhecer a importância da educação, na figura do professor é acolher **nossa gratidão, admiração, respeito e carinho para com tod@s que têm por opção e vocação dar a Vida e dar Vida à Educação!**

7. REFERÊNCIAS¹⁵

- ALMEIDA, Maria Clélia Guedes de. O enfrentamento da violência escolar: suas repercussões sobre a aprendizagem do aluno e o ensino do professor nos anos iniciais do ensino fundamental. **Rebena-Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, v. 6, p. 22-41, 2023.
- ANGERAMI-CAMON, Valdemar Augusto et al. **Psicologia hospitalar: teoria e prática**. São Paulo: 2017.
- ANGERAMI-CAMON, Valdemar Augusto (org.). **Suicídio e suas interfaces: o arduo emaranhado da autodestruição**. Belo Horizonte: Artesã Editora, 2019.
- ANTONIASSI-JUNIOR, Gilmar. Psicologia escolar e o processo resiliente de educar: um diálogo na perspectiva da promoção da saúde. **Humanidades e Tecnologia** v. 40, n. 1, p. 132-148, Faculdade do Noroeste de Minas-FINOM, Paracatu, 2023.
- ALVARENGA, Marcos A. P. Preconceitos e Educação à Distância. In: LAMIM-GUEDES, Valdir (ORG.) 1985- **A educação na Covid-19: A voz docente** [livro eletrônico] / Valdir Lamim-Guedes (Org.) – São Paulo: Editora Na Raiz, 2020.
- ANGERAMI, Valdemar Augusto. **Suicídio: uma alternativa à vida: fragmentos de psicoterapia existencial**. Belo Horizonte: Artesã Editora, 2017.
- ARAÚJO, Eduardo Hudson. A EDUCAÇÃO EM MOMENTO PANDÊMICO:: Uma nova etapa da precarização. **Revista Multidisciplinar do Vale do Jequitinhonha- ReviVale**, v. 3, n. 1, 2023. Disponível: <https://revivale.ifnmg.edu.br/> Acesso em 17 de Jan. 2023.
- ARAÚJO, Maria Luiza Barbosa; MARTINS, Maria Márcia Melo de Castro. Educação em tempos de pandemia: com a palavra os estudantes. **VII CONEDU -Congresso Nacional de Educação**. Maceió: 2020.
- AVIZ, Meire Santos de; CORDEIRO, Georgina Negrão Kalife; DE VASCONCELOS NEVES, Joana d’Arc. Leituras freireanas em contexto da pandemia de COVID-19: vivências e experiências dos sujeitos da EJA (Pará-Brasil). **Educamazônia-Educação, Sociedade e Meio Ambiente**, v. 17, n. 01, p. 415-432, 2024.

¹⁵ É importante dar ênfase ao esclarecimento de que a obtenção de todas as imagens utilizadas e referenciadas nesta pesquisa (absolutamente todas) foram coletadas no Google imagens, sendo sob o acesso online e de domínio Público.

BOTELHO, Daira Martins; DARCIE, Marina; GOBBI, Maria Cristina. Día de los Muertos no México: Uma análise folkcomunicacional. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 17, n. 38, pág. 200-216, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Guia de implementação dos currículos alinhados à BNCC para educação infantil e ensino fundamental**. 2022.

BRASIL. **Nota técnica**: impactos da pandemia na alfabetização de crianças. Todos pela educação. 2021. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/> Acesso em 01 Jan. 2023.

BRASIL. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: FBSP, 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Grupo de Trabalho de Especialistas em Violência nas Escolas. **Ataques às escolas no Brasil**: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental. Brasil, 2023.

CIFALI, Ana Cláudia. et al. **Dossiê infâncias e covid-19**: os impactos da gestão da pandemia sobre crianças e adolescentes. Instituto Alana. 2022 Disponível em: <https://alana.org.br/wp-content/uploads/2022/03/DOSSIE-INFANCIAS-E-COVID-19.pdf>.

CIPRIANI, Flávia Marcele; MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CARIUS, Ana Carolina. Atuação Docente na Educação Básica em Tempo de Pandemia. **Educação & Realidade** [online]. 2021, v. 46, n. 2. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-6236105199>>. Acesso em 07 de Jan. 2022.

CIDREIRA, Gythãna Dantas; CINTRA, Ema Marta Dunck. SUICÍDIO: FORMAÇÃO DOCENTE E A PREVENÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR: Suicide: teacher training and prevention in the school context. **INTERFACES DA EDUCAÇÃO**, v. 13, n. 39, 2023.

CORPORA, Miranda. O privilégio de uma boa morte: uma perspectiva interseccional sobre uma boa morte na América. **The Gerontologist**, v. 62, n. 5, pág. 773-779, 2022.

COMITÊ ESTADUAL DE PROMOÇÃO DA VIDA E PREVENÇÃO DO SUICÍDIO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **As escolas na promoção da vida e prevenção do suicídio**. Comitê Estadual de Promoção da Vida e Prevenção do Suicídio do Estado do Rio Grande do Sul / Comissão da Criança, do/a Adolescente e do/a Jovem, Porto Alegre, 2019. Disponível: <saude.rs.gov.br> Acesso em: 14 de Jan. 2024.

COSTA, Otávio B. R. da . Conhecimento e percepção de professores do ensino médio sobre o projeto de vida, competências e habilidades (BNCC): revisão de literatura . **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 1162–1174, 2023. DOI: 10.51891/rease.v9i1.8339. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/8339>. Acesso em: 17 fev. 2023.

COSTA, Hugo H. C.; LOPES, Alice R. C.. O conhecimento como resposta curricular. *Revista Brasileira de Educação*, v. 27, n. **Revista Brasileira de Educação**, 2022 27, 2022.

LIMA, Roberta et al. A morte e o processo de morrer: ainda é preciso conversar sobre isso. **REME-Revista Mineira de Enfermagem**, v. 21, n. 1, 2017.

SANTOS, Isabela Teodoro dos et al. Síndrome de Burnout em professores durante a pandemia da COVID-19. **Revista Psicologia em Pesquisa**, v. 17, n. 2, p. 1-24, 2023.

DIEESE Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. Boletim emprego em pauta, número 21 - junho de 2021. Disponível: <https://www.dieese.org.br/> Acesso em 15 de Fev. 2024.

DUVERNOY, Doriele Silva de Andrade Costa; DE SOUZA, Gildo Lopes. PRÁTICAS RESTAURATIVAS: círculos de construção de paz com e para a comunidade escolar no enfrentamento da violência. **Momento-Diálogos em Educação**, v. 32, n. 01, p. 266-286, 2023.

ESCUDEIRO Aroldo. Sobre o viver e o morrer. In: Escudeiro A, **A morte como condição humana**. Blumenau: 2021.

ESTULANO, Poliana; VIEIRA, Mariluce Poerschke; FALER, Camilia Susana. Acirramento da saúde mental de professores frente os impactos da pandemia do COVID-19. **Seminário de Iniciação Científica e Seminário Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão (SIEPE)**, p. e33295-e33295, 2023.

FIOCRUZ. InfoGripe: Covid-19 mantém queda no Centro-Sul e aumento no Nordeste Disponível em: <https://www.canalsaude.fiocruz.br> Acesso em 11 de Dez. 2023.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1983.

FOUCAULT, Michel, 1926-1984. **O corpo utópico: As heterotopias**. Michel Foucault. Pósfacio de DETERT, Daniel. São Paulo n-1 Edições, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'gua, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985. Acesso em 29 de Dez. de 2022.
- FRANKL, Viktor. **A vontade de sentido**: fundamentos e aplicações da Logoterapia. São Paulo: Paulus, 2011.
- FU, Cong; GLASDAM, Stinne. The 'good death'in Mainland China-a scoping review. **International Journal of Nursing Studies Advances**, v. 4, p. 100069, 2022.
- FUKUMITSU, Karina Okajima ; SOUSA, F. B. . O Cuidado como fator de proteção do suicídio. **Revista Brasileira de Psicologia** , v. 2, p. 28-32, 2015.
- FUKUMITSU, Karina Okajima (org). **Educação para a Morte**: Ética, Bioética, Mídia e Comunicação. Ed. Phorte, 2021.
- GOELZER, D.; DA ROCHA, C. .; BERLESE, D. B. Preventive measures of stress and Burnout syndrome in teachers: a bibliographic review : Medidas preventivas de estresse e síndrome de Burnout em professores: uma revisão bibliográfica . **Concilium**, [S. l.], v. 23, n. 18, p. 564–571, 2023. DOI: 10.53660/CLM-1980-23N47. Disponível em: <https://www.clium.org> Acesso em: 17 jan. 2024.
- GRAUPE, Mareli Eliane; DA SILVA, Fabíola Pereira Machado; DE MATTOS MAURENTE, Rafaella. Violência educacional: uma revisão sistemática. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 15, n. 34, p. 7, 2022.
- GUZZO, Raquel Souza Lobo, SOUZA, Vera Lucia Trevisan de e FERREIRA, Áurea Lúcia Magalhães Cardoso de Medeiros. A pandemia na vida cotidiana: reflexões sobre os impactos sociais e psicológicos à luz da perspectiva crítica. **Estudos de Psicologia (Campinas)** [online]. 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-0275202239e210100>>. Acesso em 07 de Jan. 2022.
- GARNICA, Antônio V. M.. Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 1, n. Interface era Lucia Trevisan de; FERREIRA, Áurea Lúcia Magalhães Cardoso de Medeiros. A pandemia na vida cotidiana: reflexões sobre os impactos sociais e psicológicos à luz da perspectiva crítica. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 39, 2022.
- HALL, Stuart. **A identidade cultura na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro:DP & A, 2006.

- HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Editorial: PUC-Rio: Apicuri. Rio de Janeiro, 2016.
- HILLMAN, James. **Suicídio e Alma**. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.
- HIGO, Masa. A sociedade carregada de morte do Japão: cinco áreas de desafios políticos prospectivos. **International Journal of Population Studies** , v. 8, n. 2, pág. 15-24, 2022.
- KHOSA-NKATINI, Hundzukani P. Natureza patriarcal do luto na perspectiva africana. **HTS Teologiese Studies/Theological Studies** , v. 78, n. 2, 2022.
- KOVÁCS, Maria Júlia. **Educadores e a morte**. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional. Volume 16, Número 1, Janeiro/Junho de 2012.
- KOVÁCS, Maria Júlia. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Caso do Psicólogo, 1992, p. 58-89.
- KOVÁCS, Maria Júlia. Maria Júlia. **Educação para a morte**. Psicologia: Ciência e Profissão: 2005
- KOVÁCS, Maria Júlia. Maria Júlia. fala sobre morte e luto em tempos de pandemia [Entrevista]. **Programa Diversidade em Ciência** , 2021.
- KOVÁCS, Maria Júlia. Maria Júlia Kovács: 'Estamos em luto coletivo longo, com um presidente que fala coisas que nos horrorizam'. [Entrevista a Letícia Naísa]. **ComCiência** , n. Dossiê 237, p. 1-5, 2022.
- KOVÁCS, Maria Júlia. Educação para a Morte. Psicologia, **Ciência e Profissão**, 25(3), p. 484-497, 2005.
- KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **A roda da vida: memórias do viver e do morrer**. Rio de Janeiro: Sextante.1998.
- LEAL, Clarisse Gomes et al. **Morte e educação: um estudo sobre a finitude humana na perspectiva da complexidade como instrumento para uma educação integral dos sujeitos**. Trabalho de Conclusão de Curso, Caruaru, 2023.
- LIMA, Lucas Alves de Oliveira et al. Saúde mental e síndrome de Burnout: perspectivas e desafios no trabalho docente durante a pandemia de COVID-19. **Contribuciones a Las Ciencias Sociales** , v. 1, pág. 1776-1789, 2024.
- MAGALHÃES, Rodrigo Cesar da Silva. Pandemia de covid-19, ensino remoto e a potencialização das desigualdades educacionais. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos** [online]. 2021, v. 28, n. 4. pp. 1263-1267. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-59702021005000012>>. Acesso em 30 Jul 2021.

MARQUES, David; Uchôa, Roberto. A herança de meia década de descontrole sobre as armas de fogo no Brasil. In: **Fórum brasileiro de segurança pública. 17º Anuário Brasileiro De Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, p. 226-231, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em 29 de Fev. 2024.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida **Viggiani. A Pesquisa Qualitativa em Psicologia: Fundamentos e Recursos Básicos**. São Paulo: Moraes, 1989.

MELEGARO, Gian. Dez segundos para o novo mundo. In: CAMBI, Eduardo (ORG). **Pandemia da Covid-19: reflexões sobre a sociedade e o planeta** [recurso eletrônico]— Documento eletrônico. — Curitiba : Escola Superior do MPPR, 2020.

MICHEL, Caroline Luana, et al. Luto Infantil no Contexto de Pandemia: Uma Intervenção Psicoeducativa para Profissionais da Educação. **Boletim Entre SIS**, Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 2, p. 112-121, dez. 2021. Disponível em: <https://online.unisc.br › anais › Acesso em 31/12/2022>.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVA, Luís César. **A existência e a morte**. WMF Martins Fontes, 2024.

OLIVEIRA, Jéssica Antunes de; BECKER, Kalinca Léia. Análise espacial da violência escolar e urbana em escolas públicas no Rio Grande do Sul. **Geosul**, v. 38, n. 85, p. 258-275, 2023.

OMS Organização Mundial da Saúde. **Doença por coronavírus (COVID-19): Máscaras**. 12 de outubro de 2023 | Perguntas e respostas. Disponível: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/question-and-answers-hub/q-a-detail/coronavirus-disease-covid-19-masks> Acesso: 02 de Fevereiro de 2023.

OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde. **Histórico da pandemia de COVID-19**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19> Acesso em 28 de Out. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Prevenção do Suicídio: manual para professores e educadores**. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2000.

ORTEGA, Lenise Maria Ribeiro; ROCHA, Vitor Fiuza. O dia depois de amanhã – na realidade e nas mentes – O que esperar da escola pós-pandemia? **Pedagogia em Ação**, Belo Horizonte, v.13, n. 1 (1 sem. 2020) – ISSN 2175-7003. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/> Acesso em 29 de Out. 2022.

PEREIRA, Antonio Renaldo Gomes (ORG). **Nas tramas da educação: construindo saberes**. / Organizadores : Antonio Renaldo Gomes Pereira. – Itapiranga : Schreibern, 2023.

PEIXOTO, L. F.; VIEIRA, R. dos S. COTIDIANO ESCOLAR E PANDEMIA DE COVID-19 NA AMAZÔNIA. *Momento - Diálogos em Educação*, [S. l.], v. 30, n. 02, p. 183–196, 2021. Disponível: <https://periodicos.furg.br/>. Acesso em: 7 jan. 2023.

LATINNE, Alice et al. (25 de agosto de 2020). «Originandcross-speciestransmissionofbatcoronaviruses in China». *Nature Communications* (em inglês). 11 (1). 4235 páginas. Disponível: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov> Acesso em 29 de Out. 2022.

PEIXOTO, Leonardo Ferreira; DOS SANTOS VIEIRA, Rafael. COTIDIANO ESCOLAR E PANDEMIA DE COVID-19 NA AMAZÔNIA. **Momento-Diálogos em Educação**, v. 30, n. 02, p. 183-196, 2021.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?** Rio de Janeiro: Livraria José Olympo Editora/Unesco, 1973.

PIRES, José Herculano. **Educação Para a Morte** - Editora Paidéia, 9ª edição, 2004.

PRIBADI, Dimas Ria Angga et al. Perspectivas de pacientes muçulmanos indonésios com câncer de pulmão avançado na boa morte: um estudo qualitativo. **European Journal of Oncology Nursing** , v. 62, p. 102251, 2023.

PORTO, Roberta de Mendonça; PEREIRA, Jéssica Coelho de Lima. A pandemia do coronavírus e os efeitos na educação: reflexões em curso. **Rev. Artes de Educar**, v.6, – N. Especial – pág. 279 - 300 – jun.– out. 2020. Rio de Janeiro. Disponível: <https://www.e-publicacoes.uerj.br> Acesso em 07 de Jan. 2023.

PRADO, Michele. NOTA TÉCNICA 15. **Extremismo violento em ambiente escolar**. Divulgado online em 28 de março de 2023.

RANIERI, Leandro Penna; BARREIRA, Cristiano Roque Antunes. **A entrevista fenomenológica. Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos**, v. 4, p. 1-8, 2010.

REGIS, Cecília. O repertório cultural como potencialidade educativa. **Revista Científica Integrada –UNAERP- Campus guarujá**, v. 4, p. 1-15, 2021. Disponível: <https://www.unaerp.br/revista-cientifica-integrada> Acesso em 17 de Fev. 2023.

RODRIGUES, Paloma. 850 crianças e adolescentes morreram de Covid no Brasil em 2022, aponta Ministério da Saúde. Reportagem exibida online em: **G1 – Portal de Notícias da rede Globo**. Disponível em: <https://g1.globo.com> Acesso em 12 de Jan. 2023.

ROCHA, Cristianne Maria Famer. Fala em discurso sobre o conceito de “Tema Interdito” termo apresentado em relato na Participação em banca de: MORAES, Ivete Iara Gois de Moraes. Intitulada: **Vamos Conversar Sobre A Morte Na Educação?** VILLARROEL, Márcia Amaral Correa Ughini (Orientadora), 2023. Banca de Qualificação em Mestrado do curso de Pós-graduação do Mestrado Profissional em Informática na Educação (MPIE), do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Porto Alegre (IFRS - Campus POA).

ROSA, Maurício. Uma revista de pesquisa em educação matemática no meio da pandemia: mais um editorial, e daí? RIPEM: **Revista Internacional de Pesquisa em Educação Matemática**. Brasília, DF. Vol. 10, n.3. 2020, p. 1-5.

RUNGDUIN, Teresita T.; ACOPIO, John Ray; RUNGDUIN, Darwin Cruz. Uma exploração sociocultural dos conceitos de morte e morrer entre crianças Filipinas. **Hellenic Journal of Psychology**, v. 17, n. 2, pág. 119-138, 2020.

SADDI, Luciana. **Educação para a morte**. Ed. Patuá, 2017.

SANTOS, Geórgia Maria Ricardo Félix dos; SILVA, Maria Elaine da; BELMONTE, Bernardo do Rego. COVID-19: emergencyremoteteachinganduniversityprofessors' mental health. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil** [online]. 2021, pp. 237-243. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-9304202100S100013>>. Acesso em 24 Fev. 2021.

SCAVACINI, K., GUEDES, I., CACCIACARRO, M. **Prevenção do suicídio na internet: pais e adolescentes**. 1.ed. Instituto Vita Alere de Prevenção e Posvenção do Suicídio, São Paulo, 2019. Disponível: <https://vitaalere.com.br/materiais-online/cartilhas-e-manuais/> Disponível: saude.rs.gov.br Acesso em: 14 de Jan. 2024.

SINGH, Bhavneet. A visão das principais religiões da Índia sobre a morte cerebral e a doação de órgãos. **Amrita Journal of Medicine** , v. 16, n. 2, pág. 82-86, 2020.

SILVA, Diogenes Galdino Morais. A defesa da diversidade no processo de (pre)ocupação (est)ética pedagógica ou: ideias para o fim da violência nas escolas. *Revista Transmutare*, Curitiba, v. 9, e17315, p. 1-18, 2024. Disponível em: <https://revistas.utfpr.edu.br/> Acesso em 02 de Fev. 2024.

SINGARAM, Veena S.; SARADAPRABHANANDA, Swami. Tanatologia cultural: uma exploração das preocupações religiosas, espirituais e existenciais de hindus diaspóricos com doenças terminais. **Revista de religião, espiritualidade e envelhecimento** , v. 33, n. 3, pág. 311-331, 2021.

STRUPP, Julia et al. Percepções e atitudes em relação à morte, ao morrer, ao luto e à finitude da vida — uma pesquisa representativa entre o público em geral na Alemanha. **OMEGA-Journal of Death and Dying** , v. 84, n. 1, pág. 157-176, 2021.

TORRES, Wilma Costa. **O conceito de morte em diferentes níveis de desenvolvimento cognitivo**: uma abordagem preliminar. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Fundação Getúlio Vargas; Orientador: Monique Rose Aimee Augras; Rio de Janeiro, 1978.

TENREIRO-VIEIRA, Celina; VIEIRA, Rui M Pensamento crítico e criativo para a educação ciência-tecnologia-sociedade. **Revista Ibero-Americana de Ciência, Tecnologia e Sociedade - CTS** , [S. l.] , v. 17, não. 51, pág. 141–155, 2022. Disponível em: <http://ojs.revistacts.net/index.php/CTS/article/view/323>. Acesso em: 17 fev. 2023.

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância. Educação em tempos de pandemia direitos, normatização e controle social. **Um guia para Conselheiros Municipais de Educação**. Brasília, 2020.

VINHA, T., GARCIA, C., et al. **Ataques de violência extrema em escolas**: causas e caminhos. São Paulo, D3e, nov. 2023.

VILLARROEL, Márcia Amaral Corrêa Ughini. Reflexões sobre inteligência artificial e os sentidos da prática educativa na contemporaneidade. **Revista de Ciências Humanas**, v. 24, n. 2, p. 35-48, 2023.

APÊNDICE I

Professores do Ensino Médio

Idade:

Gênero:

Curso de Graduação:

Tempo de formação:

1- Durante a Pandemia causada pela COVID-19 desde Dezembro de 2019, você enfrentou alguma situação em sua profissão relacionada à temática da Morte ou Violência que comprometesse a integridade da vida? Quais foram ou são os maiores desafios que você teve ao lidar com as temáticas da Morte e/ou da violência no espaço escolar?

2- Durante a pandemia de 2019, você enfrentou em sua profissão alguma situação em relação à morte ou violência escolar no seu ambiente de trabalho? Se sim, favor descrever qual a disciplina, a situação e se houve alguma forma de abordagem didática em sala de aula:

3- Você considera que a temática da Morte e seus processos (Suicídio, Cuidados Paliativos, eutanásia etc.) e a questão da violência escolar que compromete a integridade dentro da sala de aula, são conteúdos necessários às disciplinas de formação humana?

5- A Instituição onde você trabalha ofereceu e/ou tem oferecido algum tipo de suporte a professores e/ou alunos durante o período pandêmico até o momento atual? Se sim, qual suporte foi recebido?

6- Cite quais tipos profissionais poderiam vir até a sala de aula colaborar para falar sobre as temáticas da morte e da violência dentro do espaço escolar junto com os professores em sala de aula e, em quais disciplinas você acha que este assunto poderia ser abordado?

APÊNDICE II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO –TCLE-

Pesquisa: **VAMOS CONVERSAR SOBRE A MORTE NA EDUCAÇÃO?** Natureza da pesquisa: Analisar a presença e/ou ausência de temáticas da Morte e da Violência no espaço escolar, nos currículos e/ou conteúdos no ensino médio, na perspectiva de uma teoria e práxis transversal e humanizada pela mediação digital, direcionada a professores e alunos do ensino médio de duas Escolas Públicas Estaduais no Município de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, no segundo semestre de 2023. Responsabilidade da pesquisa é da pesquisadora principal: Ivete Lara Gois de Moraes, aluna do **Instituto Federal do Rio Grande do Sul -IFRS- Campus Porto Alegre, junto ao Programa de Pós- graduação do Mestrado Profissional em Informática na Educação**, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Márcia Amaral Corrêa Ughini Villarroel. **Participação na Pesquisa:** Será preservado aos participantes, por parte das pesquisadoras. **-Confidencialidade:** Todas as informações dos participantes serão confidenciais e voluntárias. Além disso, somente após o devido esclarecimento, leitura do TCLE e, seu aceite, haverá a continuidade da pesquisa através de entrevistas gravadas e, presencialmente. **Direito à Informação:** Todas as informações desta pesquisa serão fornecidas de forma clara e, esclarecidas pela pesquisadora principal a qualquer momento, por email ou pelo telefone em anexo no final deste documento e, presencialmente sempre que necessário e solicitado durante e após a pesquisa, até a publicação dos dados. A coleta dos dados será realizada através de uma **entrevista semiestruturada e flexível, gravada**. As gravações serão mantidas por um prazo de 5 anos em mídia tecnológica e, após deletadas. Para a publicação dos resultados obtidos, **os participantes serão identificados por nomes fictícios** de “Flores, Cores ou Animais” à escolha dos participantes da pesquisa e, todas as informações que possam levar à sua identificação direta serão omitidas. **Gratuidade e Integridade:** Esta pesquisa não irá trazer **nenhuma compensação** financeira ou de outra forma material a nenhum dos envolvidos. Além disso, será assegurada a assistência de auxílio pontual por eventuais prejuízos manifestados e decorrentes de sensibilização psicoemocional relacionada a esta pesquisa, de acordo com as resoluções e normas operacionais de Pesquisa Científica envolvendo seres humanos, com orientações de referenciamento para assistência na rede pública de Saúde. **Benefícios da Pesquisa:** Os benefícios da pesquisa estão vinculados à possibilidade de inserção da temática da Morte nos currículos educacionais de forma a desmistificar o tema e, humanizando a temática na Educação, priorizando a inserção da morte e seus processos em uma educação para a morte. A **colaboração voluntária** contribuirá para potencializar tanto o trabalho desenvolvido nesta pesquisa e, para qualificar os saberes e fazeres docentes na perspectiva da temática proposta. Os participantes têm conhecimento de que a qualquer momento poderá se **esclarecer as dúvidas** que tiver em relação à entrevista, assim como usar da liberdade de deixar de participar desta pesquisa, sendo possível estar em contato junto à pesquisadora: Ivete Lara Gois de Moraes através do Email: psicoivethe@outlook.com ou pelo Telefone: (51) 982984492.

***O aceite ou recusa deste termo para participar, também será um dado relevante para a pesquisa.**

APÊNDICE III

Figura 21 Representação do E-book ThaNaThos:



IVETE IARA GOIS DE MORAES -IFRS
MÁRCIA AMARAL CORRÊA UGHINI VILLARROEL -IFRS

Você já pensou em qual serão nossas consequências diante das catástrofes climáticas e sociais a longo prazo e, como isso implica na Educação?



O educador constitui seu vínculo afetivo com o aluno a fim de contribuir na aprendizagem, por meio da sua concepção sobre a subjetividade, fazendo assim um ser crítico para compreender e debater sobre as diversidades de assuntos presentes nas aulas, como também fora do ambiente escolar. As expressões de afeto auxiliam na transmissão de saberes durante a mediação, de modo que, atribuídas às condições de ensino tornam o ambiente escolar um apoiador social (NASCIMENTO; MAGNO, 2024, p. 124).

Leia o QR Code com o celular ou Clique com o mouse em cima do ícone para abrir o link automaticamente.



VAMOS CONVERSAR SOBRE A MORTE NA EDUCAÇÃO?

Este E-book intitulado "Thanatos" é o resultado de uma pesquisa de Mestrado apresentada ao Instituto Federal do Rio Grande do Sul -IFRS- Campus Porto Alegre, junto ao Programa de Pós- graduação do Mestrado Profissional em Informática na Educação, sob orientação da Prof. Dr. Márcia Amaral Corrêa Ughini Villarroel. O intuito foi o de disponibilizarmos um material reflexivo e de diálogos construtivos em educação sobre a morte e o morrer, construído e direcionado a Professores.



Educação para a morte é melhor para se sentir bem em relação ao tema e disponibilidade para ouvir a experiência de familiares, pacientes e amigos (KOVÁCS, 2016, 415).



Terceira parte: Artigos Científicos.



Quarta Parte: Reflexões Semelhantes.



Seja um Multiplicador de Diálogos sobre a Morte e Seus processos: Ressignifique!

Diálogos, Dúvidas, Sugestões:
<https://www.instagram.com/thanathoseducarparaamorte/>

Resultados da Pesquisa

APÓS A LEITURA DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCOLHIDO, ACEITE DIGITAL DOS PROFESSORES QUE SE DISPUSERAM A PARTICIPAR DO ESTUDO, A COLETA DOS DADOS (DIALOGOS) RESULTOU EM FALAS QUE DESENHARAM UMA REALIDADE ENFRENTADA NA DE...

VIOLÊNCIA NA ESCOLA
Durante a pandemia, o filho da mãe de um aluno meu. Ele foi mal comigo na minha matéria matemática e, ela não aceita que ele fosse mal comigo. Disse que eu estava pegando o pé dele e, ela me ameaçou de morte. Então disse que se eu botasse o pé na escola eu ia tomar um tiro. Daí eu simplesmente não fui mais a diretora até me liberou [...]
Professor colaborador Serpente

PAIDEMIA E MORTE NA ESCOLA
Simplesmente o governo não deixou a deriva. As escolas não fizeram os seus protocolos. Quando as escolas tiveram formação, muitos professores [...] Vou dizer mais, tinha entrado no Meet antes da pandemia foi traumático. Demorei um ano a acostumar com isso [...]
Professor colaborador Vermelho

VIOLÊNCIA NA ESCOLA
Daqui só eu sei falar porque tem alunos que relataram esse tipo, assim, esse tipo de tentativa de matar uma colega de Suicídio. Assim, eu encaminhei para psicólogos para o conselho de monitorar. E aí eu tentei ajudar de alguma forma [...]
Professor colaborador Rosa

...a realidade contr... a confecção deste ebook, realizado a partir do "retalho de contr... as temáticas da Morte e o morrer e, da presença na escola... conteúdo escrito é referente ao material... pela disse... de Mestrado intitulada **Vamos conversar sobre a Morte?** Escrita por Ivete Iara Gomes Moraes e orientada pela Prof. Dra. Márcia A. G. U. Villarroe. Os artigos e vídeos selecionados neste livro foram elaborados por educadores, cada artigo tem um vídeo e Link para o acesso completo da obra de cada autor.

Os dados da pesquisa foram coletados com os professores colaboradores como flores em um jardim, escritos e publicados aqui, para que você compreenda a necessidade de entender um pouco sobre estas temáticas em todas as áreas do conhecimento. A necessidade de nos solidarizarmos para com a Escola como um todo que está incluída na sociedade. A intenção é a de que haja uma sensibilização e desmistificação de tabus que excluem a vida e a violência escolar dos conteúdos didáticos e de práticas construtivas dentro e fora da sala de aula. Tudo isso realizado por Ivete Iara Moraes e Márcia A. G. U. Villarroe.



Ivete I. G. Moraes



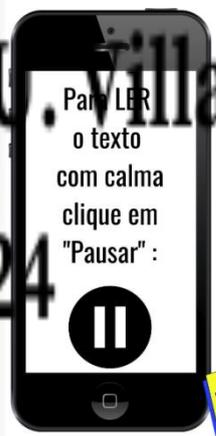
Logos sobre uma Educação para a Morte e o Morrer...

- 1 Para ler com atenção, clique em Pause se necessário;
- 2 Veja os vídeos e Leia os Artigos na íntegra, para melhor compreensão da temática;
- 3 Seja um multiplicador e humanizador de Diálogos sobre as Temáticas da Morte.

📍 Diálogos, Dúvidas, Sugestões:
<https://www.instagram.com/thanathoseducarparaamoroe/>

Você sabia que a Educação contribui com vários Diálogos sobre a Morte e o Morrer nas mais diversas disciplinas do conhecimento humano?

A IDÉIA DO E-BOOK THANATHOS É DESPERTAR A CONSCIÊNCIA DE UMA EDUCAÇÃO PARA A MORTE NAS DIFERENTES DISCIPLINAS DO CONHECIMENTO, DISSOLVENDO TABUS E AUXILIANDO A PENSARMOS CONJUNTAMENTE NA TEORIA E PRÁXIS DIRECIONADA À ESTA TEMÁTICA QUE INCLUI A VIOLÊNCIA ESCOLAR.



📌 Leia o QR Code com o celular ou clique no link abaixo para acessar o artigo.

Afinal, o que é a Educação para a Morte? Será possível modificar, transformar e ensinar sobre a morte? Primeiramente, toda vez que nos referirmos a Educação para a Morte, incluímos aí a morte, o morrer e o processo de luto que acompanha e segue estes processos (TINOCO, p. 1, 2003).

Se por um lado é crescente o número de pessoas que se interessa por este assunto, é grande o número de pessoas que demonstra atitudes de negação ou evitação quando se trata de morte. A morte ainda é um tema desconfortável para muitas culturas. A atmosfera de negação da morte que se instala nestas culturas influencia nas gerações, resultando numa compreensão pobre tanto do que é a morte (TINOCO, p. 2, 2003).

Educação para a morte é abertura para sentimentos em relação ao tema e disponibilidade para ouvir a experiência de familiares, pacientes e amigos. Cursos, palestras e atividades, que permitam esta abertura, são formas de preparo, permitindo a reflexão sobre atitudes frente à morte, no âmbito pessoal e profissional. Também podem levar à instrumentalização do tema frente à morte e permitir que alunos e profissionais se sintam instrumentalizados para enfrentar situações pessoais vinculadas à morte (VÁCS, 2016, p.415).



Para ter acesso ao Artigo na íntegra, clique ou leia com a câmera do celular o QRCode abaixo:



Para ter acesso ao Artigo na íntegra, clique ou leia com a câmera do celular o QRCode abaixo:

Sabemos que levará anos para conseguirmos reverter todos os impactos do vírus da COVID-19 deixou na vida das pessoas. Além disso, teremos que consolidar um combate ao abandono escolar e a recuperação da aprendizagem, tais medidas precisavam da escuta e participação de toda equipe de educadores (PEREIRA: 2024, p. 15).

Para ter acesso ao Artigo na íntegra, clique ou leia com a câmera do celular o QRCode abaixo:



COM A Morte ENSINA SOBRE A VIDA?



no QRCode



A comunicação e a interação são pontos que desafiam o educador, para que ao diagnosticar algum tipo de diferença entre seus alunos, seja física ou psicológica, seja trabalhada por meio de métodos e modos, algo que permita o máximo de interação em sala de aula (NASCIMENTO; MAGNO, 2024, p. 14).



Nete I. G. Moraes

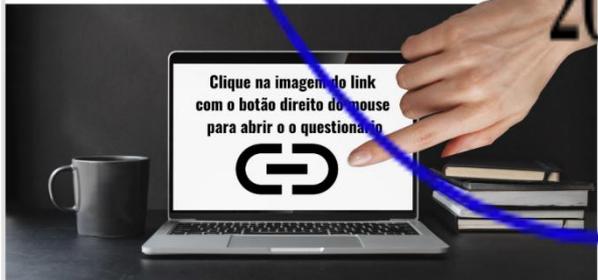
thanathos2024@gmail.com

Você já tinha conhecimento deste tema: Educação para a morte? Se sim, divida conosco sua experiência e opinião através do link do formulário abaixo: Clique no Link da imagem do Notebook:

Márcia A. C. U. Villarroel



2024



Reuniremos na sequência desse Ebook alguns artigos científicos, de diferentes disciplinas que se preocupam em construir uma Educação que contemple a Morte e o Morrer em seus conteúdos da Vida Escolar: A ideia é a de que este seja um espaço para Reflexões conjuntas, possibilitando que os Professores se manifestem por Email ou no Instagram e, que posteriormente possamos incluir neste ebook os Diálogos construídos para que possamos reelaborar o E-book Thanatos de forma coletiva, sensível e Humanizada.

Diálogos, Dúvidas, Sugestões: <https://www.instagram.com/thanathoseducarparamorte/>

LETRAMENTO EM TEMÁTICAS DA MORTE

Ivete Iara Gois de Moraes³
Prof.^a Dr.^a Márcia Amaral Corrêa Ughini Villarroel⁴
Karen Seibach Borges²
Ana Joceli da Silva de Matos¹

1. DESACOMODANDO O PENSAMENTO

Amanheçemos. Despertamos, escovamos os dentes. Tomamos o pequeno banho do dia a dia que se segue o café da manhã. Conversamos com o pai, o irmão ou a mulher com o marido. Informamo-nos das primeiras notícias. Saímos de casa. Andamos na rua. Cruzamos com pessoas que vamos conhecer. Fazemos no semáforo. Esperamos a luz verde cuja significação aprendemos na infância e em momento nenhum nos perguntamos o que indagamos em torno de nada das coisas que fizemos. Dos dentes que escovamos, da ducha que tomamos, do café que bebemos (e não seria melhor se tentássemos reclamar algo coxo saindo da refeição com vermelhidão do máfimo por causa da qual paramos sem tomar o café, em outras palavras: imersos na cotidianidade, mas não nos perguntamos nas suas "ruas" nas suas "calçadas". Sem maiores necessidades, vamos seguir sobre nada. (FREIRE, 1997, p. 83).

Há necessidade de indagarmos, de nos indagarmos (mas não nos indagando) na tinta desta escrita, em cada palavra, misturando-se com o que já sabemos, há muito estavam encarcerados em pensamentos, parados em palavras, presos em pretensões textuais que nada têm de cusadas e/ou de verdadeiras. São apenas recortes de um olhar humilde sobre demandas de origem que urge(m) pela

- 1 Enfermeira. Mestranda do Curso Profissional em Informática em Rede (Atualização) na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em Recife (PE), Brasil. E-mail: thanathos2024@gmail.com
- 2 Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande (IFERJ) em Rio Grande (RS), Brasil. Doutora em Pedagogia e Educação. E-mail: marciaacorrea@terra.com.br
- 3 Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande (IFERJ) em Rio Grande (RS), Brasil. Doutora em Informática. E-mail: karen.borges@iferj.edu.br
- 4 Professora da rede Estadual de Ensino de Pernambuco (PE), Mestranda do Curso Profissional em Informática na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em Recife (PE), Brasil.

Para ter acesso ao Artigo na íntegra clique ou leia com a câmera do celular o QR Code abaixo:



REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA MORTE CONSTRUÍDAS POR CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL I E SUAS IMPLICAÇÕES NO ENSINO DE CIÊNCIAS

ENSAIO
Minha história com a Morte

Fui criada pelos meus avós em uma fazenda no interior de Goiás. Eu morava em uma casa grande, estilo colonial, que foi passada de geração após geração. Nessas terras, foi edificado, por minhas tataravós, um cemitério, que no início era para enterrar familiares, depois amigos, conhecidos. O cemitério ficava na entrada da fazenda, era o ponto de referência de nossa casa: "Vá seguindo a estrada, quando avistar o cemitério vire à direita!"

Desde a infância participei de vários enterros. Além disso, todos os anos, no mês de novembro, eu ia com minha avó e algumas primas dela limpar o cemitério para o dia de finados. A limpeza consistia em lavar túmulos, entre eles, o túmulo de minha tataravó, o qual consistia em uma construção vertical de aproximadamente dois metros quadrados em paredes de vidro e uma porta que tem uma fechadura com chave. Dentro, o túmulo é de revestimento cerâmico e tem uma prateleira onde são colocados flores e um rosário.

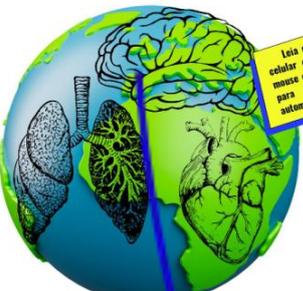
Quando eu era pequena me levavam a velórios, eu já era acostumada. Nesses eventos eu conhecia outra criança para fazer amizade e brincar durante as horas em que eu estava sozinha de um idoso, estava sendo velado. Então, esses rituais funerários eram eventos rotineiros em minha infância.

Leia o QR Code com o celular ou clique com o mouse em cima do QR Code para abrir o link automaticamente.



GEOGRAFIA

O cemitério é um tema importante que contribui para o desenvolvimento da ciência no âmbito de Políticas Públicas. A ciência não pode e não deve evitar o estudo de temas ligados às necrópoles (cemitérios), pois, nesse contexto, a relação entre o ambiente e cemitérios precisa ser conhecida em todas as suas dimensões, principalmente quando o cadáver humano pode ser causa de alterações ambientais e risco à saúde dos vivos (NASCIMENTO et al, 2020, p.21).



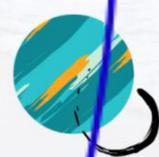
Leia o QR Code com o celular ou clique com o mouse em cima do QR Code para abrir o link automaticamente.



ARTES

Quando se trata do tema MORTE, podemos identificar claramente um preconceito cultural sobre o assunto, e ao mesmo tempo em um processo de busca por uma associação com o estético e com o belo, dentro das salas das escolas), é rompido com os fatos históricos, sociais e culturais nos propõe. Abrir espaço para este diálogo entre a arte e a morte e os indivíduos que fazem parte deste meio, é oportuno e reflete a reflexão do papel da arte no meio escolar, principalmente quando as escolas inseridas em meios violentos (CAVALCANTI et al, 2019).

Leia o QR Code com o celular ou clique com o mouse em cima do QR Code para abrir o link automaticamente.

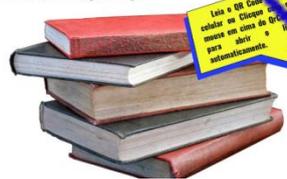


Ivete I. G. Moraes

LÍNGUA PORTUGUESA

Nossas selfies, arriscando a própria vida nunca deixarão de trazer um rosto, porque rosto é isso: é a alteridade, é o modo como nos apresentamos a nós mesmos e ao mundo. Esses pés, essas mãos, até mesmo essas cabeças que vemos nos autorretratos são o conjunto de elementos que são vestígios de comunicação do que é um rosto. Essas faces incomuns é que incomodam, chocam e que comunicam, pois não é simplesmente registrar o momento, é ir além, é pensar que o ser humano tem em si o rosto pelo risco e vive em um elo entre o prazer e o desprazer, da repetição em busca de seu estado de conservação (VARGAS: ABREU, 2020, p. 250).

As fotografias, sejam elas por quais motivos, trazem memória, afeto e nos fazem tomar posição sobre nossos rostos e os rostos dos outros, uma vez que são campos de desejo e que nos fazem questionamentos sobre o humano e seu papel no mundo. As análises desses autorretratos dos quais muitos resultam em morte, nos fazem reconfigurar a fotografia, pela cultura, estética e nos pulsões do mundo (VARGAS: ABREU, 2020, p. 255).

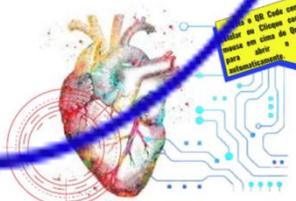


Leia o QR Code com o celular ou clique com o mouse em cima do QR Code para abrir o link automaticamente.



Educação e Tecnologias: uma experiência inovativa com estudantes de Computação

A morte, sempre presente, mas temida, silenciada, interdita nas discussões, está presente também no espaço escolar, nos pensamentos e sentimentos de estudantes e docentes muitas vezes enlutados, que mesmo diante dessa dor lacerante precisavam continuar com as atividades e ressignificar a normalidade da vida rapidamente para não serem excluídos no ideário capitalista de nossa sociedade (TRIVISAN; MACIEL; BIM, 2022).



Leia o QR Code com o celular ou clique com o mouse em cima do QR Code para abrir o link automaticamente.



Detentora de um discurso moral, a sociedade não se sente mais á vontade em tratar da morte, pois ela despe o ser humano de uma aura eterna e consagra o fracasso, portanto é melhor que seja sempre a morte do outro, sem exceder o ponto ético de querer mostrar-se. A interdição da morte é um processo lento, quase imperceptível, que é imposto, interiorizado e expresso no domínio dos gestos, do olhar, das palavras e das atitudes em relação à morte e ao luto. É a morte domada (SOUZA, 2009, P. 18).

HISTÓRIA

Falar da morte sem exagerar no mórbido é um desafio, mas falar da morte é a pulsão da vida e compreendê-la, apesar de não dá-lhe um sentido imaginário, do inconsciente é engrã-la no destino humano e no destino instigante dele (SOUZA, 2009, P. 18).



Com isso, a Educação Matemática mesmo em um período tão obscuro continua desenvolvendo pesquisas e publicando os resultados dessas, de forma a alcançar o maior número de professores de Matemática e pesquisadores da área, compartilhando suas experiências e trabalhos científicos. Não deixamos de fazer mesmo quando o assunto é sobre o luto, pensamos em trabalhar principalmente as questões que implicam na pandemia. Primeiramente, a falta de liderança, entretanto, nos cabe engajar as pesquisas e educar reforçando a importância da vida e o que a sociedade deve se embasar para não podemos nos calar, não podemos desanimar. Devemos sim lutar pelo grande número de mortos e nos solidarizar com todos os/as/es familiares, amigos/amigas/amigos/as/es e companheiros/companheiras/es e familiares dos/das/destes (SOUZA, 2020, p.5).

MATEMÁTICA



FILOSOFIA

Para pensar a morte filosoficamente tem-se que superar duas alternativas falsas: a de que a morte seja uma negação absoluta e a que admite uma vida mortal. Não se trata de encontrar um equilíbrio entre elas, mas de afastá-las como enganadoras, observando-as de um ponto de vista mais alto, o filosófico. Enquanto o senso comum tem uma visão singular e interessada das coisas, o filósofo observa-as no seu todo, buscando esclarecer sua gênese (CACCIOLA, 2007, p. 96).



Prof. Daniel Gomes de Carvalho
Aula sobre: Morte e Filosofia



Ivete I. G. Moraes

A morte como tema sociológico

Um olhar sobre os fundamentos e a importância do estudo da morte como tema sociológico

Fernando Antonio Oliveira Ribeiro ^[1]
Universidade de Evora
fernando@uevora.pt

SOCIOLOGIA

Resumo

Neste trabalho analisamos sumariamente algumas bases teóricas da sociologia da morte e algumas das suas dimensões sociais. Esta é uma área de estudo, no âmbito da sociologia, à qual consideramos ter sido dada pouca atenção, mas que, e como argumentaremos é, do ponto de vista sociológico, é fundamental na construção social. A morte é um dos factos que mais contribui para pensar a vida e a vida em sociedade. Ter consciência da morte é ter consciência do limite da própria existência e de nossas relações em sociedade. O estudo da morte reveste-se de uma importância particular para compreendermos a dinâmica das sociedades. É também e é ao mesmo tempo um foco, difusor dos valores, condutas e representações da totalidade social em que se insere.

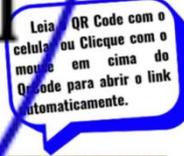
Palavras-Chave: Sociologia da morte, atitudes perante a morte.



SOCIOLOGIA



O Suicídio



ARTIGO

Ensino Fundamental

AUSÊNCIA PRESENTE EM SALA DE AULA: A MORTE DE UM ALUNO/A E O COTIDIANO ESCOLAR NA PERSPECTIVA DE PROFESSORAS

AUSENCIA PRESENTE EN EL AULA: LA MUERTE DE UN ESTUDIANTE Y EL COTIDIANO ESCOLAR EN LA PERSPECTIVA DE PROFESORAS

PRESENT ABSENCE IN THE CLASSROOM: THE DEATH OF A STUDENT FROM THE PERSPECTIVE OF TEACHERS

RESUMO: Este artigo apresenta um estudo exploratório sobre a ausência de um aluno/a por morte por doença no Fundamental I. Enfoca a realidade das professoras e sua perspectiva frente à turma de crianças. Trata-se de uma perspectiva psicopedagógica e psicológica de luto e morte na área da saúde escolar. Identifica, nos casos estudados, impactos da morte escolar no cotidiano da turma em sala de aula. Competu às professoras e às equipes pedagógicas lidar com a situação entre luto e vida escolar, estabelecer um ambiente acolhedor e seguro para lidar com os desafios emocionais e cognitivos decorrentes da perda. Os resultados estão organizados, ainda, por meio das práticas realizadas em sala de aula, consideradas e consideradas por elas fundamentais para o suporte da vida escolar das crianças e das professoras.

PALAVRAS-CHAVE: Prática pedagógica, luto na escola, morte de criança, Cotidiano escolar, Anos iniciais do ensino fundamental.



A escola ante a morte e a infância: (des)construção dos muros do silêncio

Daynah Waihrich Leal Giarettoni
Luísa da Rosa Olesiak
Mikaela Aline Bade München
Alberto Manuel Quintana

Ensino Fundamental

A escola ante a morte e a infância: (des)construção dos muros do silêncio. Este artigo apresenta um estudo exploratório sobre a ausência de um aluno/a por morte por doença no Fundamental I. Enfoca a realidade das professoras e sua perspectiva frente à turma de crianças. Trata-se de uma perspectiva psicopedagógica e psicológica de luto e morte na área da saúde escolar. Identifica, nos casos estudados, impactos da morte escolar no cotidiano da turma em sala de aula. Competu às professoras e às equipes pedagógicas lidar com a situação entre luto e vida escolar, estabelecer um ambiente acolhedor e seguro para lidar com os desafios emocionais e cognitivos decorrentes da perda. Os resultados estão organizados, ainda, por meio das práticas realizadas em sala de aula, consideradas e consideradas por elas fundamentais para o suporte da vida escolar das crianças e das professoras.

PALAVRAS-CHAVE: escola; infância; morte; luto. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.

A vivência do luto na sala de aula

Instituto PIAGET
Campus Instituto de Análise
Escola Superior de Psicologia Piaget

Inês Rodrigues
Educação na Moura

Relatório Final da Prática de Supervisionada

O presente projeto pretendia apresentar como é vivenciada a perda por parte da criança e de um dos progenitores, nas vivências do pré-escolar e do 1º ciclo, de modo a proporcionar à comunidade mais chegada à criança como os docentes, formas adequadas de intervir sobre a temática do luto. O objetivo primordial é auxiliar o docente para que este consiga intervir de forma ativa e positiva no luto da criança em contexto de sala de aula.

Considera-se que o presente estudo é relevante, pois existe um grande déficit de informação e ainda uma necessidade de se falar, refletir e discutir sobre o tema, de modo a que o mesmo deixe de ser tabu.

É fundamental salientar alguns dos resultados obtidos através da pesquisa de informação e da realização de entrevistas. A falta de informação por parte dos docentes no seu percurso académico, tal como muitos dos docentes agirem com a ajuda da sua vida pessoal, no que toca ao auxílio à criança que viveu a perda. A ajuda dos progenitores vivos em conjunto com o/a docente e com um profissional especializado é um ponto fundamental no que toca à boa vivência do luto. O reforço positivo e mostrar que o docente está sempre lá, pronto para o que der e vier e assegurar que a criança não esquece e tende a procurar nos momentos que considera que estão a ser os mais difíceis.

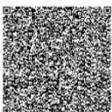
Esta temática do luto e da morte tem sido e continuam a ser assuntos que não são muito pouco estudados, como também são pouco estudados. É importante possibilitar o estudo da morte na educação.

Palavras-chave: morte, criança, perda, luto, progenitor/a.

A violência na sala de aula.

A história mostra que a violência, por ser uma construção humana, também pode ser desconstruída. Diante das evidências históricas, é possível inferir que, entre outras intervenções para diminuir a sua incidência e as elevadas taxas de morte – acima das contabilizadas em muitas guerras – a educação pode e deve ser uma forma política de atuação, de maneira a apresentar resultados a médio e longo prazo (MINAIO, 2013, p. 260).

É imprescindível dialogar com os estudantes sobre nossas ações no ambiente escolar, bem como, dar atenção às suas falas e necessidades individuais e coletivas, tanto no contexto pessoal, quanto no contexto escolar. A escola deve ser compreendida como um local acolhedor e um ambiente de memória afetiva e não de revolta. Por isso, precisamos inserir os estudantes nas tomadas de decisões sobre a promoção da paz na escola (OLIVEIRA; PAIXÃO; BRITTO, 2024, p. 7).



A violência na sala de aula.

Sustenta-se a necessidade de uma formação para autorreflexão crítica e para autonomia, para que os indivíduos também sejam capazes de se recusar a participar das formas de violência em curso, olhar criticamente para a realidade e buscar formas coletivas para transformação social (RIBEIRO, 2024, p. 7).

O enfrentamento da violência nas escolas requer uma colaboração contínua entre educadores, pesquisadores, profissionais da saúde mental e responsáveis, com o objetivo comum de criar ambientes educacionais seguros e propícios ao desenvolvimento integral das crianças e adolescentes (DIAS; PAULA; CARVALHO, 2023, p. 105-106).



... não abordaremos a violência de forma mais ampla, pois nosso foco é a morte. Apenas citamos alguns autores desta temática no entendimento de que a morte também é decorrente da Violência que invadiu as escolas de forma bárbara. Assim como a Educação para a Morte é urgente, a Educação para a Paz é uma emergência para a Humanidade.

THANATOS



2024

Márcia A. C. U. Villarroel

Ivete L. G. Moraes

Leia o QR Code com o celular ou clique com o mouse em cima do QR Code para abrir o link automaticamente.

Leia o QR Code com o celular ou clique com o mouse em cima do QR Code para abrir o link automaticamente.

Leia o QR Code com o celular ou clique com o mouse em cima do QR Code para abrir o link automaticamente.

Leia o QR Code com o celular ou clique com o mouse em cima do QR Code para abrir o link automaticamente.

Ensino Fundamental: Como falar da Morte com crianças?

Pare. Respire.

Sinta seu coração. Pense.

Mantenha-se aberto e... longo...

Lucia Elizabeth Paiva
A arte de falar da morte para crianças



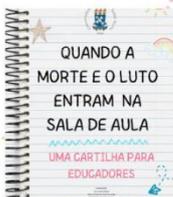
Leia, Informe-se: Construa seu próprio Conhecimento e multiplique Diálogos.

Leia, Informe-se: Construa seu próprio Conhecimento e multiplique Diálogos...



Ivete I. G. Moraes

SITES COM MATERIAIS DE APOIO PARA TEMÁTICA DA MORTE/LUTO NA ESCOLA



INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL/TEMÁTICA DA LUTO

Advertência: a criação de um "humano digital" pulsando e respirando por algoritmos tecnológicos, deve ser desenvolvida e trabalhada com apoio de um Educador e, com o amparo da Psicologia.



UneeQ Creator



Márcia A. C. U. Villarroel

2024

Leia o QR Code com o celular ou Clique com o mouse em cima do QRCode para abrir o link automaticamente.

Leia o QR Code com o celular ou Clique com o mouse em cima do QRCode para abrir o link automaticamente.

Leia o QR Code com o celular ou Clique com o mouse em cima do QRCode para abrir o link automaticamente.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL/TEMÁTICA DA LUTO

Advertência: a criação de um "humano digital" pulsando e respirando por algoritmos tecnológicos, deve ser desenvolvida e trabalhada com apoio de um Educador e, com o amparo da Psicologia.

HereAfter



botghost



SITES COM MATERIAIS DE APOIO PARA TEMÁTICA DA MORTE/LUTO NA ESCOLA

Bullying, suicídio e omissão na escola

A série "13 Reasons Why" aborda temas como bullying, suicídio e omissão na escola. Uma estudante tirou a própria vida após sofrer com bullying.

Relatório

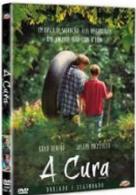
O extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil: ataques às escolas e alternativa para a ação governamental

Leia o QR Code com o celular ou Clique com o mouse em cima do QRCode para abrir o link automaticamente.

Leia o QR Code com o celular ou Clique com o mouse em cima do QRCode para abrir o link automaticamente.

Leia o QR Code com o celular ou Clique com o mouse em cima do QRCode para abrir o link automaticamente.

FILMES DE APOIO PARA TEMÁTICA DA MORTE/LUTO NA ESCOLA



Leia o QR Code com o celular ou Clique com o mouse em cima do QRCode para abrir o link automaticamente.



Esperamos que este livro e book estimule não só o estudo sobre a temática, mas também que nós (eu e você) possamos trabalhar em Diálogos sobre a Morte e o Morrer de forma sensível, reflexiva, Científica e solidária, acima de tudo, **HuMaNiZaDa** em uma Educação para a Morte e seus processos de ViDa.

Ivete I. G. Moraes

@ Diálogos, Dúvidas, Sugestões:
<https://www.instagram.com/thanatoseducarparaamorte>

Marcia A. C. U. Villarreal

A questão da Morte e do morrer não pode ser de domínio somente de uma área ou de determinadas disciplinas! Esta é uma temática de ordem Humana. O espaço da sala de aula foi invadido pela Morte, pelo adoecimento na Pandemia causada pela COVID-19.

Abrir espaços de diálogos para com a Morte na Educação requer sensibilidade e estudo independente, não necessita somente de títulos acadêmicos intermináveis e Phd's em Tanatologia. As leituras acima, são o aval de que qualquer disciplina está apta criativa e didaticamente a falar sobre as temáticas relativas ao morrer, adquirimos este "certificado" na via real desde 2019 e, necessitamos encerrar estes diálogos a partir deste instante... Vamos conversar sobre a Morte enquanto há Vida?

É importante que as crianças tenham a oportunidade de trocar opiniões com colegas, aprender sobre esse fenômeno intrínseco da existência humana e descobrir que podem receber apoio enquanto durar o sofrimento, inclusive na sala de aula, mesmo que, especialmente as mais novas, ainda não entendam completamente a ideia da morte.

Quando esse tema surge com a morte de algum parente ou de alguma pessoa próxima de um dos alunos da turma. Também pode ser despertado por um processo de superação dos pais, ou a morte de algum ídolo da juventude. A forma como nós, educadores, nos comportamos diante do fato e planejamos uma intervenção adequada pode fazer toda a diferença para os alunos (Educador 360).

Para ter acesso a reportagem, clique ou leia com a câmera do celular o QRCode abaixo:



As vezes, o Diálogo sobre a Morte e seus processos tem perguntas sem respostas. Algumas vezes, essa conversa se dá no silêncio, no olhar e no gesto. Extraordinariamente, pode ser raciocínio, sem nenhuma lógica planejada, alguns diálogos sobre a Morte ou seus processos, somente são criados através da superação de qualquer palavra, sob o amplexo de um Abraço ou da cumplicidade de um olhar! Na Educação para a Morte, a habilidade é a própria vulnerabilidade e a capacidade de ter sensibilidade(s) em Diálogos e abraços...



Professores, que você tem a dizer sobre a Morte na sua Disciplina?



Para ter acesso a reportagem, clique ou toca com a câmera do celular e QRCode acima:



Compartilhando um Plano de Aula em um vídeo, com a descrição de seus processos, você pode ajudar a construirmos uma página do Instagram: **thanatos: Educação para a Morte**

para dar autoria ao seu Plano de Aula e, para compartilhar Diálogos e Diálogos a respeito da Morte: Plataforma

@ Diálogos, Dúvidas, Sugestões: <https://www.instagram.com/thanatoseducarparaamorte/>



Ivete I. G. Moraes
Márcia A. C. U. Villarreal

Agradecemos sua Atenção e Colaboração

- ✓ Mantenha Diálogos
- ✓ Multiplique Conhecimento
- ✓ Humanize a Temática da Morte

Diálogos, Dúvidas, Sugestões:
<https://www.instagram.com/thanatoseducarparaamorte/>

SOMOS MUITO GRATAS À CADA PROFESSOR QUE TRILHOU CONOSCO O CAMINHO DESTA TCCITA, ESPECIALMENTE AOS COLABORADORES QUE DEDICARAM SEU TEMPO, NA FALA PARA DIVIDIR E NOS O "TRECHOS" DE SUAS VIDAS NA DISSERTAÇÃO: VAMOS CONVERSAR SOBRE A MORTE NA EDUCAÇÃO?

TODOS ESTES, SERES HUMANOS, HUMANIZADOS, COMO NÓS (IVETE E MÁRCIA), TOCADOS PELAS TEMÁTICAS DA FINITUDE NO CICLO VITAL.

2024

ANEXO

PLATAFORMA BRASIL (ACEITE)

INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO RIO
GRANDE DO SUL



Intimação do Parecer: 5.784.664

Considerações Finais a critério do CEP:

Não foram observados óbices éticos.

O projeto está aprovado e, após a finalização da última etapa, conforme cronograma cadastrado na Plataforma Brasil, o pesquisador possui o prazo de 60 dias para envio do relatório final via Plataforma.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---------------------------------|---|------------------------|------------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_2011867.pdf | 08/11/2022 00:40:20 | | Aceito |
| Solicitação registrada pelo CEP | RESPOSTA_PENDENCIA.pdf | 08/11/2022 00:39:19 | IVETE IARA GOIS DE MORAES | Aceito |

Endereço: Rua General Osório, 348 - 3º andar- sala 303
Bairro: CENTRO CEP: 95.700-086
UF: RS Município: BENTO GONCALVES
Telefone: (54)3449-3340 E-mail: cep@ifs.edu.br

| | | | | |
|---|--------------------------------|------------------------|------------------------------|--------|
| Projeto Detalhado / Brochura | PROJETO_DETALHADO.pdf | 08/11/2022 00:40:20 | | Aceito |
| Investigador | | | | |
| Cronograma | CRONOGRAMA.pdf | 08/11/2022 00:20:12 | IVETE IARA GOIS DE MORAES | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TALEalunosmenor.pdf | 29/09/2022 09:40:11 | IVETE IARA GOIS DE MORAES | Aceito |
| Folha de Rosto | FOLHA_ROSTO_ASSINADA.pdf | 28/09/2022 18:13:42 | IVETE IARA GOIS DE MORAES | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE_Assinado_Paula_Soares.pdf | 23/09/2022 14:05:19 | IVETE IARA GOIS DE MORAES | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE_3.pdf | 09/09/2022 14:05:19 | IVETE IARA GOIS DE MORAES | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE_2.pdf | 09/09/2022 14:05:12 | IVETE IARA GOIS DE MORAES | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE_1.pdf | 09/09/2022 14:04:57 | IVETE IARA GOIS DE MORAES | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BENTO GONCALVES, 29 de Novembro de 2022

Assinado por:
CINTIA MUSSI ALVIM STOCCHERO
(Coordenador(a))

Endereço: Rua General Osório, 348 - 3º andar- sala 303
Bairro: CENTRO CEP: 95.700-086
UF: RS Município: BENTO GONCALVES
Telefone: (54)3449-3340 E-mail: cepesquisa@ifs.edu.br



PERMITA-SE O DIÁLOGO SOBRE A MORTE NA EDUCAÇÃO



Ivete I. G. Moraes
Márcia A. C. U. Villarroel
2024

